



VARAL DE CARTAS PEDAGÓGICAS:

Constituir-se pesquisador(a) em Educação

NILDA STECANELA
DÉBORA SALVADOR BIZOTTO

Organizadoras



VARAL DE CARTAS PEDAGÓGICAS

CONSTITUIR-SE PESQUISADOR(A) EM EDUCAÇÃO

Nilda Stecanela
Débora Salvador Bizotto
(Organizadoras)

NOTA: Dado o caráter autoral e acadêmico deste livro, o texto publicado respeita as normas e técnicas bibliográficas utilizadas pelo autor/a. A responsabilidade pelo conteúdo do texto desta obra é dos respectivos autor e autora, não significando a concordância da editora com as ideias publicadas.

IMPORTANTE: Muito cuidado e técnica foram empregados na edição deste livro. No entanto, não estamos livres de pequenos erros de digitação, problemas na impressão ou de alguma dúvida conceitual. Avise-nos por e-mail: editora@dialogofreiriano.com.br

© **TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.** Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, especialmente por sistemas gráficos, microfílmicos, fotográficos, reprográficos, fonográficos, videográficos. Vedada a memorização e/ou a recuperação total ou parcial, bem como a inclusão de qualquer parte desta obra em qualquer sistema de processamento de dados. Essas proibições aplicam-se também às características gráficas da obra e à sua editoração. A violação dos direitos é punível como crime (art. 184 e parágrafos do Código Penal), com pena de prisão e multa, busca e apreensão e indenizações diversas (art. 101 a 110 da Lei 9.610, de 19.02.1998, Lei dos Direitos Autorais).

Nilda Stecanela
Débora Salvador Bizotto
(Organizadoras)

VARAL DE CARTAS PEDAGÓGICAS

CONSTITUIR-SE PESQUISADOR(A) EM EDUCAÇÃO

Diálogo Freiriano
Veranópolis – RS
2024

CONSELHO EDITORIAL

Ivanio Dickmann – Brasil

Adan Renê Pereira da Silva - Brasil

Aline Mendonça dos Santos - Brasil

Fausto Franco Martinez – Espanha

Fátima Stela B. V. Barbosa - Brasil

Jorge Alejandro Santos –Argentina

Marcelo Valente de Souza - Brasil

Miguel Escobar Guerrero - México

Carla Luciane Blum Vestena -Brasil

Ivo Dickmann - Brasil

José Eustáquio Romão - Brasil

Enise Barth – Brasil

EXPEDIENTE

Editor Chefe: Ivanio Dickmann

Diagramação: Gislaine Telles

Capa: Daniel Fernandes

Revisão editorial: Cida Nilen

Esse livro passou pelo processo de revisão por pares dentro das regras da Qualis Livros da CAPES

FICHA CATALOGRÁFICA

S811v Stecanela, Nilda.

Varal de cartas pedagógicas: constituir-se pesquisador(a) em educação / Nilda Stecanela, Débora Salvador Bizotto. – Veranópolis: Diálogo Freiriano, 2024.

ISBN 978-65-5203-126-6

1. Pesquisa educacional. 2. Pesquisa e educação. 3. Pedagogia. 4. Pesquisadores. I. Título.

2024_0683

CDD 370.72 (Edição 23)

Ficha catalográfica elaborada por Karina Ramos – CRB 14/1056

EDITORA DIÁLOGO FREIRIANO

CNPJ 20.173.422/0001-76

Av. Julio de Oliveira, 295 – Sala 303

CEP 95.330-000 - Veranópolis – RS

Instagram: @editoradialogofreiriano

Whatsapp: [54]99297 8620



APRESENTAÇÃO

Nilda Stecanela, Débora Salvador Bizotto

Este livro é resultado de um convite para a escrita de Cartas Pedagógicas que emergiu da turma do Seminário de Metodologia da Pesquisa em Educação, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) da Universidade de Caxias do Sul, ministrado pela professora Nilda Stecanela. A atividade integra a missiva das práticas de pesquisa inseridas no âmbito dos seminários e já computa oito volumes publicados pela Editora Diálogo Freiriano. O título do livro tem inspiração no Varal de Cartas Pedagógicas, organizado pela professora Ana Lúcia de Freitas, há vários anos, no mês de setembro, em Paris, no Jardim Mariele Franco.

A primeira carta do livro é a expressão de um convite feito pela professora Ana Lúcia Souza de Freitas, após as interações vivenciadas em um dos encontros do Seminário, no qual participou como convidada, enriquecendo as discussões acerca do tema/título: Andarilhagens com Cartas Pedagógicas e outros registros na formação para a pesquisa.

A segunda carta é uma escrita coletiva da turma, respondendo ao convite da professora Ana Lúcia. As palavras dessa carta revelam o desafio de uma escrita a várias mãos, dialogam acerca da Carta Pedagógica enquanto instrumento de Pesquisa, das Andarilhagens de cada pós-graduando. Além disso, analisam os resultados das interações da turma com um questionário proposto pela professora Ana Lúcia, a partir da reflexão sobre as relações individuais com as Cartas Pedagógicas, em três sentidos complementares: a escassez da experiência das cartas na contemporaneidade; a função pedagógica das cartas; a presença das Cartas Pedagógicas na formação acadêmica.

As vinte e cinco Cartas Pedagógicas seguintes são produções dos pós-graduandos e da professora Nilda, nas quais cada autor registra as percepções e sentimentos a respeito do movimento inicial na sua constituição como pesquisadora (o) em educação, buscando em sua ‘caixa de costura’ (metáfora escolhida para esta escrita associada ao ‘artesanato intelectual’) os retalhos, as tesouras, as linhas e as agulhas para a tessitura das suas narrativas. E no âmbito deste caminho está a escolha do método como um elemento articulador das suas ‘identidades em negociação’.

Além das percepções e sentimentos, os autores evocam em suas cartas os diálogos, as indagações, os dilemas, as buscas (e os encontros com elas) que circularam nos quatro meses em que tiveram imersos nas práticas

reflexivas do Seminário, estabelecendo uma conversa com os autores lidos e com aqueles que os convidaram para a leitura, mas que ainda não reservaram um tempo para se deliciar com suas abordagens.

As cartas abarcam inspirações de palavras autorais que transpiram os ecos das relações com os objetos de pesquisa e com o compromisso social/pedagógico/científico/ético assumido com a área da Educação e com o bem-comum.

A última Carta intitulada “Tecendo histórias, tecendo vidas e pesquisando com Cartas Pedagógicas” é uma Metacarta Pedagógica escrita pela professora Ana Lúcia (Analu), a convite da professora Nilda, que reflete, analisa e sistematiza de uma forma muito amorosa todas as cartas que compõem o livro.

Este livro, portanto, é um convite para a imersão em um rico repertório de experiências, reflexões, sentimentos e percepções que dialogam sobre o processo de tornar-se pesquisador e pesquisadora em educação.

Que a leitura das palavras e reflexões aqui contidas inspire outras escritas (reflexivas).



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
<i>Nilda Stecanela, Débora Salvador Bizotto</i>	
CONVITE PARA ESCRITA DE UMA CARTA PEDAGÓGICA COLETIVA	10
<i>Ana Lúcia Souza de Freitas</i>	
RESPOSTA AO CONVITE PARA ESCRITA DE UMA CARTA PEDAGÓGICA COLETIVA	14
<i>Professora Nilda, Débora, Patrícia Ferreira, Paola, Taís, Susana, Gilvânia, Mônica, Marieli, Nicole</i>	
CARTA: A CAIXA ARTESANAL	25
<i>Camila Siqueira Rodrigues Pellizzer</i>	
PESQUISA EM EDUCAÇÃO: UMA TRAMA DE NÓS E AFETOS	28
<i>Débora Salvador Bizotto</i>	
CARTA PEDAGÓGICA	32
<i>Deise Gabriela Cavalheiro</i>	
EXPLORANDO CAMINHOS NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO: REFLEXÕES E AGRADECIMENTOS	35
<i>Eliete Dal Molin</i>	
TECENDO SABERES: REFLEXÕES INICIAIS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO PARA A PESQUISA	38
<i>Gilvania Pires Santos Kuiava</i>	
CLAREAR: LINHAS DE ENCONTROS DE UM SER PESQUISADOR	42
<i>Júlia Duarte Schenkel</i>	
O SENTIDO DE SER O SER (CON)SENTIDO	48
<i>Kathia Maris Mariani Sonalio</i>	
A MUDANÇA COMO ELEMENTO CHAVE AO PERTENCIMENTO ACADÊMICO	51
<i>Leticia Montanari Carra Balen</i>	
MOVIMENTOS DA PESQUISA EM EDUCAÇÃO	55
<i>Marcus Vinícius Comandulli Ruppental</i>	

MICRORREVOLUÇÕES A FORÇA DE CONSTITUIR-SE PESQUISADORA NO/DO COTIDIANO	58
<i>Maria Itelvina de Oliveira Prateado Costa</i>	
PRIMEIROS PASSOS DO PERCURSO DE UMA PESQUISADORA	66
<i>Marieli Paim de Lima</i>	
DE PONTO EM PONTO, COSTURO MINHA HISTÓRIA.....	69
<i>Maurem de Castilhos</i>	
CARTA PEDAGÓGICA.....	74
<i>Milena A. Vieira da Silva</i>	
CARTA PEDAGÓGICA.....	76
<i>Mônica Sônego Ferraça</i>	
O SEMINÁRIO DE METODOLOGIA DA PESQUISA EM EDUCAÇÃO: TRICOTANDO REFLEXÕES E POSSIBILIDADES	80
<i>Nicole Martini Longhi</i>	
CARTA PEDAGÓGICA: A POÉTICA NA EDUCAÇÃO PELO CORPO - CONSTITUIÇÃO DE UM CARTÓGRAFO.....	84
<i>Nilcéia Pereira Kremer</i>	
UMA METÁFORA PARA CRIAR: UMA VIDA EM MEIO A LINHAS, RETALHOS, AGULHAS, TESOURAS.....	87
<i>Nilda Stecanela</i>	
CARTA PEDAGÓGICA.....	90
<i>Paola Monteiro de Barros</i>	
UM NOVO OLHAR PARA A PESQUISA EM EDUCAÇÃO	95
<i>Patrícia Ferreira Moreira</i>	
CARTA A UM COLETIVO DE INVESTIGADORES EM EDUCAÇÃO: PALAVRAS SÃO COMO FIOS.....	100
<i>Patrícia Giuriatti</i>	
AS ANDARILHAGENS NO CONSTITUIR-SE PESQUISADOR EM EDUCAÇÃO	103
<i>Rodrigo Luís de Quadros</i>	

A AVENTURA DE CONSTITUIR-SE PESQUISADORA	106
<i>Rubia Hoffmann Ribeiro</i>	
TESSITURAS DO CONHECIMENTO: ANDARILHAGENS, CORTE E COSTURA DOS SABERES DA PESQUISA.....	109
<i>Susana Bettú</i>	
CARTA PEDAGÓGICA.....	112
<i>Taís Baldasso</i>	
O VOO ERRÁTICO DA BORBOLETA	116
<i>Valéria Armani</i>	
METACARTA PEDAGÓGICA	122
<i>Analu</i>	
REFERÊNCIAS.....	131
APÊNDICE: CONVITE PARA ESCREVER SUA CARTA PEDAGÓGICA!.....	139
<i>Nilda Stecanela</i>	
ÍNDICE REMISSIVO	141



CONVITE PARA ESCRITA DE UMA CARTA PEDAGÓGICA COLETIVA

Andarilhagens com Cartas Pedagógicas
e outros registros na formação para a pesquisa

Ana Lúcia Souza de Freitas

Rio de Janeiro¹, 29 de maio - 03 de junho de 2024.

Querida Nilda, querida turma desbravadora da pesquisa com Cartas Pedagógicas em tempos de incerteza, tristezas e solidariedade aguçadas

[...] a aula não é algo que se dá, mas que se faz, no trabalho conjunto de professores e alunos [...] O fazer a aula não se restringe à sala de aula, está além de seus limites, no envolvimento de professores e alunos com a aventura do conhecimento, do relacionamento com a realidade (Rios, 2008, p. 27).

Escrevo a vocês após termos realizado a aula do dia 28 de maio, na disciplina Metodologia de Pesquisa em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul, da qual tive o prazer de participar como convidada. O tema/título estudado nesta aula foi o mesmo que atribuo à escrita que neste momento dirijo a vocês: Andarilhagens com Cartas Pedagógicas e outros registros na formação para a pesquisa. Importante dizer que começo o escrever na madrugada seguinte, ainda impactada pela emoção/reflexão do encontro, que segue reverberando e desperta (literalmente!) novas provocações!

Inicialmente, peço desculpas se ao escrever-lhes me torno de alguma forma contraditória, uma vez que finalizamos a aula com a proposição de realizarmos uma escrita coletiva, por adesão. Entretanto, espero que a contradição seja apenas aparente, pois a finalidade desta Carta Pedagógica é justamente incentivar a adesão à escrita coletiva. Aliás, preciso dizer que fiquei feliz em saber da criação de um Google drive, dando providências imediatas ao encaminhamento sugerido no calor da emoção/reflexão ao final da aula do dia 28.

¹ A escrita desta Carta Pedagógica é literalmente uma expressão do conhecimento produzido no movimento das Andarilhagens, cujas intercorrências impuseram lidar com as incertezas. De modo tão inusitado quanto simbólico, a participação na aula do dia 28 de maio ocorreu no aeroporto Santos Dumont, no Rio de Janeiro.

Importa destacar, esta aula foi um encontro atípico, por motivos decorrentes deste trágico momento em que as enchentes no Rio Grande do Sul ganharam proporções nunca antes imaginadas! A situação que se instaurou, ao longo deste mês de maio, é motivo de indignação e tristeza, envolvendo lidar com perdas e dores e mobilizando refletir sobre a inexorável impermanência da vida. Obviamente a precariedade das condições instauradas no RS incluem o tempo/espço da aula na universidade, igualmente impactado pelas condições objetivas - falta de acesso das estradas, à luz e internet, entre outras - e subjetivas, uma vez que a situação afeta emocionalmente todas as pessoas, de diferentes formas.

Neste contexto, o convite para conversar sobre as Cartas Pedagógicas levou a questionar os sentidos (ou a falta de sentido) de estudar e escrever quando tantas inviabilidades se sobrepõem. Por outro lado, sendo este um tempo marcado por uma aguçada solidariedade, nacional e internacionalmente exercida, instigou pensar sobre o que a escrita de Cartas Pedagógicas poderia significar nesta situação. Foi assim que o convite à participação na aula do dia 28 provocou a revisitar a concepção da escrita como cura, com inspiração em Paulo Freire e bell hooks, e com a própria experiência de ter feito da escrita de diários pessoais uma forma de lidar com o sofrimento em tempos particularmente difíceis. Foi assim que me deparei a pensar: Como a escrita de Cartas Pedagógicas poderia contribuir para aliviar a dor e a reconstrução de vidas no Rio Grande do Sul?

Com esta reflexão, busquei estabelecer conexões com o momento presente, mesmo diante do sentimento de que tudo carece de sentido. Mas o que de fato motivou participar desta aula foram as relações de amorosidade e compromisso estabelecidas com a professora Nilda, que não só me impediram de negar o convite, como também desafiaram valorizar o redobrado esforço das presenças e produzir algo especial para nosso encontro. Seria possível realizar uma aula de alguma forma convidativa ao diálogo? Assim, foi depois de nossa conversa de planejamento; que incluiu a preocupação sobre como animar o ato de estudar neste momento, que ganhou concretude a criação do questionário sobre sua/nossa relação com as Cartas Pedagógicas. Esta elaboração, esboçada há algum tempo, mas ainda não realizada, tornou-se viável nesta turma do Seminário na UCS, demarcando um diferencial na experiência das Andarilhagens com Cartas Pedagógicas e outros registros na universidade. Por isso, esta escrita também tem como finalidade expressar meu profundo agradecimento pelo modo como esta proposição foi acolhida e realizada com vocês!

O questionário permitiu realizar um rápido levantamento que proporcionou uma visão geral da turma sobre as relações com cartas e com a reinvenção das Cartas Pedagógicas, também servindo de apoio ao diálogo, com uma sequência de três reflexões complementares:

- a escassez da experiência das cartas na contemporaneidade;
- a função pedagógica das cartas;

- a presença das Cartas Pedagógicas na formação acadêmica.

Pelo diferencial do encontro, reitero a proposição da escrita coletiva para marcar presença da turma como um todo e de cada um/a – somando esforços para a produção de conhecimento com Cartas Pedagógicas no ensino superior. Esta escrita será relevante contribuição para a pesquisa “Andarilhagens com Cartas Pedagógicas e outros registros em diálogo franco-luso-brasileiro”, iniciada em outubro de 2023, sob minha coordenação, no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal do Pampa (Unipampa) – Jaguarão/RS.

Se desejarem participar mais diretamente da pesquisa em andamento, sugiro a elaboração de uma Carta Memória da aula do dia 28, com dupla finalidade:

- (1) compartilhar a experiência, destacando suas singularidades;
- (2) registrar a emoção/reflexão em processo, ou seja, valorizando o pensamento presente e desafiando a curiosidade epistemológica em relação às futuridades vislumbradas.

Com tal finalidade, a elaboração de uma Carta Memória se diferencia de uma escrita do tipo ata, sucinta e objetiva; inversamente, pretende ser uma escrita reflexiva que tanto apresente ideias e proposições, quanto dúvidas, questionamentos e provocações diversas. Sem dúvida, a singularidade da aula do dia 28 de maio também diz respeito ao modo como genuinamente vivenciamos a proposição de “Fazer a aula com Cartas Pedagógicas” (Freitas, 2021), por meio do diálogo produzido a partir do questionário.

O diálogo exercido demarcou um diferencial em relação a outras experiências, apresentando questões que podem ser melhoradas, ampliadas e diversificadas no sentido de investigar a presença das Cartas Pedagógicas na universidade. Nesta direção, se possível, incluam na Carta Memória os resultados de mais uma questão, que ampliará as reflexões propostas no questionário tematizando a futuridade da experiência com as Cartas Pedagógicas, conforme segue:

Qual é o seu interesse em relação ao futuro da experiência com as Cartas Pedagógicas?

- a) foi/está sendo bom conhecer, mas não se aplica à sua área de atuação nem ao que pretende investigar
- b) foi/está sendo bom conhecer, mas ainda não surgiu uma motivação que justifique reinventá-las em seu local de trabalho ou na experiência da pesquisa
- c) está pensando em incluir um convite à escrita de Cartas Pedagógicas em seu local de trabalho ou em algum contexto educativo de sua escolha
- d) além de realizar o convite à escrita de Cartas Pedagógicas em ações futuras, pretende analisar o processo e os

resultados, somando esforços para a produção de conhecimento nesta direção

- e) nenhuma das alternativas expressa adequadamente seu interesse em relação ao futuro da experiência com as Cartas Pedagógicas

Agradeço antecipadamente as adesões à escrita coletiva da Carta Memória, que sem dúvida trará significativas contribuições para a pesquisa em andamento. Todas as contribuições serão bem-vindas! Reitero o convite para que a escrita neste Seminário seja posteriormente compartilhada no V Piquenique Cultural com Paulo Freire no Jardim Marielle Franco, em Paris, que ocorrerá no domingo 22 de setembro.

Aproveito ainda para sugerir duas leituras, além das anteriormente indicadas:

1. o artigo “Donald Schön e Paulo Freire: um diálogo fecundo na formação de uma professora-pesquisadora” (Freitas, 2017) para quem quiser saber mais sobre minha relação com as cartas e suas implicações para compreender/exercer/teorizar o registro e reflexão na experiência de uma professora-pesquisadora;
2. os Anais do XXIII Fórum (Moretti et al, 2022), para quem quiser conhecer Cartas Pedagógicas que apresentam experiências com Cartas Pedagógicas.

Além disso, em breve estará disponível em forma impressa o livro Andarilhagens de uma educadora pesquisadora: Cartas Pedagógicas e outros registros de participação no Fórum de Estudos Leituras de Paulo Freire, em edição ampliada, celebrativa à XXV edição do evento.

Finalizo com a expectativa da continuidade do diálogo sobre a pesquisa com Cartas Pedagógicas, bem como sobre as possibilidades de atribuir sentidos à escrita neste trágico momento da história do RS.

Abraço solidário e até breve.

Ana Lúcia Souza de Freitas



RESPOSTA AO CONVITE PARA ESCRITA DE UMA CARTA PEDAGÓGICA COLETIVA

O desafio de escrever uma carta pedagógica a várias mãos

Professora Nilda, Débora, Patrícia Ferreira, Paola, Taís, Susana, Gilvânia, Mônica, Marieli, Nicole

Professora Ana Lúcia, aqui é a professora Nilda escrevendo e situando o encaminhamento do seu convite feito à turma. Escrevi o que segue no arquivo compartilhado no drive da disciplina: “Pessoal, atendendo ao convite-provoc-Ação da professora Ana Lúcia, geramos este arquivo para a construção de uma carta pedagógica coletiva, a fim de expressar nossas impressões, dilemas, assertivas, confianças, entusiasmos, sínteses sobre o uso da carta pedagógica no ensino, na pesquisa, na extensão e na gestão. Abraços, Profe Nilda”

Queridas(os) pós-graduandos!

(Nilda escrevendo) Hoje, 28 de maio de 2024, em uma tarde-noite fria, úmida e gelada na serra gaúcha, nos encontramos presencial e virtualmente no abrigo do Seminário de Pesquisa em Educação, em nosso 12º encontro para tratar do uso da carta (pedagógica) na pesquisa.

(Débora escrevendo)

Nesse encontro tivemos a oportunidade de conhecer a professora Ana Lúcia Souza de Freitas, que compartilhou conosco as suas experiências com as cartas pedagógicas, expressão originária do imenso legado de Paulo Freire.

Mas antes de nos aprofundarmos sobre as cartas pedagógicas no contexto da turma, não podemos deixar de fazer referência a *andarilhagem*, termo freiriano, que esteve presente nos ensaios para a construção de títulos para a aula, e que permeia as pesquisas de Ana Lúcia. Em uma escrita com Nakayama (2022), as autoras definem andarilhagem como “um conceito /expressão que nos convida à reflexão sobre os caminhos percorridos, sobre as escolhas a serem feitas em novos percursos, bem como sobre o/s sentido/s para continuar” (Freitas e Nakayama, 2022, p.3).

Não haveria termo mais representativo que a andarilhagem para expressar o vivido nesse encontro. Ana Lúcia andarilhou até o Rio Grande do Sul para participar do XXV Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire, que estava marcado para acontecer de 23 a 25 de maio na Faculdade de

Educação da UFRGS, em Porto Alegre. Devido a catástrofe climática que assolou nosso estado nesse período, o evento foi adiado.

Mas a andarilhagem da prof.^a Ana Lúcia até o nosso encontro persistiu, e virtualmente, de um aeroporto do Rio de Janeiro, com todos os desafios de se conectar em um lugar movimentado e barulhento, com múltiplas andarilhagens acontecendo, tivemos um encontro incrível, repleto de reflexões, anseios, dúvidas, surpresas. Naquela 1hora e 30 minutos de aula todos se conectaram, nossas andarilhagens se entrecruzaram por escola, alegria e esperança.

Para representar esse encontro também é oportuno refletirmos sobre as palavras de Carlos Rodrigues Brandão, autor do verbete *andarilhagem* no Dicionário Paulo Freire (2008):

Somos humanos porque aprendemos a andar. Somos humanos porque aprendemos a pendular entre um “estar aqui” e um contínuo “partir”, “ir para”. Entre os que andam, viajam e vagam, há os que se deslocam porque querem (os viajantes, os turistas), os que se deslocam porque creem (os peregrinos, romeiros), os que se deslocam porque precisam (os migrantes da fome, os exilados, e há os que se deslocam porque devem (os “engajados” – para usar uma palavra cara aos dos anos 1960 – os “comprometidos com o outro, com uma causa”) (Zitkoski, Streck, Redin, 2008, p.41)

Exemplo de engajamento foi o que tivemos entre as pessoas que vivenciaram esse encontro. Engajamento da prof.^a Ana Lúcia, que mesmo com os desafios da instabilidade de conexão com a internet e com as adversidades do local em que se encontrava, compartilhou de forma muito generosa e cordial parte de suas pesquisas e andarilhagens conosco. Engajamento da profa. Nilda, que interagiu com o grupo, mediando os debates daqueles que estavam presencial e virtualmente em aula, em uma conversa clara, amorosa, respeitosa e profícua, que acolhe, fomenta, e dá sentido à experiência acadêmica de uma turma de mestrandos e doutorandos. Também, engajamento dos pós-graduandos, alguns enfrentando o frio e a chuva estando presencialmente na Universidade; outros participando dos seus lares ou locais de trabalho, mas que também superaram os seus desafios cotidianos voltando os olhares para as cartas pedagógicas. Em conjunto, de forma colaborativa, ouvindo ou falando, acolhendo e refletindo, todos puderam pensar sobre esse tema que reverbera muitas memórias afetivas e que, talvez, sobre o qual alguns nem tivessem pensado poder fazer parte de uma escrita acadêmica.

Perpassando por essa contextualização sobre as Andarilhagens de cada um para chegar até esse encontro, começamos a analisar e refletir sobre os resultados das interações da turma com um questionário proposto pela professora Ana Lúcia. O questionário foi elaborado a partir da reflexão sobre sua/nossa relação com as cartas em três sentidos complementares:

- Primeira reflexão: sobre a escassez da experiência das cartas na contemporaneidade.
- Segunda reflexão: sobre a função pedagógica das cartas.
- Terceira reflexão: a presença das Cartas Pedagógicas na formação acadêmica.

A turma foi convidada a interagir com o questionário via formulário (Google forms). Até o dia de hoje (02 de junho de 2024), 14 pós-graduandos haviam interagido com o questionário.

Na primeira questão, Qual a sua experiência em relação a enviar e receber cartas? Duas respostas apareceram com a maior incidência (35,7%): a alternativa c) tem histórias para contar sobre ter enviado e recebido cartas pelo correio postal; e a alternativa d) além de ter histórias para contar, enviar e receber cartas pelo correio postal ainda ocupa um lugar especial na sua vida.

Esses dados evidenciam que no contexto da turma as cartas ocupam um espaço que reverbera memórias afetivas, enraizadas nas relações interpessoais, como uma forma de diálogo com as pessoas amadas que, pelas andarilhagens da vida, por alguns momentos se fazem distantes. Recorrendo novamente ao Dicionário Paulo Freire (2008), encontramos nas palavras de Adriano Vieira esse diálogo, ao mesmo tempo rigoroso e afetivo, que permeia as cartas pedagógicas.

[...] referir-se às cartas pedagógicas implica referir-se ao diálogo, um diálogo que assume o caráter do rigor, na medida em que registra de modo ordenado a reflexão e o pensamento; um diálogo que exercita a amorosidade, pois só escrevemos cartas para quem, de alguma forma, nos afeta, nos toca emotivamente, cria vínculos de compromisso (Zitkoski, Streck, Redin, 2008, p.65).

Na segunda questão: Como as cartas exerceram função pedagógica na sua formação pessoal e acadêmica? Duas respostas também se destacaram frente às demais: a alternativa b) enviar e receber cartas contribuiu para desenvolver o hábito e o gosto de escrever (28,6%); e a alternativa c) atividades de ensino com cartas na escola ou na universidade foram uma forma de aprender a “dizer a sua palavra”, por escrito (35,7%).

A respeito da mesma questão, outro ponto que se torna relevante é de que apenas dois pós-graduandos escolheram como resposta a alternativa d) *a experiência das cartas como procedimento de pesquisa desafiou autorias ao promover o diálogo por meio da escrita foi mencionada*. Isto evidencia que no âmbito da turma as cartas pedagógicas, enquanto procedimento de pesquisa, ainda são pouco exploradas, ou são desconhecidas pelo grupo como uma possibilidade de interação acadêmica.

Fato que é reforçado pelas interações que emergem da terceira questão: *Qual a sua experiência em relação às Cartas Pedagógicas na*

universidade? Em que 50% dos pós-graduandos, escolhem como resposta a alternativa *a) o contato com a expressão é recente*.

Diante a exposição desse dado importante, a prof^a Ana Lúcia reforça que a expressão ‘cartas pedagógicas’ teve origem nos anos 2000, é um instrumento que convida ao diálogo, uma escrita política e posicionada, um processo de engajamento, do qual emergem muitos desafios:

Quais as diferentes finalidades empregadas às Cartas Pedagógicas? Quais as dificuldades encontradas e quais as ações de mediação pedagógica exercidas para desencadear e apoiar o processo de escrita? Qual o rigor compatível com a escrita de uma Carta Pedagógica, sem descaracterizar a amorosidade que a constitui? (Freitas, 2021, p.7).

Na tentativa de responder a essas questões compreendemos que ... PATRÍCIA F (escrevendo) ...a prática da escrita de cartas pedagógicas na pesquisa, vem se constituindo na contemporaneidade, em uma experiência narrativa, inventiva, reflexiva e afetiva, visto que tal prática foi e continua sendo utilizada pela humanidade ao longo da história, como meio de potencializar as relações interpessoais, além de possibilitar o acesso às informações, ao diálogo e ao conhecimento.

Tal prática da escrita por meio de cartas pedagógicas, possibilita o fomento dos processos educativos, a vivacidade da imaginação, da curiosidade e da reflexão, um ato dialógico que pode ser registrado e compartilhado com alguém ou simplesmente um convite à reflexão do próprio autor.

Precisamos repensar em novas possibilidades de escrita acadêmica, escritas que sejam mais sensíveis, poéticas e humanizadas, que tenham o poder de dizer mais do que palavras, conceitos e/ou resultados de estudos de pesquisa. A experiência de escrita envolvendo cartas pedagógicas possibilita um experimento inusitado e amoroso, que além de produzir memórias pode servir de ponte para um diálogo em permanente construção.

PAOLA (escrevendo):

Uma carta escrita a muitas mãos me lembra uma roda aberta de samba, daquelas onde todos ou tocam ou cantam ou batem palmas, onde todos são bem-vindos, e onde o plural se faz íntegro, inteiro. Esse lugar de integração, de atravessamentos, é que caracteriza nossa carta pedagógica. O termo andarilhagem veio sendo apresentado nesta carta como tema de fundo do encontro que tivemos com a professora Ana Lúcia para conversarmos sobre as cartas pedagógicas, como aquele repique de atabaque que marca a batida do samba, dá o tom e o ritmo. Andarilhagem que nos moveu até a disciplina de Metodologias de Pesquisa e permitiu este encontro.

Como os caminhos, os encontros, as rodas ecoam em nossas aulas da disciplina de Metodologias de Pesquisa? Percebo os caminhos que percorremos (andarilhamos) até a sala de aula, ou até nossas casas (nas aulas online), onde exercitamos a percepção cada vez mais problematizadora da realidade, a partir dos debates que tecemos no aprofundamento teórico em

conexão com a prática. Nos encontros diversos, como esse com a professora Ana Lúcia, que trouxe o rigor amoroso das cartas pedagógicas, que apontou nestas escritas a ética com que Paulo Freire clama os professores progressistas a agir. Nas rodas que se formam na sala de aula da disciplina, em um exercício de horizontalidade, de apoio à descoberta dos conteúdos, das pessoas, mas especialmente à descoberta de si.

Conhecer mais sobre essa possibilidade de escrita que é a carta pedagógica foi muito importante. Sempre penso a carta como um papel escrito à mão, enviado pelo correio, com selo decorativo, depositado na caixa do correio do destinatário. Segundo a professora Ana Lúcia, esse é um tipo de carta, mas não é uma carta pedagógica. A carta pedagógica, de concepção freireana, embora permita uma escrita mais descomplicada, mais autoral, mais intimista, exige, na mesma medida, um rigor teórico quanto ao assunto tratado, uma responsabilidade acadêmica quanto aos argumentos utilizados e, acima de tudo, exige dialogicidade.

Como citado anteriormente, fomos convidados, através de um questionário enviado pela professora Ana Lúcia, a pensar sobre nossa relação com as cartas (Pedagógicas ou não). Imagino que, ao lerem as perguntas e respostas, alguns podem ter percebido, como eu, que a diferença de idade se revela nas diferentes experiências com as cartas. Os mais velhos, talvez, tenham tido mais contato com a ação de trocar cartas escritas. Pergunto: Email não é também carta? Com outro suporte, outra velocidade, mas com construção semelhante às das cartas de antigamente - assunto, destinatário, boa tarde, boa noite, atenciosamente, abraço, até logo. Os mais novos, no entanto, tendo saído mais recentemente de cursos de graduação, estejam mais a par da possibilidade de escrita de uma carta pedagógica. De qualquer forma, as cartas não estão tão distantes assim das nossas práticas.

As reflexões que pontuo aqui não são certezas, são impressões que carecem de muito mais aprofundamento e pesquisa e que talvez nem caibam nesta carta, mas são provocações que ficaram pulsando a partir da conversa com a professora Ana Lúcia. Pulsando como repiques de atabaque (ou falas da andarilhagem trazida por ela), melodia de fundo gravada no inconsciente, que carregamos por alguns dias após a roda de samba (ou ecos das trocas do encontro da aula).

Enfim, os saberes vão sendo construídos em meio aos encontros que vão acontecendo, em um caminhar na educação que não se finaliza e que com a amorosidade que Freire tanto valorizava, nos ensina onde chegar. Peço licença para trazer um trecho do samba Andanças, de Beth Carvalho (1969), que brinca com a andarilhagem freireana desta carta:

Já me fiz a guerra por não saber (me leva amor)
Que esta terra encerra meu bem-querer (amor)
E jamais termina meu caminhar (me leva amor)
Só o amor me ensina onde vou chegar
(Por onde for quero ser par)

TAÍS (escrevendo):

Para início de conversa o termo carta me remete ao passado, algo que já foi a principal forma de comunicação, mas que hoje se extinguiu ou quase isso. Ao pensar a proposta da professora Nilda sobre cartas pedagógicas o termo soou estranho, em desuso e que pelas exigências acadêmicas não seriam utilizadas nessa caminhada de aluno pesquisador. Ao responder o questionário da professora Ana Lúcia, comecei a refletir sobre os usos da carta inclusive no meio acadêmico. Um tempo mais refletindo sobre, me dei conta que as cartas pedagógicas escritas pela professora Nilda como introdução de cada aula são um exemplo de possibilidade de uso das cartas por professores. Cartas, essas, que deixam a proposta mais leve, fluida, sensível, afetiva e fazem uma aproximação do escritor com o leitor. Poder pensar a carta como forma de escrita mesmo na pesquisa é inovador, pelo menos para mim, e com as contribuições da professora Ana Lúcia isso tornou-se realmente possível. Exigindo todo o rigor metodológico que se espera de um aluno pesquisador, a escrita em forma de carta pode ser prazerosa e libertadora.

Conforme o texto lido para a aula da autora Ana Alcídia Araújo Moraes “A carta ainda tem sido um recurso pouco utilizado na pesquisa, embora alguns estudos deem conta de que mais recentemente seu uso venha crescendo.” Acredito que vem ao encontro do meu pensar sobre a escrita de cartas ser uma “novidade” no meio acadêmico e que merece atenção e visibilidade dos pesquisadores e professores. Poder pensar a escrita acadêmica de forma menos dura, concreta e estática é reconfortante. Há outras formas de escrita, que com o mesmo rigor metodológico, podem fazer parte do meio universitário, basta nos encorajarmos frente a este desafio.

Para encerrar trago um trecho do texto *Tarrafa de pescaria: o uso da carta na pesquisa* da autora Ana Alcídia Araújo Moraes (2006) apud Fazenda & Soares (1996) o qual nos traz a reflexão de que não estamos excluindo ou desvalorizando as formas de escritas mais utilizadas, mas sim trazendo para a possibilidade a escrita de cartas pedagógicas.

Entre o convencional e o não-convencional, em pesquisa e produções acadêmicas, não cabem juízos de valor. Não se trata de valorizar o não-convencional e desvalorizar o convencional, nem cabem aqui comparações maniqueístas. Na verdade, convencional ou não-convencional não é propriamente a metodologia de pesquisa, é a maneira como as pessoas veem a metodologia. Creio que não é absurdo dizer que todas as metodologias de pesquisa são válidas e importantes, tudo dependendo do objeto da pesquisa e das opções do pesquisador (MORAES, A. A. A, 2006, p.182, apud Fazenda & Soares, 1992, p.127).

Susana (escrevendo, em 04 de junho de 2024)

Em uma das disciplinas aqui do Mestrado em Educação ouvi pela primeira vez o termo Carta Pedagógica. Confesso que em um primeiro momento pensei ser impossível escrever cartas para falar sobre sala de aula,

pedagogia, metodologias, enfim tudo que acontece com quem trilha o caminho da educação. Porque quando lembro de cartas, lembro de quando era adolescente e contava sobre minhas experiências e vivências desse momento para amigas distantes, pois não existiam os celulares.

Quando iniciei as aulas do mestrado estava empolgada por estudar. Sempre gostei de estudar e aprender e fiquei muito feliz de estar voltando para a Universidade e poder caminhar pelos corredores respirando esse ambiente de ensino e conhecimento. O início das aulas me fez dar um passo para trás e analisar, pois o impacto do modelo das aulas e das tarefas propostas foi grande. Entretanto, nas disciplinas me surpreendi com a aula e com os colegas, por termos abertura em falar/escrever nossos pensamentos e aprendizados. Quando me foi apresentada a proposta da carta pedagógica fiquei feliz em poder expressar, em primeira pessoa, os sentimentos avassaladores que me tomam ao pensar nesse caminho da pesquisa. As inquietações que surgem a cada novo desafio proposto pelas disciplinas do Mestrado, ou mesmo os desafios de me posicionar como pesquisadora na construção do projeto, são complexas e, por vezes, conflitantes. Poder escrever sobre isso, sem a formalidade que muitas vezes é exigida, me proporciona um certo alívio e uma coragem para seguir adiante. Aprendemos muito com as leituras e trabalhos desenvolvidos, apesar de sentir que talvez poderia ter feito algo diferente. Esses sentimentos estão, talvez, descritos nesta carta, por mim e pelos colegas, mostrando que a carta pedagógica nos abraça e nos dá esse momento de acolhimento. Agradeço imensamente a oportunidade de me expressar e compartilhar algumas falas, que porventura, possam ser as mesmas para alguém.

(Gilvania escrevendo)

Minha trajetória como estudante na disciplina de Metodologia da Pesquisa em Educação tem sido uma jornada de descobertas e aprendizados significativos ao longo dos últimos três meses. Embora não tenha participado diretamente do encontro com a professora Ana Lúcia, pude acompanhar as reflexões e experiências compartilhadas pelos colegas, o que enriqueceu minha compreensão sobre a importância das cartas pedagógicas no contexto da pesquisa em educação.

Nos últimos meses tenho mergulhado em uma variedade de conteúdos teóricos relacionados à pesquisa educacional, explorando diferentes abordagens metodológicas, técnicas de coleta e análise de dados, e os desafios éticos e epistemológicos inerentes à pesquisa acadêmica. Através de leituras críticas, discussões em sala de aula, vamos desenvolvendo uma compreensão mais profunda sobre o papel da pesquisa na construção do conhecimento e na promoção da transformação social.

Embora minha experiência prévia com a escrita de cartas não incluía especificamente o uso de cartas pedagógicas, reconheço o valor desse instrumento como uma ferramenta poderosa para promover o diálogo, a reflexão e a conexão humana no âmbito da pesquisa em educação. Acredito

que as cartas pedagógicas oferecem uma oportunidade única de explorar questões complexas de forma pessoal e contextualizada, permitindo-nos compartilhar nossas experiências, perspectivas e insights de maneira autêntica e significativa.

Ao longo desses três meses, tenho sido desafiada a repensar minhas próprias práticas de pesquisa e a considerar novas formas de abordar questões de interesse acadêmico e social. Estou animada para continuar minha jornada no mestrado, explorando e experienciando o potencial das cartas pedagógicas e outras metodologias para ampliar nosso entendimento sobre os desafios e possibilidades da educação contemporânea. Enfim, essa disciplina tem sido uma fonte constante de inspiração e motivação, e estou ansiosa para aplicar conhecimentos adquiridos em minha pesquisa e contribuir de forma significativa para o avanço do campo da educação.

(Mônica escrevendo)

Ao longo do primeiro semestre no Curso de Mestrado, vários sentimentos me atravessam a cada dia vivido. O convite para contribuir em uma carta pedagógica é algo novo, pois me remete ao passado, quando passava meus dias colecionando papéis de cartas, hábito típico das meninas da década de 90. Junto aos meus irmãos, escrevíamos cartas aos familiares que moravam em outro estado. Nelas, enviávamos fotos e um escrito carregado de saudade. Aguardávamos com ansiedade no coração a resposta, e que emoção sentíamos ao recebê-la (confesso que as guardo até hoje).

Poder refletir sobre o percurso vivido até o momento é importante, pois percebo que desde o processo seletivo até o presente momento, muitas desconstruções e construções foram feitas. As certezas que antes tinha, agora passam a não ter uma grande importância, pois somos convidados em todas as disciplinas a pensar e repensar. O apego aos meus escritos (que antes eram intocáveis) por vaidade, agora já não tem tanto significado. Escrever em muitas mãos é tão rico, pois há a possibilidade da reflexão do outro sobre o texto produzido. E isto é muito bom, pois só crescemos na troca com nossos pares e não na nossa individualidade.

Na disciplina de Metodologia da Pesquisa em Educação fomos convidados a conhecer diferentes métodos de pesquisa. As leituras, sempre carregadas de profundidade e esclarecimento, me trouxeram novas percepções sobre como pesquisar. Me lembro tão bem no dia que citei Antônio Carlos Gil para a professora Nilda (logo no início das aulas) e ela me olhou dizendo que havia outros referenciais para utilizar na pesquisa. Seguramente hoje, percebo que há outras metodologias tão ricas que no andar do curso fomos sendo encharcados por estes conceitos que trarão uma qualidade na escrita da dissertação, por isso reitero, que já percebo em mim uma nova concepção do que é ser pesquisador.

Na aula da professora Ana Lúcia em muitos momentos pensei em Paulo Freire, mais precisamente nas obras *Cartas a Cristina* e *Pedagogia da Autonomia*. Na primeira, o autor troca cartas durante o seu exílio no

período da ditadura contando como está sua vida naquele momento refletindo sobre a educação. Na segunda obra, o autor reflete sobre a autonomia dos sujeitos e os papéis que os professores devem ter para superar a lógica da educação bancária, transformando a realidade. Ele também destaca em um capítulo deste livro que para ensinar exige a pesquisa e que faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa.

Tenho me percebido como pesquisadora, me questionando sobre os vários temas que nos apresentam. Ao mesmo tempo, me sinto um sujeito empírico no curso que se observa na caminhada. Que aprendizagens terei? Como estarei ao final do curso? Como essas vivências me atravessam? Hoje percebo que os professores do mestrado são mediadores do conhecimento, eles não dão respostas e sim caminhos para que trilhamos nosso percurso. Agora compreendo o conceito do protagonismo estudantil e vejo que não tenho mais o desejo das respostas, mas sim me mobilizo para descobrir o que tenho que descobrir, de acordo com aquilo que consigo compreender neste momento. Eu faço parte de uma teia empírica (talvez não intencional), mas repleta de aprendizagens.

Penso que há um sentido poético na jornada do estudante do mestrado, que inicia tão assustado e provocado com o que é proposto, mas percebe que deve ser assim mesmo, sentindo aos poucos como será a travessia desacomodando certas certezas que hoje são tão incertas. Como em muitos momentos nesta disciplina falamos em fazer a limpeza da casa, penso que estes conhecimentos também têm este objetivo: organizar os pensamentos, reorganizar as ideias, descartar o pensamento velho e as velhas verdades dando espaço para o novo e para o desconhecido, tecendo uma nova teia semântica. Perceber que não saber de tudo é bom e permite que continuemos buscando novas respostas para nossas perguntas. E isto é um processo transformador bonito e significativo que nos traz uma leveza e a conexão com a nossa subjetividade e com a nossa polissemia. O exercício de escrever uma carta pedagógica me faz conhecer uma outra forma de pesquisar e me convida a escrita reflexiva.

(Marieli escrevendo)

Sobre o uso de cartas, quando questionadas sobre as nossas experiências, veio à minha memória uma lembrança afetiva. Lembrei que quando tinha aproximadamente 11 anos, me comunicava com uma prima que residia em Porto Alegre. Assim, era grande a expectativa, tanto que quase sempre flagrava o carteiro antes de conseguir colocar na caixa das correspondências. Lembro até hoje a euforia que me tomava. Os assuntos eram leves, falávamos sobre a escola, sobre livros, desenhos e garotos que nos interessavam. Sobre este último assunto, muitas vezes utilizamos códigos, para que caso alguém tivesse acesso, não compreendesse exatamente o assunto. Era um modo de comunicação, e mais que isso, de se fazer presente e de manter vínculo.

Cartas Pedagógicas, pelo que pude compreender é uma forma de expressão, tal qual as cartas que escrevi quando criança. É a escrita em primeira pessoa, o que parece tornar ainda mais evidente a nossa condição humana. Todavia, sem perder a leveza, há rigor científico.

Ao falar em condição humana, penso no conceito de andarilhabilidade. Linda esta definição apresentada na escrita da Débora, fazendo referência ao verbete construído por Brandão no dicionário Paulo Freire (2008).

Sobre o conceito de andarilhar, estabeleço conexão com o objeto que se relaciona a minha pesquisa: O livro. Lembro das exposições apresentadas por Alberto Manguel – um dos meus autores preferidos – nas quais compara a leitura a uma viagem e o leitor ao viajante. Em sua obra *O leitor como metáfora*, apresenta reflexões acerca do caminhar de vários personagens. A exemplo de Ulisses da *Comédia*, caminhando sem a possibilidade de retornar, condenado ao Inferno.

[...] em seu sentido mais louvável, viajar, assim como ler, era uma peregrinação que espelhava a peregrinação da vida humana. Era uma jornada de purificação, acossada pela tentação e pelo sofrimento, mas a recompensa para o viajante íntegro era o ‘melhor lugar’ prometido na vida após a morte. Já no século VI, o Concílio de Mâcon prescreveu, para um bispo que cometera homicídio, uma penitência de quinze anos de estudos das escrituras e, depois disso, ‘uma peregrinação pelo restante de sua vida’ (Manguel, p. 43, 2017).

Nesta perspectiva, ler purificaria o espírito e andarilhar poderia ser compreendido como um modo de purificar o corpo. Estes atos seriam complementares.

Estabelecendo uma interlocução entre o andarilhar e viver, penso que alguns de nós – andarilhos pelo mundo – estão caminhando, sem saber ao certo o destino. Denominaria estes de *aventureiros*. Outros, os *convictos*, certos de onde e como chegar, com passos apressados, sujeitos a não perceber a real beleza: a trajetória, a surpresa, o encantamento, o pulsar, o vento batendo no rosto....

É difícil a escolha dos caminhos... é difícil escolher o modo de caminhar...

Ao considerar o percurso formativo do doutorado, entendo que é preciso aproveitar cada momento, rever, revisitar... uma oportunidade de aprender. Um aprendizado que nos torne melhores pessoas, não somente melhores profissionais. Que para que a nossa trajetória possa ser significativa, possamos compartilhar experiências com os nossos companheiros de viagem.

Na maioria das vezes nossos professores nos orientam os caminhos, nossos colegas nos dão a mão, ajudam a carregar as nossas bagagens. Diante dos tropeços nos confortam e incentivam a continuar. Uma coisa é certa: durante este percurso, se estivermos bem acompanhados teremos experiências mais alegres e significativas.

Volto ao texto, após ler as contribuições da turma em atenção ao convite feito pela professora Ana Lúcia. Escrever uma carta a várias mãos requer, também, ler a carta com várias lentes e em voz alta, a fim de estabelecer os conectivos entre os parágrafos das diferentes autoras que se encorajaram a escrever e a necessidade de compor um texto coerente voltado à leitura da sua destinatária. Muitos alinhavos ainda se fazem necessários para atender ao que requer a escrita de uma carta pedagógica, ou seja, a sua intencionalidade. Por hora, professora Ana Lucia, seguem as palavras de quem se sentiu tocado com seu convite e foi tocado com o olhar que emitiu para dentro de si.

Com estima,

Professora Nilda, Débora, Patrícia Ferreira, Paola, Taís, Susana,
Gilvânia, Mônica, Marieli, Nicole

(em 11 de junho de 2024, manhã de sol preguiçoso e brincalhão
na serra Gaúcha, ora aparece, ora se esconde).



CARTA: A CAIXA ARTESANAL

Camila Siqueira Rodrigues Pellizzer

A linha que se borda sonhos, é a mesma que costura vidas!

Edna Fragato

Caxias do Sul, 23 de junho de 2024.

Boa noite, estimados colegas pesquisadores e pesquisadoras!

Certa noite fria, no início do inverno de 2023, na serra gaúcha, percebi que ainda não havia feito a roupa junina para o meu filho. Precisava, então, buscar a caixa artesanal que sempre mantemos em casa. Para minha surpresa, ao abrir a caixa, deparei-me com alguns materiais que há tempos não explorava: agulhas, joaninhas, linhas coloridas, retalhos e botões – alguns, inclusive, que ganhei de minha avó em vida. É tão bom relembrar momentos que ficam guardados na memória. Usando uma metáfora, a linha nos possibilita criar tantas “pesquisas”: bordando, remendando, costurando novamente. Enfim, são infinitas as possibilidades.”

Assim, inicio minha carta a você dizendo que as linhas têm me trazido tantas ideias desde o momento em que retornei ao doutorado, um desejo antigo que estava guardado na caixa artesanal, mas nunca esquecido. Como a linha tem o poder de 'bordar sonhos', um deles era este: o retorno como pesquisadora. Além dos outros papéis que nós, mulheres, desempenhamos – filha, mãe, pedagoga, esposa, amiga – também podemos ser pesquisadoras.

Buscar novamente essa identidade me inquietava, pois ela havia ficado adormecida por alguns anos após o término do mestrado e a dedicação à maternidade. Mas, assim como as linhas, também vêm seus acessórios; ao explorar essa caixa, encontrei as **agulhas**, aquelas que nos auxiliam em nossas trajetórias acadêmicas e nos encorajam, em certos momentos, a não desistir. Essas agulhas, de diferentes tipos, **representam as professoras especiais do PPGEdu-UCS** que, no passado, inspiraram minha escrita, bem como as colegas de profissão que acreditam em uma educação mais justa, inclusiva e de qualidade para todos, em que todos nós somos capazes de aprender.

Também temos os **retalhos e panos**, que representam as escolhas que fazemos sobre o que bordar e costurar. Essa escolha é muito

peculiar, pois são esses elementos que darão vida às nossas costuras. A variedade de panos e retalhos é imensa — tamanhos, estampas, cores, texturas — e que graça teria se fossem todos iguais? Não haveria a criação de uma arte única. Essa variedade se reflete nos sujeitos com quem convivemos todos os dias. Aqui, **destaco os jovens** com quem tenho o privilégio de conviver diariamente no ambiente profissional, um amor antigo que estudo há alguns anos, e meu filho, que representa uma parcela de crianças e indivíduos com deficiência, e que veio ao mundo para me inspirar a bordar e remendar momentos que nem sempre são fáceis, mas que também são de superação e força.

Ah! **A tesoura** — não podemos esquecer-la, pois desempenha um papel fundamental nos cortes necessários, na criação de peças únicas e no fechamento dos alinhavos. Sem ela, dificilmente conseguiríamos fazer os ajustes essenciais. E ela vem carregada de pessoas que estão conosco no cotidiano, que passam por nossas vidas, sempre trazendo novas lições de amor — são os **amigos, terapeutas, familiares, ativistas** das causas que abraçamos em nossa sociedade. Estou partindo para um novo recomeço, com linha e agulha na mão.

No início das aulas, em março de 2024, na disciplina de Metodologia de Pesquisa em Educação com a professora Nilda Stecanela, reencontrar minha orientadora de mestrado foi uma saudação e tanto. A forma como ela conduz suas aulas, com escrita suave e sempre trazendo metáforas — também presentes nesta carta —, deixa tudo mais leve para enfrentarmos os quatro anos de muitos estudos.

Compreender de **onde partimos** e quais fundamentos epistemológicos carregamos é essencial para adotarmos um olhar multidimensional, que considere a incerteza e a incompletude de nossas pesquisas. A epistemologia — episteme (conhecimento, ciência) e logos (estudo) — é a teoria do conhecimento, um método para compreender os fundamentos do objeto de estudo, oferecendo uma visão sobre o mundo, incluindo suas dimensões sociais, econômicas, políticas, antropológicas e culturais, além de destacar o papel da pesquisa e sua relevância social. Segundo Morin (2010, p. 185), o pesquisador entende que existem conexões, redes, teias de significados, uma complexidade na pesquisa que torna a produção do conhecimento seja sistêmica.

A retomada das revisões de literatura em qualquer pesquisa, como o estado da arte, o estado do conhecimento e a revisão sistemática de literatura, é imprescindível para orientar nossas temáticas, seria o momento em que refletimos **para onde queremos ir**, “... é aquele momento em que ele interage com a produção acadêmica através da quantificação e de identificação de dados bibliográficos, com o objetivo de mapear essa produção num período delimitado, em anos, locais, áreas de produção” (Ferreira, 2002, p.265).

“O mergulho da linha” em diferentes 'retalhos' pode revelar, ao final, sujeitos antes não vistos sob o mesmo ângulo, e o processo da revisão ilumina as ideias iniciais sobre o objeto e o problema de pesquisa.

A presença de outros egressos compartilhando suas trajetórias e experiências trouxe entusiasmo e força para este primeiro ano de doutorado. Sou grato por essas trocas coletivas com colegas, que se materializaram nas aulas e na construção de um questionário coletivo sobre nossas identidades como pesquisadores. Compartilhamos muitas emoções, como anseios, ansiedade, alegrias e tristezas, e a certeza de que não estamos sozinhos e que podemos nos fortalecer enquanto grupo. Ah, e as cartas pedagógicas apresentadas pela professora Ana Lúcia Souza de Freitas! Um estilo de escrita que até então eu desconhecia, mas que mostrou sua força em aproximar sujeitos e promover trocas de vivências por meio da escrita."

A carta é um gênero primário do discurso, propício para refletir a individualidade daquele que escreve (Moraes, 2006). Ela proporciona uma sensação de troca, acolhimento e escuta do outro, que nos responde com belas escritas, um caminho de volta para aquilo que teve significado e sentido em nossa trajetória acadêmica. Como exercício de leitura e escrita, é considerado um dos percursos metodológicos que pode ser utilizado com diferentes públicos em pesquisas qualitativas, pois permite criar laços com os participantes da pesquisa em diversos espaços e tempos.

Todos os novos conhecimentos adquiridos ao longo do semestre me deram suporte para refletir sobre minha trajetória e identidade como pesquisadora, especialmente em relação ao meu objeto de estudo: **os jovens autistas**. Em uma das revisões de literatura, deparei-me com inúmeras pesquisas internacionais sobre jovens autistas durante o período de transição para a vida adulta, revelando um viés significativo e de esperança para suas vivências em sociedade. Embora haja muitos desafios para eles, suas famílias e os profissionais que os acompanham, há um movimento de mudanças em diferentes regiões do mundo; dar voz a eles é o primeiro passo — “Nada sobre nós sem nós”, esse é o lema.

Estou convencida de que nenhuma pesquisa é neutra; estamos sempre imersos naquilo que o pesquisador considera relevante cultural e socialmente. Mesmo que se exija uma “neutralidade”, somos constituídos por nossos lugares, pessoas e experiências. A educação faz parte da minha história e, consequentemente, ser educadora me leva a refletir sobre os diferentes desafios que ocorrem nos muros escolares.

Voltando ao início de minha carta, cheguei ao momento de remexer naquela caixa artesanal (2023) em busca de novas agulhas, retalhos, tesouras e botões para construir uma nova pesquisa em outros tempos, espaços e com diferentes sujeitos, ou seja, costurar novas vidas. Continuamos neste lindo bordar chamado pesquisa, que não terá uma certeza ou um acabamento definido, a tese, então, não é um ponto final, mas um marco em um caminho em constante evolução.

Camila Siqueira Rodrigues Pellizzer



PESQUISA EM EDUCAÇÃO: UMA TRAMA DE NÓS E AFETOS

Débora Salvador Bizotto²

Vacaria, 23 de junho de 2024.

Estimada Professora Nilda e colegas

Falar sobre a construção da minha identidade enquanto pesquisadora em Educação é algo que emerge muitas memórias que se entrelaçam ao longo do tempo, e por isso, não consigo deixar de lembrar das primeiras tentativas de pesquisa que se fundaram na minha infância, e que foram se consolidando, se entrelaçando, enquanto chegava a adolescência e a vida adulta. Todos esses alinhavos formaram um grande emaranhado de desafios, angústias, afetos e alegrias, numa trama que me levou até aqui, no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação.

Os alinhavos dessa trama começaram a se construir nos meus primeiros anos de vida, tempo em que tinha liberdade para expressar toda curiosidade e imaginação por meio de brincadeiras cujos cenários eram predominantemente representativos do meio da Educação.

Desde muito pequena reunia os amigos para brincar de escolinha no pátio de casa. Eu era a professora das minhas vizinhas e dos primos mais novos. Quando não havia crianças para brincar comigo, fazia das bonecas as minhas alunas. Um pequeno quadro negro, uma caixa de giz e um pedaço de feltro, que servia como apagador, era o suficiente para montar a sala de aula perfeita. Com meu estojo sempre repleto de canetinhas coloridas, corrigia os cadernos dos meus “alunos” com as lições que eu passava no quadro. Depois reunia-os em círculo para contar histórias, ou para brincar de roda. Cada encontro representava uma nova descoberta, novas brincadeiras a serem inventadas e papéis a serem representados.

Conforme os anos passavam, a vontade de ser professora aumentava, e quando os adultos faziam aquela comum pergunta que toda a criança escuta inúmeras vezes na sua infância: “O que você quer ser quando crescer?”. Eu não tinha dúvidas para responder: “Quero ser professora!”.

² Mestra em Ensino de Ciências e Matemática. Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul (PPGEdu-UCS).

De fato, enquanto imaginava, descobria, investigava, fui crescendo e evoluindo em meus estudos, até que na etapa do Ensino Médio, optei pelo Curso Normal/Magistério. Foi aí, então, que as brincadeiras de professora começaram a se tornar realidade.

Desde o curso Normal até a graduação em Pedagogia, a Educação Infantil sempre me encantou. Acredito que essa paixão se deve à minha própria infância, que sempre foi repleta de alegria e a curiosidade de descobrir o mundo. Manter viva a infância dentro de mim me impulsionou a seguir nessa área e hoje tenho a honra de ser professora de Educação Infantil na rede municipal de Vacaria."

Enquanto professora, continuei mantendo uma postura investigativa, crítica e questionadora, mas sem perder a amorosidade e o encantamento, sem perder a meninice. Essa meninice da qual me refiro nessa carta, abarca as pesquisas Kohan (2018) que, ao estudar os escritos de Freire, destaca que o educador pernambucano tinha uma concepção de infância/meninice que ultrapassava a idade cronológica. Para ele a meninice instaura uma força de vida, ativa, sonhadora e transformadora, não apenas para a vida individual em qualquer idade, mas para a vida coletiva e suas revoluções políticas:

A imagem da infância, ou de meninice, não poderia ser mais afirmativa ou potente. Ela é um modo de elogio, uma forma de falar bonito, uma espécie de louvor a uma revolução que não apaga sua curiosidade, sua inquietação, seu gosto de perguntar, seu querer sonhar, seu desejo de crescer, criar, transformar. É isso que constitui a infância sem idade para Paulo Freire: um desejo, um gosto, uma sensibilidade para as forças da vida, como a curiosidade, o sonho, a transformação (KOHAN, 2018, p. 21).

Mas o que isso tem a ver com pesquisa em Educação?

Desde aquela pergunta que recebia na infância sobre o que eu queria ser quando crescesse, tempo em que brincava de pesquisar, sem saber que estava sim, salvaguardadas as proporções, interagindo com as primeiras vivências de pesquisa, até os dias atuais, venho pesquisando sobre e com as crianças.

Mas eu não chamava isso de pesquisa, chamava de interações, atividades, experiências, eram ações focadas nas brincadeiras espontâneas, nas rodas de conversa, nas minúcias do cotidiano da Educação Infantil. Era algo menos sistematizado, mas sempre carregado de significados, de intencionalidades. Hoje, olhando para trás, penso na riqueza de tudo que foi construído, talvez pudessem resultar em belos artigos, mas como grande parte dos professores que atuam na área, presos nas amarras burocráticas e na pressão por produzir cada vez mais em menos tempo, não tinha o hábito de refletir, problematizar, embasar e documentar metodológica e teoricamente essas ações. Todo esse vivido não foi publicado, mas foi sentido, carregado de emoções, de uma riqueza enorme de significados e de aprendizados.

Ao longo dessa trajetória foram surgindo outras inquietações, vários nós se formaram na minha trama. Passei a sentir a necessidade de percorrer um novo trilha para desatá-los. Foi então que, em fevereiro de 2022, ingressei no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade de Caxias do Sul (PPGECiMa). Dei o primeiro passo, agora de fato, enquanto pesquisadora, com metodologias mais aprofundadas e sistemáticas, mas com a mesma meninice sonhadora e esperançosa de criança.

Nessa nova trilha conheci a Professora Valquíria Villas-Boas, minha primeira orientadora. Foi ela que ajudou a desatar os nós, um por um, e que me devolveu a confiança de que eu precisava para seguir a trama. O mestrado me tornou mais empoderada, mais crítica, mais humana. No dia 05 de julho de 2023 defendi minha dissertação, e tive a honra de contar na minha banca de defesa com as contribuições dos professores doutores Fernando Becker, Francisco Catelli e Nilda Stecanela. Na oportunidade em que conheci a Professora Nilda, tive a convicção de que o próximo passo na minha trajetória acadêmica seria o doutorado em Educação.

Lembro muito bem de uma expressão na fala da Professora Dra. Nilda - agora minha orientadora - durante a minha banca de defesa que foi muito marcante, a “esperança teimosa”. Sim, minha esperança na Educação é teimosa, tenho convicção de que somos semeadores não só de conhecimentos acadêmicos, mas de afetos. Mesmo que nem sempre consigamos ver os frutos que semeamos, somos profundamente afetados pelos professores com quem convivemos, e afetamos profundamente a vida dos nossos alunos.

Ingressar no doutorado na UCS foi a realização de sonho. Cheguei até aqui, sem esquecer daquela menina que brincava de dar aula para os seus amigos reais e imaginários, e continuo costurando a trama da minha identidade enquanto pesquisadora, alinhavando a acolhida o respeito e a sabedoria das desatadoras de nós, Professora Val e Professora Nilda, com a parceria dos colegas que encontro nessa jornada.

Não posso negar, os primeiros dias foram difíceis, inseguranças, expectativas, um PPG diferente, linhas de pesquisas diferentes, seminários diferentes. Momentos em que eu pensei “Será que é isso mesmo? Será que dou conta? ” Mas, assim como fazia Freire (2020) quando se defrontava com dificuldades, provocações e anseios, escolhi “ao contrário de uma postura acomodada diante do desafio, uma abertura curiosa e esperançosa diante do mundo” (Freire, 2020, p. 39).

Não há dúvidas, caros colegas e professora Nilda, o mestrado ou doutorado em Educação exige disciplina, foco, organização. É doloroso, difícil, desafiador. Um caminho de escolhas de prioridades. Pesquisar em Educação é para os fortes, os determinados, os corajosos, mas acima de tudo, para os que amam. Os que amam a Educação, as pessoas, a vida. Para os que têm esperança, do verbo esperar, como nos ensina Freire (1992):

É preciso ter esperança, mas esperança do verbo esperar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo (Freire, 1992, p.110-111).

Quem tem amor, esperança, dedicação, engajamento e coragem na sua trama, é capaz de desatar todos os nós que se fazem no caminho, e costurar uma bela, longa, e inacabada história.

Com estima,
Débora Salvador Bizotto



Carta Pedagógica



Deise Gabriela Cavalheiro³

Caxias do Sul (RS), 20 de junho de 2024.

Queridas(os) colegas e Pesquisantes,
Espero encontrá-las(os) bem!

Convido vocês a embarcarem comigo na leitura desta carta pedagógica que conta alguns dos percursos desta pesquisante (pesquisadora-viajante, sentido por mim atribuído), resultantes das inquietudes provocadas durante as minhas aulas no curso de Mestrado em Educação na Disciplina de Seminário de Metodologia de Pesquisa em Educação, durante o primeiro semestre de 2024.

Estive pensando, e refleti que uma viagem pode ser compreendida como a jornada de deslocamento de um lugar ao outro. Me encorajei a compará-la com o movimento realizado em uma pesquisa. Esta, por sua vez, pode ser entendida como o deslocamento de um lugar de vontade de conhecer até o lugar de conhecimento. A viagem pode ser sonhada e desejada por diversos motivos, dentre eles a realização pessoal, curiosidades, saudades, revisitações, ou até um desejo sem explicação. Assim, também a pesquisa tem em sua característica essencial uma justificativa para o seu realizar. O pesquisador ao se propor investigar, traz consigo o objetivo de chegar a um conhecimento, tendo em mente que suas expectativas poderão ou não ser superadas.

Pensando assim, a identidade do pesquisador e do viajante serão determinantes para a definição dos parâmetros da pesquisa e da viagem. Ela estará intrinsecamente refletida no estilo pessoal do pesquisador e do viajante, onde ambos poderão conter caracteres exploratórios, aventureiros, culturais etc.

³ Graduada em Psicologia. Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul (PPGEdu-UCS).

Acredito que a escolha do destino é o ponto de partida. Nem sempre ele é totalmente compreensível para aqueles que convivem conosco. Eles podem até se esforçar para entender, mas ao fim, acreditam convictamente que suas dicas e roteiros são muito mais interessantes. E, que os destinos já visitados por eles, são certamente, os mais seguros. E, de certa forma, eles são mesmo. Já são conhecidos, explorados, e frequentados por muitos turistas, mas por poucos viajantes.

Acontece o mesmo com a proposta da pesquisa. É como escolher um destino, que aos olhos de outros viajantes e com outros roteiros, pode parecer desinteressante, ou sem atrativos. As apresentações das colegas nas aulas sobre os seus percursos metodológicos me trouxeram a reflexão de que mesmo sabendo que os significados e os sentidos só poderão ser atribuídos por aquele que irá percorrer aquele caminho, muitas vezes, receber dicas e orientações de quem já tem muitos carimbos no passaporte e de cosmopolitas pode ser puramente encorajador.

A diligência na preparação para essa viagem é essencial. Pensar os detalhes do roteiro, o planejamento do itinerário, são escolhas que definirão o sucesso da jornada. Além de traçar um mapa dos lugares que irão compor as experiências que deseja vivenciar, é preciso pensar em *como* fará para chegar lá. Se decidirá ir por *ar, terra, mar* ou integrá-las. Ao refletir para a pesquisa, penso que é neste ponto que o pesquisador define qual será o método que empregará em sua pesquisa. Quem vai viajar conosco e aqueles que irão estar na partida, no percurso ou na chegada, os profissionais de estações, motoristas dos ônibus, desconhecidos que encontraremos nos destinos, podem ser semelhantes aos professores, orientadores, colegas e profissionais que estão presentes em diversos contextos do nosso cotidiano de pesquisa.

Traçadas as delimitações e os planos, o pesquisador encharca-se de estudos sobre o seu tema e o viajante dedica-se a conhecer sobre o seu destino. Esse processo demanda bastante tempo e trabalho daqueles que se dispõem a pesquisar ou viajar, claro que cada qual com as suas devidas proporções. O resultado do trabalho do pesquisador e do sucesso na jornada do viajante dependerá em grande escala desse cuidado minucioso durante as escolhas do método e, obviamente, do planejamento.

Definidos os destinos, os itinerários e os métodos, se aproxima o dia da partida. É chegada a hora de arrumar as bagagens. Para os pesquisadores, muitas leituras e estudos pertinentes serão selecionados para compor essa bagagem. E no decorrer do caminho, outros ainda poderão ser agrupados. Para os viajantes, será indispensável pôr na mala itens adequados para o percurso e destino, contudo, presentes especiais e lembranças ganharão espaços na bagagem.

Finalmente, chega a hora da partida! Para o pesquisante, é o início de um grande percurso de novas descobertas, ideias, concepções e conhecimentos. Para o viajante, é o começo de uma jornada de descobertas e

vivências em um novo contexto e cultura. Ambos têm muitas perspectivas positivas sobre o porvir, e vislumbram suas ideias e planos tornando-se reais. Em minha jornada na educação, está acontecendo exatamente dessa forma.

Sabemos que a carta permite reflexões sobre a realidade, então, inspirada na aula da Professora Ana Lúcia Souza de Freitas, que realiza uma releitura do legado e do pensamento de Freire, escrevo esta carta pedagógica com a finalidade de dizer até logo, para todos vocês que estiveram presentes nos momentos de planejamento dessa pesquisa, durante as trocas de ideias e diálogos preciosos que reverberam em mim e nas minhas escolhas metodológicas. Explorei as possibilidades e fiz minha escolha: estou a bordo!

Confesso que por aqui, em breve algumas rotas terão adaptações, pois conheci recentemente, na aula com o professor Celso Ilgo Henz, os círculos dialógicos, os quais apreciei demais e quero levar comigo. Isso reforça a ideia de que mesmo planejando antecipada e cuidadosamente, nem sempre conseguiremos seguir à risca um cronograma ou um roteiro, pois existem imprevistos, além de diversas possibilidades e respostas que só poderão ser encontradas ao percorrer o caminho. E este é o ponto mais em comum entre a Pesquisa e a Viagem.

Sigamos com esperança, até o próximo encontro!

Deise Gabriela Cavalheiro





EXPLORANDO CAMINHOS NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO: REFLEXÕES E AGRADECIMENTOS

Eliete Dal Molin⁴

Caxias do Sul, 16 de junho de 2024.

Prezada Professora Nilda,

Espero que esta carta a encontre bem. Escrevo para compartilhar algumas reflexões sobre a disciplina de Seminário de Metodologia da Pesquisa em Educação, bem como para expressar minha gratidão pelo modo como as aulas têm sido conduzidas. Sou doutoranda no programa de Pós-Graduação de Educação da UCS e tenho encontrado nas suas orientações uma fonte valiosa de inspiração e aprendizado.

Desde as primeiras aulas, onde a senhora moderou apresentações para estreitar os laços entre os colegas e acompanhar os temas de pesquisa, ficou evidente a importância da identidade do pesquisador em Educação como um processo em constante construção. Sua abordagem sobre as concepções epistemológicas e a estrutura da pesquisa em Educação proporcionou um fundamento teórico robusto para todos nós, permitindo-nos entender a Educação não apenas como uma prática, mas também como uma ciência em sua plenitude.

Os métodos de pesquisa apresentados pelos pesquisadores convidados, nas aulas, ampliaram ainda mais nosso horizonte investigativo. Gostaria de destacar alguns métodos que, particularmente, chamaram minha atenção e que pretendo aprofundar mais em minha trajetória acadêmica. **O Estado da Arte e o Estado do Conhecimento**, compreendi que as pesquisas denominadas "estado da arte", referenciadas em Romanowski e Ferreira, são fundamentais para compreender a produção científica existente e identificar lacunas no conhecimento. Esse método tem um potencial transformador para situar nossa pesquisa dentro de um panorama mais amplo, promovendo uma análise crítica das contribuições anteriores e delineando novos caminhos de investigação. **A Pesquisas de Cunho Etnográfico**, compreendi que a abordagem etnográfica, detalhada por Carmem Lúcia Guimarães de Mattos, juntamente com o uso do diário de campo e a inclusão

⁴ Mestra em Ensino de Ciências e Matemática. Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul (PPGEdu-UCS).

de cartas na pesquisa, oferecem uma rica perspectiva para capturar a complexidade e a profundidade das interações humanas e dos contextos educacionais. Esta metodologia permite uma imersão profunda no campo de estudo, favorecendo uma compreensão mais holística dos fenômenos investigados. **As Entrevistas Coletivas e Grupos Focais**, conforme abordado por Neto, Moreira e Sucena, as técnicas de grupos focais, grupos de diálogo e grupos de discussão são ferramentas poderosas para a pesquisa social qualitativa. Estas técnicas promovem o debate orientado e a co-construção de significados entre os participantes, revelando insights que, muitas vezes, permanecem ocultos em métodos mais tradicionais de coleta de dados. Já a **Análise de Conteúdo e Análise Textual Discursiva**, a obra de Bardin sobre análise de conteúdo e a abordagem de análise textual discursiva oferecem metodologias robustas para a interpretação de dados qualitativos. Estas técnicas são essenciais para a categorização, interpretação e compreensão das narrativas emergentes dos dados coletados, permitindo uma análise minuciosa e detalhada dos conteúdos.

Por fim, tivemos a oportunidade de acompanhar uma partilha da Professora Ana Lúcia Souza de Freitas, ao explorar o método das cartas pedagógicas, ela apresenta esse recurso como uma forma valiosa de interação e construção de conhecimento no campo da Educação. As cartas pedagógicas, segundo ela, são mais do que simples comunicações escritas; elas representam uma ferramenta metodológica potente que facilita o diálogo, a reflexão crítica e o desenvolvimento da identidade do pesquisador. As cartas pedagógicas promovem um diálogo contínuo entre os interlocutores, criando um espaço de troca de ideias e experiências. Este diálogo é fundamental para a construção coletiva do conhecimento e para o fortalecimento dos laços acadêmicos e afetivos entre os participantes. Escrever cartas permite ao pesquisador refletir criticamente sobre sua prática e seu desenvolvimento acadêmico. Ela afirma ainda que, a escrita reflexiva ajuda na organização do pensamento, na clarificação de ideias e na identificação de novas perspectivas e soluções para questões investigativas. Ana Lúcia, reforça, que o método das cartas pedagógicas contribui para o processo de construção da identidade do pesquisador. Ao expressar suas dúvidas, descobertas e sentimentos, o pesquisador se engaja em um processo de autoconhecimento e afirmação de sua trajetória acadêmica. As cartas permitem uma abordagem mais personalizada e profunda dos temas discutidos. As cartas pedagógicas são flexíveis e podem ser adaptadas a diferentes contextos e objetivos de pesquisa. Elas podem ser utilizadas tanto em pesquisas qualitativas quanto quantitativas, servindo como complemento para outras metodologias e enriquecendo o processo investigativo.

Baseada nas teorias de Ana Lúcia Souza, percebo a importância de considerar a pesquisa em Educação como um processo dinâmico, onde o pesquisador está continuamente (re)construindo sua identidade e seu entendimento do campo. As metodologias que estamos explorando na disciplina proporcionam uma base sólida para essa construção, possibilitando

a adoção de abordagens que são ao mesmo tempo rigorosas e sensíveis às particularidades dos contextos educacionais.

Agradeço pela dedicação e pela clareza com que tem nos guiado no Seminário de Metodologia da Pesquisa em Educação neste semestre. O seminário nos mantém atualizados sobre as tendências atuais e os desafios emergentes na pesquisa educacional. Isso inclui novas metodologias, tecnologias emergentes e questões contemporâneas que afetam o campo da educação. Tivemos a oportunidade de aprender e praticar alguns métodos como o questionário e a carta pedagógica, permitindo a aplicação das técnicas para clarear e qualificar os objetivos do nosso tema de pesquisa. Suas aulas têm sido um espaço fecundo para o desenvolvimento de nossas competências como pesquisadores e para o aprofundamento de nossos projetos de pesquisa. Espero poder continuar contando com sua orientação e sabedoria ao longo de minha caminhada acadêmica.

Grande abraço!

Atenciosamente,
Eliete Dal Molin



TECENDO SABERES: REFLEXÕES INICIAIS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO PARA A PESQUISA

Gilvania Pires Santos Kuiava⁵

Caxias do Sul, 22 de junho de 2024.

“Ninguém nasce feito, é experimentando-nos no mundo que nós nos fazemos.”

Paulo Freire (1992).

Prezados colegas e professora,

Com entusiasmo, compartilho minhas reflexões após participar do Seminário de Metodologia da Pesquisa em Educação, uma experiência que tem enriquecido profundamente minha jornada acadêmica. Esta fase inicial do curso foi marcada por uma explosão de sentimentos.... Destaco a alegria e a ansiedade; expectativas e, inevitavelmente, cansaço enquanto busquei reorganizar minha vida e rotina para abraçar o desafio de me lançar na pesquisa, cursando Mestrado em Educação.

Estou motivada a fazer contribuições significativas no campo da educação!

Utilizando-me da metáfora sugerida, sinto como se estivesse abrindo minha caixa de costura, cheia de retalhos, tesouras, linhas e agulhas, pronta para começar a tecer minhas narrativas e descobertas como pesquisadora. Com um olhar voltado para os direitos humanos, especialmente para as minorias que necessitam de nossa atenção enquanto educadores, dedico, neste momento, o meu olhar à pesquisa sobre o acolhimento das crianças imigrantes no ambiente escolar. É um tema (retalho) que chama a minha atenção especialmente pelo aumento significativo da diversidade cultural nas salas de aula. A este retalho, na construção de conhecimentos, serão unidos outros para compreensão da realidade que estudarei favorecendo diálogos e contribuições significativas para o campo educacional.

⁵ Licenciada em Filosofia. Especialista em Psicopedagogia Clínica e Escolar. Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul (PPGEdu-UCS).

Nesta construção, cada peça da minha caixa representa uma experiência, um aprendizado, uma perspectiva que trago comigo e que será entrelaçada nas investigações, nas leituras e reflexões que compartilharemos ao longo desse percurso. A combinação desses elementos variados formará um tecido rico e diversificado refletindo realidades, motivações, aspirações.... Espero que possamos continuar a trocar conhecimentos, apoiar uns aos outros e, juntos, construir um caminho de descobertas e realizações no universo da pesquisa educacional!!

Como alguém que está apenas começando a se constituir como pesquisadora, também percebo minhas reflexões como retalhos: variadas, coerentes e importantes. Relaciono as linhas e agulhas às ferramentas e metodologias que iremos aprendendo a dominar, permitindo 'costurar' nossos conhecimentos de forma significativa. Assim como na costura, onde cada ponto é crucial para o resultado final, cada uma de nossas contribuições será fundamental para enriquecer o panorama da pesquisa educacional e para promover mudanças positivas em nossos contextos. Acredito que nesta jornada, compartilhando nossas histórias, dificuldades e conquistas, seremos capazes de criar algo verdadeiramente significativo!!

No início do seminário, com a leitura do texto "A Escolha do Método e a Identidade do Pesquisador" (Stecanela, 2012), fui levada a refletir profundamente sobre a identidade do pesquisador e sobre a escolha dos métodos de investigação ao desenvolver uma pesquisa. Aos poucos, leituras e discussões ao longo destes quatro meses foram revelando que os métodos não são apenas ferramentas técnicas; eles são fundamentais na construção da nossa abordagem, na compreensão dos fenômenos estudados e na maneira como comunicamos os resultados ou conclusões a que chegamos....

As experiências compartilhadas durante o seminário destacaram que as escolhas metodológicas não são apenas questões práticas, mas decisões que moldam nossa perspectiva e impactam diretamente a profundidade e a relevância de nossas pesquisas. Inspirada pelas apresentações e discussões, percebi a importância de estar aberta a diferentes abordagens e adaptações conforme as demandas específicas do campo investigado.

Assim como em uma caixa de costura, cada método representa uma ferramenta única – uma tesoura, uma linha ou uma agulha – cada uma vital para a costura das nossas narrativas de pesquisa. Por exemplo, para abordar a temática de acolhimento dos estudantes imigrantes no ambiente escolar, o estudo de caso pode ser de grande contribuição, permitindo uma análise detalhada e contextualizada das experiências desses estudantes, da comunidade escolar e das práticas educativas que facilitam a integração. Além disso, a formação do professor pesquisador exige enfrentar o desafio da formação epistemológica e discutir diferentes olhares epistemológicos.

Durante o seminário, textos, diálogos e indagações circularam intensamente, alimentando nossa reflexão e enriquecendo nosso entendimento sobre metodologias de pesquisa em educação. O estudo e leitura de

textos como o de Franco (2014) sobre a pesquisa-ação foi particularmente esclarecedor. Franco destaca a importância de um processo participativo e reflexivo, onde o pesquisador se envolve diretamente com a prática pedagógica, visando a transformação social e educativa. Este enfoque metodológico me fez refletir sobre a dinâmica de interação entre teoria e prática, algo que também é enfatizado por Cardoso, Alarcão e Celorico (2010) na revisão da literatura e sistematização do conhecimento. Eles ressaltam a necessidade de um olhar crítico e abrangente ao organizar o conhecimento existente, destacando como a revisão sistemática pode orientar novas investigações e contribuir para a construção de uma base sólida de evidências.

Ao mesmo tempo, o seminário me convocou a explorar autores e obras que ainda não tive a oportunidade de me aprofundar, como Robert K. Yin, uma referência fundamental no estudo de caso. Yin enfatiza a importância de uma abordagem metódica e contextualizada para compreender os fenômenos em profundidade. Sua metodologia detalhada e estruturada contrasta e complementa as abordagens participativas discutidas por Franco e outros autores.

Em vários momentos os diálogos e as apresentações dos procedimentos metodológicos me desafiaram a pensar criticamente sobre minha própria pesquisa e assim, continuarei em diálogo com os textos indicados e os que ainda estão por vir, buscando sempre expandir meu horizonte de pesquisa e contribuir de maneira significativa para o campo da educação.

Quero ainda destacar que as provocações durante o seminário ainda ecoam e vêm fortalecendo minha convicção de compromisso social, pedagógico, científico e ético no desenvolvimento da pesquisa. O estudo do acolhimento de crianças migrantes no ambiente escolar não é apenas uma investigação acadêmica; é um compromisso com a construção de um mundo mais justo e equitativo. Assim, com cada linha e ponto costurados nas minhas narrativas de pesquisa, espero contribuir para um tecido educacional mais inclusivo e solidário, onde todos os alunos, independentemente de sua origem, possam encontrar um espaço acolhedor e promissor para aprender e crescer. Destaco que neste sentido, o termo, "andarilhagens", apresentado pela professora Ana, para mim evoca uma jornada de exploração, experimentação e movimento dentro do campo da pesquisa educacional, onde diferentes métodos e abordagens podem ser utilizados de maneira flexível e adaptativa. Enfim...a experiência nessa disciplina não apenas tem proporcionado esclarecimentos das ferramentas metodológicas fundamentais, mas também tem promovido uma visão mais ampla e criativa sobre como conduzir investigações educacionais. Os "registros na formação para a pesquisa" como as cartas pedagógicas, à qual estou exercitando, são exemplos de como podemos documentar e refletir sobre o processo de pesquisa de maneira pessoal e reflexiva enriquecendo nosso entendimento e ampliando as possibilidades de construção e transformação através da pesquisa.

Continuarei explorando este universo, juntando os retalhos das minhas experiências e aprendizados para formar uma tapeçaria rica e diversa de conhecimentos. Com esperança e determinação, acredito que cada novo ponto acrescentado contribuirá para a construção de um ambiente educacional mais inclusivo e acolhedor, onde todas as vozes possam ser ouvidas e valorizadas. Assim, juntos, poderemos transformar desafios em oportunidades de crescimento e aprendizado, promovendo uma educação que verdadeiramente respeite e celebre a diversidade humana.

Gostaria de parabenizar a condução do seminário!! Os momentos proporcionados para a troca de experiências foram enriquecedores. As provocações lançadas durante as discussões estimularam e continuam a estimular reflexões, questionamentos.... Contribuindo significativamente para a ampliação de conhecimento e compreensão das metodologias e procedimentos metodológicos abordadas.

Grande abraço a todos, continuemos a costurar entrelaçando nossas experiências, conhecimentos e inspirações!!

Gilvania Pires Santos Kuiava.



CLAREAR: LINHAS DE ENCONTROS DE UM SER PESQUISADOR

*Júlia Duarte Schenkel*⁶

Farroupilha, 19 de junho de 2024.

Cara professora Nilda e leitores, seres pesquisadores, que podem, em algum momento futuro, encontrar os fios dessa carta para seguir tecendo-a... (afinal, o texto sempre pode ser continuado, não é?)

O dia hoje está positivamente quente aqui, com um ar de fim de tarde de verão em meio ao inverno que iminentemente se aproxima pela chegada do dia de amanhã (neste ano bissexto, o inverso inicia amanhã, dia 20 de junho). Hoje, em Farroupilha, 19 de junho de 2024, as temperaturas amenas nos convidam a sentar próximo à janela e sentir os resquícios de sol que nos presenteiam com acolhimento e luz e a tecer com fios dos encontros que temos tido ao longo da diversa trajetória deste ano, desta vida, das nossas vidas. Vingando a dureza dos dias cinzas, a fraca luz amarela surge como esperança sobre as águas e como um novo novelo de linhas coloridas que pode ser acrescido ao nosso tecer e aos bordados que construímos em nossos seres. Que bom quando o dia clareia! Que bom encontrar novos fios, novas linhas, cores, ideias, vidas! Que bom nos encontrar e clarear tantas vezes.

Falando em clarear, preciso esclarecer. Venho, pelas linhas dessa carta, tecer alguns pontos importantes que tenho emaranhado em minhas tessituras e cujas pontas de linhas busquei, outras encontrei simplesmente sendo presenteada por elas, no decorrer dos últimos quatro meses. Ao longo dos encontros do seminário “Metodologia de Pesquisa em Educação”, pensamos sobre a educação como campo de pesquisa e sobre os diferentes modos de pesquisar. Consideramos, nesse percurso, os fundamentos da pesquisa em Educação, os diferentes métodos, a construção, organização, análise e interpretação dos dados, bem como a constituição da nossa postura investigativa enquanto pesquisadores. Sempre, pois, de fato, nada é imutável e, tal como o conhecimento, nossa postura pesquisadora está sempre em construção, em constante evolução. Precisamos, assim,

⁶ Licenciada em Letras; Especialista em Literatura Infantil e Juvenil: da composição à educação literária; Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul (PPGEdu-UCS).

compreender, construir, clarear. Em meio às reflexões necessárias a isso, não podemos deixar de juntar os fios que nos cercam e as pontas que surgem pelo percurso, são essas experiências, de vida, de leituras, de discussões, de sentidos e sentimentos, que nos constituem.

Antes mesmo das chuvas, quando o tremor ainda não havia se apresentado e as agulhas estavam pousadas nos bolsos (quem sabe nas mochilas, bolsas...), fomos convidados a nos questionar sobre os sentidos de pesquisar em Educação, sobre nosso papel como pesquisadores em formação e sobre o que esperávamos dessa trajetória. Dessa discussão em diante, as agulhas foram retiradas dos bolsos e muitas linhas começaram a se cruzar. Dúvidas, incertezas, inseguranças, expectativas, curiosidades, anseios, entusiasmos, alegrias, ansiedade, aflições... tudo isso reverbera em meus bordados sobre as trocas compartilhadas logo antes das chuvas. Como já disse, nos conhecer e reconhecer, vimos, é essencial. Talvez por isso, esse início tenha nos comovido tanto, afinal, nos pôs em movimento e lançou muitas possibilidades de encontros para seguir e formas de clarear esse percurso.

Compreendemos que explorar, reconhecer e conhecer o campo de pesquisa do qual fazemos parte é essencial para nos constituirmos como pesquisadores, bem como conhecermos a nós mesmos, nossos interesses, aptidões, curiosidades e tudo o que nos motiva. Da mesma forma, desenvolver noções sobre como se estrutura a área em que estamos integrados, os estudos que a constituem, metodologias possíveis de serem aplicadas, surge como parte importante desse processo de formação. O Seminário, base do processo de clarear aqui exposto, foi desenvolvido no formato de aulas expositivo-dialogadas, com em exposições, leituras, debates e produções que viabilizassem a construção do conhecimento.

Logo no início desse tecer de linhas, encontramos com as pontas de “A escolha do método e a identidade do pesquisador”, de Nilda Stecanela, e pudemos refletir de forma mais direta sobre a nossa postura individual de pesquisadores, compreendendo a importância de revisitarmos nossos percursos, construirmos uma identidade e de nunca perdermos de vista os nossos objetivos (ponto que reafirmamos diversas vezes ao longo dos encontros e testemunhos dos colegas). Pensamos, ao longo das linhas do artigo, sobre a representatividade das experiências não escolares de educação que refletem sobre o olhar da observação, as quais corroboram para a aprendizagem do olhar e para a construção de competências que viabilizem a observação atenta do cotidiano, compreendendo que “o olhar é perspectivado e depende do ponto de observação, oscila em recortes de revelação e de ocultação, de descobrimento e de encobrimento.” (Stecanela, 2012, p.21). Nessa perspectiva, questioneimei-me sobre o que mobiliza o olhar, o que mobiliza o meu olhar, considerando que vamos formando-nos, constituindo-nos, com e pelas experiências, podendo, a partir dessas indagações, compreender a importância de nos conhecermos e nos reconhecermos. Que tipo de pesquisadora sou eu? Essa questão seguiu nos

encontrando, ou seguimos encontrando com ela, ao longo das aulas, ao longo de cada discussão e das novas perspectivas descobertas, assumidas.

Lembrei, a partir disso, de António Novoa, nas palavras que constroem a “Carta a jovem investigador em Educação”, de 2014, quando o autor nos saúda com oito conselhos, e mais um, que nos convidam a refletir sobre o quanto nos conhecemos, sobre a necessidade de fazê-lo e de sermos fiéis à curiosidade que nos toma, de conhecermos as regras da ciência, mas não deixar de arriscarmos e ir além de seus limites, relacionando-nos com os outros, vivendo e experienciando. Fala, ainda, sobre a necessidade de conhecermos a nossa escrita, pois fazemos, existimos, com ela, por ela, sendo responsáveis por ir além das evidências e de ter ação, considerando, sempre, o lugar em que estamos, do qual falamos. Sobretudo, conhecer com liberdade e pela liberdade é um dos conselhos que mais toca no que penso sobre investigar, experienciar e ser pela humanidade, com humanidade.

Seguindo o tecer dos encontros, tivemos a oportunidade de ouvir relatos de colegas sobre as suas experiências como pesquisadores e da prática com determinados métodos. Também, recebemos pessoas de fora da turma que, com a articulação da professora, contribuíram grandemente para nosso processo de construção do conhecimento. Refletindo sobre nossas ações como pesquisadores e sobre a nossa constituição, vimos, logo no início desse percurso, como as metodologias de ‘revisões’ na literatura científica podem contribuir para conhecer o percurso histórico das pesquisas de uma área ou um tema a ser consolidado, de modo que são importantes instrumentos para o acompanhamento da produção do conhecimento, demarcando temas pouco estudados e favorecendo a integração entre os diferentes campos do saber. Clareamos nossa compreensão sobre métodos como o estado da arte e o estado do conhecimento, que, conforme vimos, são estudos que sistematizam o que foi produzido durante um período de tempo e área de abrangência, observando rastros deixados no percurso histórico de suas produções. Essas metodologias, de caráter bibliográfico, parecem trazer em comum o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento e, por tal, são importantes para que, como pesquisadores, possamos nos situar e situar os nossos objetos de estudo. Penso que essas sejam linhas importantes para serem consideradas e, por isso, reverberam nas minhas tessituras, afinal podem ser um caminho para responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de modo que elas têm em comum o objetivo de “olhar para trás” e podem ser base para a continuação do tecer por fios que foram deixados nesses processos.

Dentre as discussões, sobre o estado de conhecimento, observamos que se trata da identificação, registro, categorização que levem à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área, em um determinado espaço de tempo sobre uma temática específica (Morosini; Fernandes, 2014). O estado da arte possibilita que seja efetivado o balanço da pesquisa de uma determinada área e tem contribuição para a constituição do

campo teórico de uma área de conhecimento pela identificação de aportes significativos (Romanowski; Ens, 2006). Como vimos, trata-se de um método que permite ultrapassar o mapeamento das produções científicas, gerando um vasto acervo de diferentes formas de pesquisas. Ouvimos também sobre a revisão sistemática que, por sua vez, baseado nas discussões tecidas no encontro, trata-se de um método que permite maximizar o potencial de uma busca, localizando o maior número possível de resultados de uma forma organizada. Vimos, pelo relato e esclarecimentos da colega que nos falava sobre ele que, a partir desse método, é possível mapear o quadro teórico, histórico e os resultados dos estudos publicados, além de compreender e organizar alguns resultados científicos. Na postura de pesquisadores, entendemos, com o tecer das agulhas junto às linhas unidas nesse processo, que é de grande valia nos inteirarmos de métodos e fazer uso dos mesmos, compreendendo-os e identificando os mais adequados para a nossa trajetória, para a nossa pesquisa. Vimos que é indispensável descrever o que fizemos, justificar os caminhos adotados e deixar claro como percorremos o nosso pesquisar. Ou seja, nossas tessituras precisam ser clareadas em relação aos fios que utilizamos, às escolhas das linhas, cores e, inclusive, das agulhas que selecionamos para construí-las. Nossa criação precisa ser clareada para que, cientificamente, seja compreendida e validada.

Seguindo as reflexões e os encontros ambientados no percurso do seminário, passamos pela instrumentalização para a construção de um instrumento de pesquisa, em nosso caso, de um questionário. Nesse ponto, a chuva já caía. Uma torrente de mudanças desestabilizou alguns percursos e mudou algumas rotas. Isso pode acontecer, na vida, na pesquisa, nos seres. Bem, em meio ao cair da chuva, seguimos de mãos entrelaçadas para tecer os encontros. Mais uma vez, a reflexão sobre nossa postura pesquisadora e a nossa constituição em meio à área de pesquisa em Educação nos tocou, nos sensibilizou. Disso, surgiu o instrumento criado por muitas mãos, um questionário sobre a **construção da identidade do pesquisador(a) na pós-graduação** *stricto sensu*. *Ao construir esse instrumento, discutir sobre a sua forma e, por fim, respondê-lo, podemos observar muito do que discutimos no início da disciplina sobre o ser pesquisador, mas, dessa vez, com novos olhares, ampliados pelas lentes da experiência em constante construção.*

Pelas linhas desenroladas no decorrer dos encontros, com chuva e em sua esperada ausência, pensamos sobre diversos métodos, tal como os citados. A pesquisa-ação foi outro deles. Destaco-a nessas linhas pela atenção que me despertou, justifico por tratar-se da metodologia que tenho utilizado em minha trajetória como pesquisadora ao longo da empiria da minha pesquisa de mestrado. Tenho, como base metodológica, a investigação a partir de pesquisa empírica, de âmbito qualitativo, delineada como pesquisa-ação, o que coloca a pesquisa que estou desenvolvendo em estreita associação com uma ação e aproxima o meu eu pesquisador, bem como os demais participantes, as crianças nesse caso, nos envolvendo de modo

cooperativo ou participativo (Thiollent, 2006). Acredito que, como Franco (2016) destaca em sua concepção, a pesquisa-ação seja impregnada das perspectivas emancipatórias de Paulo Freire que se manifestam desde a Pedagogia do Oprimido, de modo que tem como base a reflexão crítica dos sujeitos sobre as próprias práticas e a problematização da realidade para o seu enfrentamento e busca por soluções. A ação como centro é um ponto que, vemos, é importante para o pesquisador, especialmente no sentido de tomar decisões, de pôr em prática, de buscar e refletir sobre as ações adotadas para voltar a agir. A reflexão, por sua vez, como bem vimos em tantos momentos, é imprescindível nessa trajetória e na constituição da pesquisa e daquele que a realiza.

Pelo caminho da tessitura da minha pesquisa, que, penso, não é apenas minha, sendo escrita por muitas mãos e encontros participantes, confirmei que a linguagem permite ao homem conhecer e ser conhecido (Bordini; Aguiar, 1993) e que, podemos dizer, o poder se faz pela linguagem, se inscrevendo nela e por ela. Barthes (2007) entende que a linguagem pode ser definida como um tipo de legislação, tendo a língua como o seu código. Segundo o autor, não percebemos o poder da língua por esquecermos de que toda e qualquer língua se trata de uma classificação, e que, como tal, é opressiva, já que “[...] por sua própria estrutura, a língua implica uma relação fatal de alienação” (Barthes, 2007, p. 13). Trago, nessa carta, essas linhas de relação pelo fato de ao escrevê-la ter pensado muito sobre a trapaça literária proposta pelo autor para driblar o autoritarismo da língua. De forma ousada, penso que a escrita pelo formato de cartas seja uma forma de expressão que, talvez, nos aproxime da liberdade, no sentido do diálogo próximo ao pessoal. Talvez, seja por isso que tenha surgido, aqui, as linhas que me levam à Barthes (2007) e à literatura. Entendo, no entanto, a incontestável distinção do que pontuo ao longo desse escrito com uma literatura, é fato. Mas, sem pretensão de comparar ambas, relaciono a liberdade buscada na língua pela literatura à liberdade da pesquisa expressa em cartas. Bem, tomei essa liberdade de comparar, pois foi um ponto de encontro que chamou a minha atenção e entrou em minhas tessituras.

Com isso, chegamos à parte da trajetória do seminário, dentre tantos encontros, que nos apresentou, efetivamente, às Cartas pedagógicas, reconhecidas como peculiaridade de Paulo Freire (Freitas, 2021). Esse encontro foi cativo e nos inspirou, inclusive, no tecer do desafio que aqui realizamos pela escrita dessa carta. Tecida a partir dessas vivências, a carta aqui construída também foi, em relação a sua forma de carta pedagógica, pensada e sugerida pelo grupo com base na experiência possibilitada nos encontros do seminário. Tivemos o privilégio de ouvir a professora Ana Lúcia Souza de Freitas, que nos presenteou com um **“convite-provocação”** (talvez esteja expressa no termo em destaque uma trapaça com a língua, uma busca ou expressão de liberdade, uma liberdade, aliás, bastante freireana), como definido pela professora Nilda, para que gerássemos uma carta pedagógica coletiva, expressando as nossas impressões, dilemas,

assertivas, entusiasmos, sínteses sobre o uso da carta pedagógica no ensino e na pesquisa. Os fios soltos deixados por essa proposta geraram a que aqui desenvolvo e as de tantas outras mãos a serem entregues pelos colegas.

Aprendemos, pelo diálogo com a professora Ana Lúcia, e inclusive na prática, que, baseada na intencionalidade, a carta pedagógica tem como pilares a ação e a intenção, sendo, ao mesmo tempo, carregada de emoção, que é tão presente no processo de aprender, de ensinar e conhecer e, nesse caso, no de registrar. Como destaca Freitas (2021), observa-se que pelas cartas pedagógicas é possível ampliar o diálogo, fomentar a participação e, ainda, apoiar a produção de escrita autoral. Lembro de uma colega pontuar que a carta é o lugar de integração, de atravessamentos. Ela se referia à carta escrita a muitas mãos, proposta pela professora Ana Lúcia. Eu, agora, inspirada pelas linhas que ela utilizou na tessitura conjunta, estendo a caracterização à carta que estou construindo. Tal como o seminário foi desenvolvido a muitas mãos, esse registro de expressão que apresento também o é, afinal, eu também o sou. Feita de muitas mãos e experiências, pelos encontros que atravessaram chuvas, águas e sol, reflito pelas linhas dessa carta sobre os pontos que desfiz na tessitura do meu ser, sobre as linhas que alinhabei, as novas pontas que integrei, os novos nós que criei e, assim, a tessitura que (re)construí.

Sigo (re)construindo, tecendo, refletindo, desfazendo, criando. Vamos clareando, sempre em construção e em partilha. É um processo repleto de beleza e subjetividade, transformador e significativo. O exercício de pensar sobre nós mesmos na postura de pesquisadores e sobretudo o que nos toca e nos compõe, creio, é contínuo. Escrever uma carta pedagógica me fez refletir e retomar linhas deixadas pelos encontros, além de alinhar novos fios, desfazer alguns nós e alinhar outros de forma reflexiva.

Faço a postagem dessa carta em 23 de junho de 2024, ouvindo o barulho contínuo da chuva e os estrondos dos trovões em uma reviravolta do clima, saudando o cinza do inverno, alguns dias após sua tessitura ter sido iniciada com raios amarelos entrando pela janela, um dia antes do começo da fria estação. Tal como a vida e nós mesmos, o clima muda, o sol vem e vai. Vamos enfrentando as chuvas e clareando a nós mesmos sempre que possível.

Que sigamos tecendo, refletindo, clareando e nos constituindo juntos, por muitas mãos.

Um abraço afetuoso,

Júlia Duarte Schenkel



O SENTIDO DE SER O SER (CON)SENTIDO

Kathia Maris Mariani Sonalio⁷

O amanhecer me encanta!!! É como se depositasse esperança em cada nesga de sol que vai aparecendo!!! É nessa rede de possibilidades, a de ter um novo dia inteiro de vivências, que me abasteço...

Justamente hoje, há um ano atrás eu estava envolta à perspectiva da minha aposentadoria, que aconteceria em primeiro de agosto. Internamente algo me inquietava... não era pelo fato de “ não ter mais o quê fazer”, a obrigação de levantar cedo... não!!!! A inquietude era de perceber o tanto que fui profissionalmente e que dentro de mim ainda brotava energia e voracidade pelo conhecimento! Olhava absorta para os livros que sabia restarem empoeirados no porvir, a pilha de papéis que passariam a ser blocos de anotações... de coisas práticas e até de coisas sem sentido, minhas escritas borriariam com o tempo daquilo que fui...

Envolta pela dubiedade daquele momento sou arrebatada pelo óbito da minha mãe. Mãe fonte, inspiração, ser encantado que inculcou-me na arte da Educação. Das conversas diárias sempre surgia a motivação para querer mais... saber mais... Funde-se, então, uma dor absurda e brota a incerteza entre me deixar abater ou seguir em frente! Mas de que forma seguir se naquele momento me faltava o chão? Eis que bate à minha porta uma Amiga Professora, que estimo muito, e que me pede... “[...] multiplica tudo o que tu sabes sobre Educação Especial, as colegas estão perdidas, as crianças precisam. [...]”.

Decidi, então, abrir minhas asas e voar e tudo aconteceu numa rapidez impressionante. Em pouco tempo, me vi fazendo a inscrição, estudando para a prova e sendo aprovada no Mestrado... e, rapidamente, em minha mente e coração ecoa “O que será, que será!”. Busquei calma com o Chico (Buarque de Holanda) mas a tomada de consciência foi o que aqueceu minh'alma”. Vida nova. Vida que brota.

Ingressar no Mestrado, considero uma honraria, uma distinção... e não uso da soberba para explicar este sentimento pois acredito que todos podemos. É um sentimento de cercar-me de possibilidades infindas, de

⁷ Licenciada em Pedagogia Educação Especial para Deficientes Mentais/PUC. Especialista em Psicopedagogia, PUC/RS; Formação Continuada de Professores para AEE, UFC; Gestão da Clínica nas Regiões de Saúde, Instituto Sírio Libanês de Ensino e Pesquisa. Mestranda em Educação pelo Programa de PósGraduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul (PPGEdu-UCS).

tocar na alma do outro com maestria. Ser Mestre é sim repassar minha bagagem com o aprimoramento que a academia dá. É um polir um diamante para que reverbere luz! É na ansiedade de novos conhecimentos que me vejo plasmada por conceitos. Não tem como não crescer.

Pois então, as aulas começam... e um misto de euforia e prazer me toma.

Conhecer pessoas novas é instigante... é um abrir-se para o outro com o reconhecimento de que em ambos os lados moram o encantamento, as dúvidas e os medos que serão enfrentados.

Encontro velhos conhecidos, mas é a maturidade que me faz entender as entrelinhas da paixão de Paulo Freire pela Educação. E com esse gosto doce do reencontro partilho novos amigos que me antecederam no mundo da pesquisa., no mundo da busca de respostas... nesse novo mundo enquanto me constituo como Mestranda.

Ser pesquisadora aguça meus sentidos, mas sei do árduo caminho e da imersão através de muita leitura para reestruturar minha práxis. Muitas pedras encontrarei, mas sei que elas edificarão. Eis que surge, em minhas lembranças, Carlos (Drumond de Andrade):

[...] No meio do caminho tinha uma pedra
Nunca me esquecerei desse acontecimento
Na vida de minhas retinas tão fatigadas
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
Tinha uma pedra [...].

Pois assim surge o Seminário de Metodologia de Pesquisa em Educação para ajudar a construir a base desta minha nova casa...[... com pedrinhas tão brilhantes...] que levam o nome de Pesquisa-ação, Estado da Arte, Estado do Conhecimento, Círculos Dialógicos Revisão de Literatura, Questionário, Grupos Focais, Cartas Pedagógicas, Entrevistas, Análise Textual, dentre outras prováveis.

A pesquisa científica é um norte que tem por objetivo descobrir e interpretar fatos que estão inseridos em uma determinada realidade. O instrumento a ser utilizado é o que nos dá a garantia de navegar ancorados no aprofundamento acadêmico e com o rigor necessário à cientificidade. Isto podemos atingir com análise de dados (Questionários, Grupos Focais, etc...) ou com a leveza das palavras (Cartas Pedagógicas, Círculos Dialógicos, etc...) e foi nesta última que absorvi e me tocou de forma sensibilizada. Círculos dialógicos onde encontro possibilidades e meu pensamento corre as palavras “diálogo cooperativo e comprometido, ação-reflexão-ação, sujeitos participantes como coautores, auto(trans)formação de professores, escuta sensível ao outro”.

Agora, escrevendo esta carta, percebo que busco, através da minha pesquisa, absorver as palavras, os sentimentos, as lembranças das colegas. Espero que ao responderem o questionário, ou a entrevista, ou qualquer outra metodologia que definirei, sintam-se coautoras do meu projeto resgatando memórias reflexivas. Espero que nossa escuta resgate valores de companheirismo. Que esta dialogicidade sirva para nortear o futuro.

Assim sendo, encerro esta carta e acalmo meu pensamento.

Com Carinho, aguardando os novos passos.

Kathia Maris Mariani Sonalio

Mestranda em Educação – 16^a Turma PPGEdu UCS

PS: Querida Profe Nilda.... Desculpe a intimidade. Não me refiro a ti desta forma por termos sido colegas da Educação Municipal, mas me refiro a ti pela ação/ reação que provocastes, em mim, na aula de ontem (18/06/2024). Mais do que sensibilizada, saí enlevada e tocada.

Te dedico as lindas e profundas palavras de Paulo Freire que dizem que “[...] A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo de busca. E o ensinar e o aprender não podem dar-se fora da procura, da boniteza e da alegria.[...]”.

Encontrar tanta nobreza e partilha me fazem acreditar que fiz a escolha certa... a de buscar o Mestrado para ter o sentido de ser e isto explica o ser (con)sentido que encontrei neste vasto universo acadêmico.



A MUDANÇA COMO ELEMENTO CHAVE AO PERTENCIMENTO ACADÊMICO

*Leticia Montanari Carra Balen*⁸

Caxias do Sul, 15 de junho de 2024.

Querido leitor de identidade desconhecida. Hoje, atendendo a um convite do Seminário de Metodologia de Pesquisa, me propus compartilhar, através dessa Carta Pedagógica, percepções e modulações do meu pensamento nessa retomada do ritmo de estudos acadêmicos – aqui no formato de Mestrado em Educação.

Idealizar uma carta (conversa) nessa tarde de sábado chuvoso, com chimarrão e pipoca é um verdadeiro retorno ao passado. É me colocar na condição de aprendiz e ouvinte na sala da família onde histórias e ensinamentos para uma vida se apresentavam, formando muito do que me tornei enquanto sujeito ativo. Sinto vontade, após apresentar esse contexto que me encontro, de mencionar a saudade que sinto dos meus pais e dos aprendizados de vida. Logo os visitarei.

Me anima compartilhar algumas reflexões, sentimentos e o que vem alimentando minha permanência em sala de aula nesse retorno ao universo acadêmico. Os desafios que encaro hoje como mulher, executiva de negócios de uma multinacional, mãe, esposa e consultora são gigantesco. A condição que me coloquei assume em alguns momentos um papel pretencioso demais. Me pergunto: haverá lugar e espaço para me tornar a pesquisadora que um dia quero ser? Muitas vezes em aula o questionamento sobre o perfil necessário de um pesquisador se distancia da minha realidade. E sim, é nessa distância que me encontro e que por muitas vezes fez eu me distanciar ainda mais...

Como já mencionei, estou cursando Mestrado em Educação pela Universidade de Caxias do Sul. Sou egressa dessa Universidade que por seis anos estive imersa. Cursei Psicologia e concomitantemente Pedagogia. Voava. Produzia e queria cada vez mais aperfeiçoar minha práxis. Iniciei o mestrado há 12 anos, e por querer viver o sonho da maternidade (sem fracionar a qualidade de tempo a dois projetos de vida – maternidade e mestrado) me

⁸ Graduada em Psicologia e Pedagogia. Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul (PPGEdu-UCS).

distanciei da academia naquela época. Essa volta, tanto tempo depois, tem sido um convite ao enfrentamento ideológico e político, pois os cenários para a carreira docente não são (ou estão) no meu domínio. Questiono se esse perfil de pesquisador de mestrado que tanto se falou em aula, corroborará com meu propósito de atuação, pois, assim como cita Skliar (2003), por muitas vezes me percebo sendo o “outro” visto pelos outros nessa jornada.

Pensar nas contribuições que Paulo Freire e Martin Buber fazem sobre a formação humana na educação me nutre de possibilidades (reais) nessa nova caminhada do saber. Os dois filósofos nos convidam para o enfrentamento no presente num constante estado do conhecimento. E se analisamos profundamente, entendemos que os contextos mais difíceis são os que mais nos exigem essa entrega e estado de alerta. Se, em um contexto desfavorável tivermos medo, será através desse medo que a ação e a mudança irão emergir. Confesso: isso é muito provocador, não é? Mas foi a partir dessa compreensão que iniciei essa muDANÇA de posicionamento e atitude. Se o estado do saber que tenho agora não reproduz mais a “música” que eu sabia dançar, é o momento de me atualizar nesse novo ritmo de dança. E somente através dessa nova dança (que a muDANÇA provoca), conseguirei me colocar na condição de aspirante a pesquisador e pode contribuir muito no futuro. A consciência que trago agora é análoga ao que já foi dito por Cavalcanti (2014):

Não existe professor de ciências sem uma epistemologia de fundo, sem uma base epistemológica que dê sustentação para o seu trabalho pedagógico. Não há pesquisa propriamente dita sem uma base epistemológica. Assim, para se formar o professor pesquisador, há que se enfrentar o desafio da formação epistemológica e a consequente discussão sobre os olhares epistemológicos.

Além destas reflexões sobre os novos olhares epistemológicos na Educação, tenho aprendido que a clareza de propósitos e bases de formação inspiracional, são determinantes para seguir qualquer jornada. Aprendi muito com uma mulher inspiradora. Ela, educadora, esposa, mãe de dois filhos, determinada e fruto de uma sociedade excludente para a época, abandonou sua carreira, mas não seus propósitos de vida. Ao “apagar das luzes sobre o que gostava de fazer” se reinventou e foi viver a muDANÇA necessária para aquele momento. Hoje, ela continua sendo minha referência como sujeito-mulher e educadora que acreditou, através do seu novo espaço de atuação profissional, ser agente de mudança e transformação de mundo. À ela, chamo de mãe!

Por certo que no estágio da construção desta carta, está claro o quanto elas nos dão visibilidade ao(s) conceito(s) que queremos propagar. Para ampliar as reflexões e potencializar outras linguagens e formas de leitura, trarei como as reflexões sobre as relações entre educação e estudos provocam-me a ressignificar o agora para o futuro. Nita Freire, ao citar as cartas pedagógicas e outros escritos da obra de Paulo Freire, evidencia em

suas últimas reflexões, aspectos como incompletude aparece presente no intuito de convidar para que o diálogo não pare e que o conhecimento continue sendo produzido e articulado.

A este respeito, Paulo Freire escreveu “(...) ensaios na forma de cartas, em que, sem negar as qualidades dos ensaios tradicionais, optou por esta forma menos habitual por acreditar que os textos assim redigidos são mais comunicadores” (Freire, Ana, 1994, p.239). Isso nos traz a versão mais sensata que este instrumento é resultado sim de experiências, onde emoções e conhecimento se fundem numa linguagem que conecta genuinamente autor e leitor. Além disso, confere uma potência (trans)formadora da escrita exercida por meio da elaboração de Cartas Pedagógicas, apontando com segurança que este pode ser um caminho novo com bases antigas (uma vez que sempre remete ao apreço do passado – que é o ato de receber cartas e que traz aconchego e pertencimento à vida, à memória de alguém).

É importante que se diga que Paulo Freire não entende a proposição das cartas apenas como algo prazeroso, emotivo e com significados afetivos. Trata-se de um exercício político, onde a busca pelo “sonho real” fica eternizado. Em Cartas a Cristina, o autor inclusive faz referência sobre sua relação com a escrita e que me identifico profundamente, pois também pretendo deixar aqui eternizado esses pensamentos e conflitos de uma jornada de formação. “Não escrevo somente porque me dá prazer escrever, mas também porque me sinto politicamente comprometido, porque gostaria de convencer outras pessoas, sem a elas mentir, de que o sonho ou os sonhos de que falo, sobre que escrevo e porque luto, valem a pena ser tentados.” (Freire, 1994, p.15-16)

Enfim, esta é a reflexão que gostaria de compartilhar, onde reitero a necessidade de registrarmos nossa trajetória do conhecimento e seus entraves. Muito aprendemos com as dores e experiências dos outros. Quando nos colocamos na condição de agentes de muDANÇA precisamos aceitar os novos movimentos necessários a esses novos ritmos. Quando queremos de fato, dominar a “dança”, precisamos nos entregar à condição de aprendiz e buscar o prazer pelo conhecimento como parte de nossa formação educativa.

E, quando penso em um rito de finalização, na expectativa de que a escrita desta carta sobre Cartas Pedagógicas, seja acessível e tenha feito sentido, compartilho a poesia de Cecília Meireles que, aos meus olhos, é um deleite neste processo do saber. Ela nos seduz quando aponta a necessidade de pensar nossas escolhas, tangenciadas pelas dúvidas e incertezas de um novo caminho... posso afirmar, nada é tão profundo e certo quanto a sintonia das palavras dela com meus pensamentos e sonhos.

Ou se tem chuva e não se tem sol,

Ou se tem sol e não se tem chuva!

Ou se calça a luva e não se põe o anel,

Ou se põe o anel e não se calça a luva!
Quem sobe nos ares não fica no chão,
Quem fica no chão não sobe nos ares.
É uma grande pena que não se possa
Estar ao mesmo tempo em dois lugares!
Ou guardo o dinheiro e não compro o doce,
Ou compro o doce e gasto o dinheiro.
Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo...
E vivo escolhendo o dia inteiro!
Não sei se brinco, não sei se estudo,
Se saio correndo, ou fico tranquilo.
Mas não consegui entender ainda
Qual é melhor: se é isto ou aquilo.

(Meireles, 2001, p. 1483)

Abraços com novos ritmos e ritos.

Leticia Montanari Carra Balen



MOVIMENTOS DA PESQUISA EM EDUCAÇÃO

Marcus Vinícius Comandulli Ruppental⁹

Caxias do Sul, 23 de junho de 2024.

Aos pesquisadores e pesquisadoras da educação!

A escrita aqui elaborada foi feita por um mestrando, que inicia uma nova etapa na sua caminhada, cursando os primeiros seminários. Esse movimento de escrita, no formato de carta pedagógica, foi instigado a partir do seminário de Metodologia e Pesquisa em Educação, ministrado pela professora doutora Nilda Stecanela, no Programa de Pós-Graduação em Educação stricto sensu, em nível de Mestrado e Doutorado, da Universidade de Caxias do Sul. Como fechamento do seminário, foi construída a ideia de escrever uma carta pedagógica, com o objetivo de fazer um apanhando dos encontros, sobre o que foi vivenciado pela turma, na sua formação técnica e humana.

No seminário foram abordados diferentes métodos, instrumentos e procedimentos para a construção da pesquisa, que dialogam com a formação da identidade e da autonomia de pesquisadores e pesquisadoras. A partir do aprofundamento teórico-metodológico do seminário de Metodologia e Pesquisa em Educação, se expôs a realidade de um mestrado, onde as dimensões que constituem a formação do pesquisador vão ganhando contornos objetivos.

O movimento de aprofundamento teórico-metodológico gerou um sentimento coletivo na turma de mestrado, de que o processo de formação na graduação e eventual pós-graduação lato sensu, focados quase que exclusivamente nos conteúdos, deixaram uma lacuna sobre os processos que constituem a pesquisa e consequentemente o pesquisador.

A partir da experiência do mestrado nos deparamos com a escolha do método e sua relação com nossos objetos de investigação, com o referencial teórico que servirá de base para a construção do nosso objeto de estudo e com a autonomia necessária para fazer as escolhas e delinear os percursos. Embora esses fatores já fossem visualizados antes do ingresso no mestrado, quando nos deparamos com a realidade, há uma sensação de

⁹ Licenciado em História. Mestrando em Educação em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul (PPGEdu-UCS).

insegurança frente aos desafios da nova etapa, que tem como objetivo a formação do pesquisador.

A formação do pesquisador se faz a partir da construção de sua identidade e da autonomia em relação aos caminhos que o mesmo irá trilhar durante a pesquisa. A construção da autonomia, compreendida a partir de Freire (2021) “enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada”. Nesse sentido, é possível dizer que é no processo de fazer a pesquisa que o pesquisador vai se constituindo, apropriando-se de metodologias, procedimentos, análises, e a partir desse processo, configura-se uma relação entre autonomia e identidade.

Pensando no processo de fazer a pesquisa, durante o seminário, foram convidados pesquisadores e pesquisadoras para compartilhar com a turma os métodos e percursos trilhados em cada pesquisa, possibilitando assim, perceber a relação entre a teoria e a prática na constituição dos movimentos da pesquisa. Além da troca sobre métodos e procedimentos, foi possível dialogar sobre questões relacionadas a dimensão humana do pesquisador, que envolvem alegrias, angústias, esperanças, inseguranças. Esse momento de troca, de aspectos técnicos da pesquisa e da formação humana do pesquisador, baseados no diálogo e na escuta, fortaleceu o grupo criando condições para as relações que irão se constituir ao longo do mestrado.

O seminário propõe uma prática a partir do conceito de práxis, elaborado por Freire, articulando a teoria e a prática na pesquisa científica. A práxis entendida como “reflexão e ação incidindo sobre as estruturas a serem transformadas” (Freire, p.168, 2012) propõe o movimento dialético da teoria e da prática, e na pesquisa, visa intervir na realidade, a partir do posicionamento político e da perspectiva crítica do pesquisador.

Como seres históricos temos a capacidade de intervir no mundo e conhecer o mundo (Freire, 2021), e a pesquisa é um instrumento capaz de realizar essa leitura de forma crítica e propor ações a partir de uma concepção profunda da realidade. Nesse sentido é importante a socialização da pesquisa além dos limites da academia, onde o pesquisador possa dialogar com as práticas educativas no cotidiano, e subsidiá-las a partir de pesquisas elaboradas com rigor e cientificidade.

Freire propõe uma transição da curiosidade ingênua para a curiosidade epistemológica na educação, movimento esse que tem a pesquisa como elemento central nas práticas de ensino e aprendizagem. Ao propor uma curiosidade epistemológica, busca-se um aprofundamento teórico-metodológico que possa gerar reflexões e ações para inquietações da vida cotidiana nos espaços educativos.

Nesse sentido, a socialização do conhecimento científico se faz necessária para a construção de uma curiosidade epistemológica nas práticas educativas, onde a pesquisa feita nos domínios da universidade passa a dialogar com quem atua na base. Assim, é importante que o pesquisador consiga adaptar o vocabulário construído na academia, muitas vezes com conceitos

distantes do cotidiano de muitas realidades, para uma linguagem acessível em diferentes contextos, e a carta pedagógica possibilita esse movimento.

Por fim, a carta pedagógica é um instrumento que permite integrar diferentes realidades pela sua flexibilidade em relação à escrita, e assim, possibilita instigar a curiosidade epistemológica provocada pela pesquisa, onde “o legado de Paulo Freire e as experiências de reinvenção das Cartas Pedagógicas constituem um fecundo campo de estudos e sugerem possibilidades de articulação de ações de ensino, pesquisa, extensão e gestão” (Freitas, 2021).

Marcus Vinícius Comandulli Ruppental



MICRORREVOLUÇÕES A FORÇA DE CONSTITUIR-SE PESQUISADORA NO/DO COTIDIANO

Maria Itelvina de Oliveira Prateado Costa¹⁰

Caxias do Sul, 16 de junho de 2024.

Querido PAItado,

Tenho várias novidades a lhe contar, dentre elas, que estou cursando o tão desejado Mestrado em Educação, na UCS. Em meio às aulas, leituras, escritas e montagem do meu projeto de pesquisa, estou terminando a disciplina Seminário de Metodologia da Pesquisa em Educação, cujo trabalho final me provocou a escrita dessa carta para o Senhor.

Neste domingo chuvoso de final de outono, fecho os olhos numa viagem no tempo e retorno há quase quarenta e três anos... ouço o som da tesoura em contato com o tecido vermelho e observo as mãos hábeis da mamãe a segurar o tecido e a conduzir o objeto afiado no caminho das marcas de giz.

Também a vejo fazer a máquina de costura “pegar no tranco” depois de umas boas pedaladas. Pernas e pés se juntam em harmonia na dança do ir e vir do pedal e colaboram para a composição do som que se torna constante... música que ouço de longe...

Estou deitada, no chão, observando a cena e brincando ao lado da Carol, da Consul e da Beta. Na minha inquietude, com um interruptor de parede nas mãos, crio melodias de diferentes ritmos mudando a posição da tomada e também vejo desenhos no céu azul, olhando as nuvens comporem avião, dinossauro, peixe...

A tarde passa lentamente, entre uma brincadeira e outra, até que o vestido que mamãe costurava fica pronto. Como ela consegue transformar um tecido reto, sem graça, que é picado em pedaços estranhos, em peças tão únicas e especiais?

¹⁰ Licenciada em Pedagogia. Especialista em Psicopedagogia, Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica. Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul (PPGEdu-UCS).

Pai, também me pergunto: como aquele interruptor que está em minhas mãos, que quando o Senhor o coloca na parede, o “amarra” com fios e o aperta, faz uma lâmpada acender ou apagar?

Entre minhas divagações infantis, o objeto continua sendo o meu piano e com ele componho músicas só suas e minhas, pois você sempre soube que eu tenho “mais comunhão com as coisas do que comparação.” (Barros, 2015, p.15)

Os pensamentos, as risadas e as conversas ecoam e se espalham entre outras tantas lembranças de nossas conversas, de perguntas, de contemplações, de encontros, de leituras, de estudos, de cursos, de aprendizagens, de territórios habitados, erros e acertos no fazer de mais de trinta anos de vivência profissional e de constante processo de formação em cotidianos escolares, assumindo vários papéis desde professora a gestora de grandes escolas da capital goiana e também de Brasília, movimentos acompanhados por você, Paiteado, meu incentivador e confidente.

Nesse movimento, lembro-me de uma fala de Paulo Freire (1996, p.25): “quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado”.

Aquela inquietude pela busca de novas possibilidades de explorar outros territórios além do que já estavam postos, respeito pelo outro, busca por/no cotidiano escolar garantir espaços para a manifestação da singularidade das crianças, dos jovens e dos educadores com quem convivia sempre foram minhas marcas e lutas e o Senhor as conheceu muito bem!

Pai, consegui ampliar o meu olhar para os processos de gestão e também para o cotidiano das escolas. Especialmente, para o papel da formação de professores, que acredito deva ser acolhedora, generosa, (re)vigorosa, processual, em contexto, abrindo espaço para o (re)conhecimento e manifestação dos saberes, das culturas e dos diferentes jeitos possíveis de ser e de se constituir no universo da educação, pois “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. (Freire, 1996, p. 25)

A força da lembrança, Paiteado, traz cenas de muitas ações realizadas com gestores e coordenadores de escolas, de encontros formativos com professoras a respeito de formação leitora e alfabetização (além de arte e infância), das viagens para aprofundar meus estudos a respeito da pedagogia da escuta, dos cursos com Paulo Fochi, das vivências no Ateliê Carambola, dos seminários da *Reggio Children* e do intercâmbio no *Jardim Fabulinus*, na Argentina.

Nesse momento, papai, reconheço o quanto essas experiências possibilitaram uma ampliação significativa de minha visão de educação, formação e de cultura, provocando novas inquietações, desejo de mais pesquisas da minha parte e questionamentos sobre o papel da escola para as crianças, o papel do educador - (Re)produzir? (Re) criar? Ser autor do seu

fazer? E, ainda sobre o meu papel enquanto mulher, mãe, esposa, educadora, gestora, aprendiz...

Parece que essas lembranças estão muito distantes daquela menina que brincava com as irmãs, que via a mamãe transformar o tecido em obra prima, que brincava com o objeto de trabalho do Senhor e que se fazia várias perguntas...

Mas, aquela artesanaria do olhar, do observar, do escutar, do conversar, do rir, do experimentar, do imaginar, do admirar, do criar, do (r)emendar, do (re)cortar, do coser, do (re)conectar fios, do (re)ligar e do (re)apagar, do (re)provocar, do (re)atribuir novos sentidos e significados às coisas, do (re)criar e alimentar memórias afetivas permitiram me espalhar, sendo autora de uma de minhas mais importantes obras, o Ateliê Prateado - Espaço Aprendizagem, em Lajeado-RS.

Ah, pai, o Senhor foi embora antes de conhecer o Ateliê, que se constituiu como um grande espaço de experimentação e criação em defesa das infâncias, sendo batizado com o seu sobrenome como forma de agradecimento pela sua força em vida e por tudo que me ensinou...

Crianças, arte, literatura, corporeidade, estudos, infâncias, autoria, natureza, singeleza, educadores, famílias, comunidade, pesquisas, produção de conhecimento, culturas, universidade, filha, esposo se encontravam em/nos cotidianos no/do Ateliê Prateado e eu me via impelida a explorar outros territórios, a estudar e aprender mais, pois sempre tive clareza da força do seu compromisso com um fazer pedagógico diferente do institucionalizado nas escolas.

Em meus dias, passei a contemplar crianças pesquisando e admirando seus achados, que consideravam grandes tesouros - besouros, minhocas, tatus-bolinhas, diferentes tipos de flores e folhagens - encontrados no jardim ou no quintal do Ateliê que, para elas, assim, como para o poeta (Barros, 2015, p. 149), era maior que o mundo e favorecia a leitura do mundo, precedendo a leitura da palavra (Paulo Freire, 1991).

Ah, me permita, pai, compartilhar com o Senhor um dos meus poemas prediletos de Manoel de Barros, que tem muita ligação com o que estou lhe contando:

O apanhador de desperdícios

Uso a palavra para compor meus silêncios.

Não gosto das palavras

fatigadas de informar.

Dou mais respeito

às que vivem de barriga no chão

tipo água pedra sapo.

Entendo bem o sotaque das águas.
Dou respeito às coisas desimportantes
e aos seres desimportantes.
Prezo insetos mais que aviões.
Prezo a velocidade
das tartarugas mais que a dos mísseis.
Tenho em mim esse atraso de nasença.
Eu fui aparelhado
para gostar de passarinhos.
Tenho abundância de ser feliz por isso.
Meu quintal é maior do que o mundo.
Sou um apanhador de desperdícios:
Amo os restos
como as boas moscas.
Queria que a minha voz tivesse um formato de canto.
Porque eu não sou da informática:
eu sou da invencionática.
Só uso a palavra para compor meus silêncios.

Também encontrei, na companhia de crianças, casulos e, por dias, junto a elas, observei a forma e a força de uma borboleta ao libertar-se dele. Escutei o verbo pegar delírio (Barros, 2015, p. 83), em conversas entre e com as crianças e também delicieei-me contando histórias, ouvindo e vendo-as lendo livros literários sozinhas ou umas para outras e conversando sobre eles, em espaços convidativos, que foram cuidadosamente e intencionalmente organizados por mim.

Vi bastante lavandas, alecrins, sálvias, flores transformando-se em “comidinhas” saborosas, compondo pratos esteticamente montados com areia e lãs coloridas.

A calçada de entrada da casa do Ateliê foi várias vezes pintada com água e pincel ou com giz desenhada. O portão da rua era suporte para expor muitas das obras (de arte) e criações das crianças, tornando-se uma galeria a céu aberto para os vizinhos e pessoas que transitavam pela rua. Muitos passantes agradeciam pela beleza e cuidado do que ali era exposto.

Várias vezes, me enchi de alegria ao encontrar-me com as crianças durante suas “invencionáticas” com tintas, colas, miçangas, tecidos, linhas,

papéis coloridos, fitas, carvão, elementos naturais - folhas, flores, galhos, pinhas, sementes - papelões, plásticos, jornais, dentre tantos outros materiais.

Quantas vezes, pai, me peguei admirando as crianças construindo grandes cidades, fazendas ou sítios arqueológicos usando pedaços de madeira, placas de papelão, carretéis de plástico, tecidos, botões, isopor, dentre tantos outros materiais. Tenho certeza de que você também se encantaria.

Ah, se eu tivesse frequentado o Ateliê Prateado não tocaria músicas apenas naqueles interruptores de parede que o Senhor usava em seu trabalho, mas em piano, violão, tambor, gaita com as outras crianças. Ou, faria solos de interruptor na banda do Ateliê, permitindo assim, que todas as crianças dançassem livremente, experimentando movimentos diferentes e leves ou repetindo aqueles já descobertos por cada uma delas, como faziam quando eram convidadas a experimentar ritmos de dança contemporânea ou outros ritmos apreciados por elas.

Para mim, papai, obras literárias de qualidade são pequenos museus (Pascoscká, 2013) que favorecem ricas experiências estéticas, na perspectiva de Malaguzzi:

como a capacidade da pessoa de entrar em ressonância com o mundo, de maneira que, na forma de conhecer, ele soube incluir o gosto pelo belo, pelo bonito, entendido como experiência e não como adorno vazio. (Hoyuelos, 2020, p.186)

Por isso, muitas vezes emprestei minha voz e gestos às crianças e adultos, para que se aproximassem e apreciassem as histórias. Também muito os incentivei a explorar o objeto-livro com suas diferentes materialidades, criando uma microcomunidade de leitores (Lerner, 2001, p. 17), possibilitando a atribuição de novos sentidos às imagens e ao texto escrito, bem como ao diálogo entre eles, contribuindo para uma possível ampliação do olhar e da experiência leitora, pois:

...o livro infantil pode incentivar o gosto por bens culturais, fomentar a apreciação e estimular a leitura antes mesmo da alfabetização, porque treina a criança a relativizar o que sente e entende da obra pela acessibilidade a suas formas de escritas, jogos cognitivos, de significação e motores – pelo tocar, folhear, manusear, experimentar da obra. (Ramos e Paiva, 2014, p. 429)

Sempre cuidei da curadoria dos livros literários que oferecia às crianças para que tivessem projetos gráficos ricos, para que oportunizassem muitas possibilidades de pensamentos, fugindo de textos e imagens que reforçassem estereótipos ou pensamentos dominantes e preconceituosos, por meu compromisso ético, estético e político com a vida.

Pai, acredito que as obras literárias de qualidade favorecem a ampliação de diferentes repertórios linguísticos, estéticos e culturais, que impactam diretamente a forma como o leitor significa e se coloca no mundo e em suas relações. Pois a literatura também é humanizadora (Antonio

Candido, 2011, p. 176), na medida que, proporciona ao leitor aproximação com diferentes mundos e culturas, com a diversidade e com formas distintas de pensar e agir, com diversas linguagens e emoções.

Assim, dar visibilidade aos saberes e criações das crianças, narrar os cotidianos vividos no Ateliê na óptica da criança e do adulto, supervisionar estudantes do curso de psicologia da UNIVATES dentro do Ateliê - ação, estudo, produção escrita -, montar curso de formação de professores a respeito de formação leitora, produzir conteúdos para as redes sociais sobre culturas das infâncias e do Ateliê passou a ser os seus fazeres prediletos naquela ocasião.

Os encontros com pessoas, textos e livros como preparação para a realização de 50 horas de *lives*, sobre temáticas relacionadas às infâncias e à educação, com estudiosos das áreas exploradas, durante a pandemia, me permitiram ampliar as leituras, os estudos, os olhares e a imaginação. Porém pai, reconheço, minha incompletude e a necessidade de aprender mais e mais.

No movimento de deslocamento e expansão de saberes, passei a habitar outro território geográfico, sai do nosso Cerrado, passei pelo Vale do Taquari e cá estou na Serra Gaúcha - muitas paisagens, culturas, aprendizagens, vínculos, saudades, amizades, experiências, subjetivações, vivências, completa abertura ao novo, ao aprender, ao crescer, ao espalhar-me...

Em Caxias do Sul, tive como primeiro espaço de aproximação com a cultura local e de criação, o Instituto de Leitura Quindim, o Senhor iria adorar o espaço e a história do prédio!

Imersa em mais de seis mil livros literários, criei e supervisionei o Ateliê Araçari, participei da curadoria de quinhentos títulos de livros literários para compor cinco bibliotecas ligadas à Fundação Vale do Rio Doce.

Hoje, pai, ali sou voluntária, conselheira e assessora do espaço que acolheu a mim, a Manu e ao Paulo com tanto respeito. Também colaborei com outras curadorias do Quindim e fui júri na escolha dos trinta melhores livros literários infantis, da Revista Crescer, dos anos de 2021 e 2023.

Depois de caminhar por outros espaços, hoje sou professora concursada pela Secretaria Municipal de Educação de Caxias do Sul - o Senhor ficaria muito orgulhoso ao reconhecer o primeiro nome da lista dos aprovados como o da sua primogênita.

Devido ao meu compromisso ético, político e estético já manifestado anteriormente, não mais me deixo envolver - sem reflexão e questionamentos - pelo tecido curricular comumente institucionalizado - frio, diretivo, pré-escrito, determinado - busco (re)cortá-lo, usando meu conhecimento teórico-prático e minha inquietude com o *status quo* para provocar e fazer novos ajustes, (r)emendas (os), (re)ligações, tessituras com a vida de cada criança e professor com quem trabalho, com o objetivo de provocar o deslocamento de seus (e meus) pensamentos para romper com o já posto ou determinado, dando abertura para a criação do novo, provocando olhares

inéditos, novas buscas e experiências, (re)conhecendo e (res)saltando as diferenças e os diferentes, incitando assim, novos movimentos.

Minha inquietude e minhas concepções sempre ficaram explícitas no cotidiano das turmas de Educação Infantil por meio dos meus movimentos de (re)organização do espaço da sala de aula, (re)configurado como um grande ateliê, com diferentes materiais expostos para que as crianças tivessem fácil acesso e pudessem usá-los sempre que necessário, demarcando a presença de vários livros literários na sala, os quais meninas e meninos tinham contato diário, garantindo espaço-tempo para o brincar e o conviver. As provocações para as ações das crianças perpassavam por espaços de escuta e de fala, de criação, de construção e expressão artística.

Outro movimento presente no meu fazer pedagógico na escola foi dar visibilidade às manifestações das crianças, no exercício e na busca que encontrem brechas na institucionalização da escola para serem “vistas”, “escutadas”, respeitadas, em suas individualidades, diferenças e coletividade, superando a violência simbólica tão legitimada.

No exercício da docência, sempre me conecto com a experiência da minha infância, pai... Sei que no céu há um funcionamento natural composto por nuvens. Quando eu via composições e atribuía sentido às formas, identificando desenhos, eu rompia com o previsto, com a normalização, exercício que o eu-criança fazia com naturalidade, mas que, por vezes, o eu-adulta ignora. Tenho consciência que sempre preciso estar atenta, aberta, no exercício de escuta das urgências da vida e me colocando como uma pesquisadora em constante formação, em busca da coerência, do vigor e do rigor científico, de modo que a minhas pesquisas também tenham relevância social.

Paiteado, seria esta postura uma busca por uma escola e um processo educacional mais humanizado, respeitoso, inventivo e cultural? Seria ainda a busca por viver e provocar em mim e nos educadores em formação/pares de convivência e de trabalho uma docência que desassossega, como a costureira que transforma tecidos em admiráveis obras, a partir de seus conhecimentos, recortes, alinhavos, costuras, tentativas, erros, desperdícios, sobras, rebarbas?

Ou ainda, como eu-criança que mesmo (re)conhecendo que o interruptor serve para acender e apagar uma lâmpada, insiste em transformá-lo em seu piano e sente-se segura para compor suas músicas, usando-o e rompendo com uma lógica endurecida e amplamente institucionalizada?

Pai querido, no exercício de buscar “o diferente” no mundo e em cada pessoa, de fazer de outro modo e de abrir espaço para novas significações, de surpreender com o inusitado, de provocar outras formas de olhar, tenho encontrado na criação e nas proposições de Ateliês, um espaço de materialidade de diversas culturas, de experiência, de reconhecimento e de abertura para as formas de pensar e de ser, de manifestação de

subjetividades, de provocação, que são bens de poesia (Barros, 2015, p. 47) e que convocam a uma docência criativa.

Entre minhas diferentes territorializações com(o) criança(s), filha, mãe, costureira(s), eletricista(s), escritora(es), pedagoga (os), psicopedagoga (os), professora(es) de anos iniciais, coordenadora(es) e assessora(es) pedagógica(os), vice(s)-diretora(es), diretora(es), sócia(s)-fundadora(es), atelierista(s), curadora(es) e professora(es) de Educação Infantil (novamente). E, atualmente, como mestrande e gerente de Educação Infantil da Rede Municipal de Educação de Caxias do Sul, vou compondo-me em minhas andarilhagens e aprendizagens.

Pai, antes de terminar, preciso lhe contar que no início do mês passado choveu bastante por aqui, ocasionando desmoronamento de terra em vários pontos da Serra Gaúcha e enchentes em grande parte do estado do Rio Grande do Sul. Vimos muitas perdas, cidades devastadas e cenas inimagináveis em vários locais que passeamos juntos, como Galópolis, todo Vale do Taquari, nas cidades às margens da Lagoa dos Patos e em Porto Alegre e região metropolitana. O povo gaúcho está se recuperando do maior desastre natural já vivido em sua história...

Que as microrrevoluções da Educação, que o Senhor tanto lutou por fazê-las e que eu tanto acredito e busco realizá-las, sejam uma força presente no processo de reconstrução do Estado que acolheu a mim e a minha família.

Deixo o meu muito obrigada por tudo que vivemos juntos e busco honrá-lo a cada dia.

Com carinho, de sua filha que tanto lhe ama,

Maria Itelvina de Oliveira Prateado Costa
(ou simplesmente Tê).



PRIMEIROS PASSOS DO PERCURSO DE UMA PESQUISADORA

Marieli Paim de Lima¹¹

Vacaria, 22 de junho de 2024.

Prezados Colegas e Professora!

É com satisfação que lhes escrevo estas linhas. Considero que o Seminário de Metodologia da Pesquisa em Educação possibilitou conhecer várias metodologias, e assim, refletir acerca da pesquisa a qual pretendo desenvolver.

Penso que esta experiência favoreceu o meu amadurecimento enquanto pesquisadora. De algum modo, as falas da professora, as exposições de pesquisadoras advindas do Programa de Pós-Graduação em Educação e as leituras a que tivemos acesso nos fizeram perceber a importância da escolha da metodologia, nos fazendo ver que mais do que um caminho, ou uma técnica para alcançar aquilo que se deseja saber, a metodologia revela as nossas concepções de educação e assim me fazem pensar que também evidenciam o nosso modo de ser no mundo. Quem são os sujeitos da minha pesquisa? O que é considerar os participantes como sujeitos? Qual o meu papel enquanto pesquisadora? Quais as contribuições da pesquisa que pretendo desenvolver para a Educação? Por que quero me tornar pesquisadora?

Cavalcanti (2013) esclarece que a metodologia está vinculada a uma teoria/epistemologia. Que a relação da Filosofia com a Epistemologia é intrínseca. Aquilo que queremos saber é de algum modo também uma questão filosófica.

Embora ciente da importância desta entrega em relação ao objeto da pesquisa que, no meu caso, é a Literatura Infantil, fico pensando se terei esta sensibilidade, esta capacidade que a Professora Pesquisadora Doutora Nilda Stecanela expõe em seu texto. Ao ler fico tocada pela analogia em relação ao pessegueiro e a constituição de sua identidade enquanto pesquisadora. Embora saiba que cada pessoa tem o seu modo de ver o mundo, é

¹¹ Mestra em Educação PPGE/UNIPLAC. Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul (PPGEdu-UCS).

inevitável pensar: será que serei capaz de perceber toda esta beleza? Sua escrita quase poética distancia-se daquilo que eu sabia sobre pesquisa.

Pesquisar parecia frio, mecânico, cujo rigor aparentemente dificultava perceber a beleza da ação de pesquisar. Penso em buscar em textos literários estratégias para tornar minha escrita mais fluída, para desenvolver a sensibilidade e quem sabe enriquecer o meu modo de escrever.

Sobre o ato de pesquisar, por meio das exposições das convidadas, tais como a Andréa Wahlbrink, me sinto inspirada. Além disso, me pareceu tão reconfortante ouvir de alguém que recentemente fez sua pesquisa, falar de sua experiência. Isto torna mais palpável, pois os textos nem sempre refletem o brilho que se vê nos olhos do pesquisador, no movimento do seu corpo que faz com que possamos perceber a satisfação de um trabalho feito com comprometimento.

A professora Andréa nos trouxe referenciais e problematizou os tipos metodológicos. Esta apresentação, dentre outras coisas, desmitificou a ideia de que era possível enquadrar certos conceitos. Percebi a partir das discussões, por exemplo, entre Estado da Arte e Estado do Conhecimento há muitas semelhanças, mas que este mapeamento poderá ser diferenciado a partir do referencial teórico.

As exposições apresentadas pela Doutoranda Maria de Fátima Fagherazzi Pizzoli me fizeram compreender ainda melhor, não que a experiência anterior não tivesse sido importante, (foi e muito!) mas esta exposição clarificou sobre os descritores, sobre as subcategorias, como escolher e excluir certas combinações.

As exposições das orientadas da professora Nilda foram muito significativas, percebi a riqueza deste mapeamento, uma vez que não apenas mostra dados, mas também realiza análises. Daí a professora Nilda destacar em suas aulas, não é “coleta de dados”, mas “construção”. Claro que quando fala isso, percebo que não se restringe ao levantamento, mas das análises, da observação de ações empíricas. Afinal, se pesquisamos sujeitos, eles não podem ser reduzidos a condição de objetos, tampouco nós enquanto pesquisadores poderíamos “usar” as pessoas, os fatos, precisamos refletir sobre o que fazemos. Construímos a partir do que vemos, mas não construímos sozinhos, fazemos a partir da ação humana.

A construção do questionário constitui-se como uma oportunidade de conhecer e trabalhar com colegas os quais não tinha ainda tido a oportunidade. Os encontros com o grupo, realizados de maneira virtual, foram enriquecedores.

Tivemos a oportunidade, de conversar e refletir sobre o nosso percurso formativo. E isso foi muito bom! Durante as conversas, percebemos que todos enfrentamos desafios, quer seja no Doutorado ou no Mestrado, há a necessidade de adaptação no âmbito financeiro, familiar, profissional dentre outros. Todos abnegamos alguma coisa, isso faz parte da vida!

Assim, buscar identificar *a identidade do pesquisador*, nos despertou olhar os nossos colegas com maior humanidade.

Elaborar um questionário parecia algo simples, mas ao contribuir com o grupo pude perceber que *é muito fácil* cairmos em armadilhas. É preciso cuidado e atenção. Não deve ser muito extenso, mas também é preciso ser suficiente.

A elaboração das perguntas não deve induzir a resposta, o que parece óbvio e fácil, mas ao escrever emergiam certas (auto) críticas e questionamentos: essa questão já foi feita de outro modo; esta pergunta é realmente relevante?; isso não é muito invasivo?

Conforme as leituras realizadas no que tange a questionários, percebemos que “[...] a pergunta é até mais importante que a resposta” (Chaer; Diniz e Ribeiro, 2011, p. 261). Ao que parece, os autores afirmam com ironia, na tentativa de nos fazer entender que: se a pergunta não for eficiente, tampouco a resposta será.

Sobre grupos focais, ficava me perguntando como organizar o espaço, me chamou a atenção quando a pesquisadora Cineri Fachin Moraes descreveu sua organização. Percebi o quanto é relevante tornar o ambiente confortável e acolhedor, além é claro da importância da assertividade das questões a serem debatidas bem como adequação as demandas da pesquisa social.

[...] é preciso (re)afirmar que o momento de escolha das técnicas aplicadas é posterior ao da definição do objeto, dos objetivos e da metodologia de pesquisa a ser empregada, sendo por estes influenciado. Isto posto, cabe ao pesquisador social conhecer e estudar as possibilidades e limitações intrínsecas a cada uma das técnicas com que pretende trabalhar (Neto; Moreira; Sucena, 2022, p. 5).

A escrita desta carta possibilitou reviver e lembrar as experiências realizadas durante essa jornada. Aprendemos muito!

A disciplina supramencionada é de grande relevância para o nosso percurso formativo, certamente seu conteúdo será revisitado quando a pesquisa estiver mais avançada. Os ensinamentos e o modo como a professora Nilda nos acolheu foram um facilitador nesse processo. As falas dos colegas, os compartilhamentos de suas experiências estão registrados em nossos cadernos e em nossa memória.

Finalizo externalizando meu sentimento de gratidão e o desejo de sucesso em suas jornadas.

Marieli Paim de Lima



DE PONTO EM PONTO, COSTURO MINHA HISTÓRIA

Maurem de Castilhos¹²

Araranguá, 14 de junho de 2024.

Manhã de 14 de junho de 2024, no dia de hoje me encontro em Araranguá/SC, mais um dos bordados afetuosos que a vida me proporcionou, mas não me deterei nisso. Com a brisa entrando pela janela, saúdo com meu sincero carinho a cada pessoa leitora desta carta, espero que ela possa cruzar o seu caminho de forma leve.

O processo de costura dessa carta parte de uma construção pedagógica das aulas da profe Nilda Stecanela, cuja disciplina ministrada foi Seminário de Metodologia de Pesquisa, durante o primeiro semestre do ano corrente, que se encerra com a entrega e apresentação dessa carta.

Para contar a você sobre a minha trajetória, inicio escrevendo sobre o meu primeiro contato com a pesquisa, a primeira cor que bordou o bastidor da minha história de pesquisadora. Eu me encontrava no Ensino Médio, em uma escola pública estadual - a realidade social vivenciada era a mesma dos dias de hoje, de precarização da educação, ausência de professores ou substituições fora das áreas de atuação, mas ainda assim, me encontrava e existia, enquanto estudante de uma região periférica que tinha curiosidade em aprender tudo que fosse novo -, uma das disciplinas que era ofertada no contra-turno escolar, tinha o nome de “Seminário Integrado”, dentre tantas coisas que passavam pelos conteúdos desta disciplina, a construção de um projeto de intervenção, em grupo, era uma delas. Conheci a partir dessa algumas das linhas multicoloridas que traçam um projeto de pesquisa: introdução, justificativa, objetivos, metodologia, recursos e cronograma. Eu achei bárbaro! Descrever o porquê da minha pesquisa ser importante, ou pensar ela a longo prazo em um cronograma, foi algo irreal sendo materializado em mim, logo eu, construindo um PROJETO para a escola em que estudava, dali pra frente foram só anseios novos por descobrir cada vez mais cores para minha identidade pessoal.

¹² Graduada em Serviço Social. Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul (PPGEdu-UCS).

Ainda essa semana comentei com minha orientadora sobre esse primeiro contato, e como lembro desse momento com carinho, talvez, ainda tenha o projeto arquivado em alguma memória digital.

Entre desafios de linhas arrebitadas e acertos e oportunidades em pontos firmes, cursei minha graduação em Serviço Social. Uma profissão linda, diversa e multicolorida! Me encantava e me corria a cada dia novo e a cada nova aprendizagem, a pesquisa foi se mostrando de diversas formas durante o fazer das disciplinas curriculares, enquanto eu descobria novas histórias e cestos de costuras, aos quais me inseri e movimente com outras tantas pessoas e suas cores. Dentro desse curso e com essas pessoas, costuramos o movimento estudantil e traçamos caminhos, ponto a ponto, para atender tantas outras demandas que a nós foram apresentadas. Muitas linhas arrebitadas, muitos trabalhos afastados no processo, mas cheguei, com mais alguns, até uma nova etapa, o processo de construção do Trabalho de Conclusão de Curso.

Não tive a oportunidade com o tempo hábil da minha vida de participar de programas de iniciação científica ou grupos de pesquisa, mas ouvia atentamente as conversas em sala ou corredores sobre as tantas apresentações feitas pelas pessoas que passavam por mim. No entanto, no meu TCC, eu pude novamente, me encontrar com o tal projeto de pesquisa, a partir dali, quase formada e com a compreensão de novas perspectivas, era meu momento de mergulhar mais uma vez no universo multicolorido que permeia a pesquisa.

Entre espetadas nos dedos, quebras de agulhas, linhas com nós, choros, bordados bonitos e muita parceria, finalizamos meu processo de formação, costurei o trabalho “Lutar para Estudar, Estudar para lutar: um debate acerca do ensino superior no Brasil e a formação em Serviço Social”, me graduei e tomei a decisão de continuar nesse universo de costureira de conhecimentos.

Queria compartilhar que é divertido escrever essa carta referenciando à costura, pois minha mãe é costureira, e todas as metáforas me fazem muito sentido, duplamente. Mas continuando...

Ao ingressar no Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UCS, chego humildemente com meu cesto de costura cheio dos bordados que construí no meu trajeto todo de vida, a cada dia que passa percebo que meus bordados não são tão parecidos com os de tantas outras colegas, que partilham de algo muito parecido - talvez seja a vivência delas na área das licenciaturas/ensino básico -, essa vivência eu não tinha, mas eu tinha algo em comum, que era o interesse em aprender algo novo, novamente, e ver as novas possibilidades de cores, me pergunto quantas mais cores serão possíveis de encontrar nos processos que a vida apresenta, e escolhi permanecer aberta a aprender e viver esses encontros.

Nas primeiras semanas senti-me perdida, não conhecia a maior parte dessas outras pessoas autoras que todos falavam, quem é Carbonell?!

Cambi?! Nóvoa?!. Diante disso, mais alguns nós foram feitos em minhas linhas, precisei de ajuda para desfazê-los e entender que algumas das minhas pessoas, como Iamamoto, Netto e Cardoso, também não eram conhecidos pelas minhas colegas. Afinal, viemos de lugares diferentes, com custos de costuras diferentes, mas não com importância ou validade reduzida, somos importantes e suficientes para aquilo que nos propormos a ser e construir, e agora, estaremos construindo novos bordados juntas.

Especialmente na disciplina de Metodologia da Pesquisa em Educação, foi possível conhecer novos tons sobre as muitas possibilidades que percorrem a construção do bordado. A professora e pesquisadora Nilda nos apresentou diversos autores e autoras, que por sua vez bordaram os caminhos da pesquisa antes de nós. Durante esse novo processo de bordado da minha vida, em que começo a colorir um novo trabalho e participar de novos momentos de criação e pesquisa, pude encontrar e aprender nos textos com essas novas pessoas e seus trabalhos.

Com as autoras Morosini e Fernandes (2014), pudemos (re)conhecer o que é o estado do conhecimento, como dizem

é identificação, registro, categorização que levem à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área, em um determinado espaço de tempo, congregando periódicos, teses, dissertações e livros sobre uma temática específica. Uma característica a destacar é a sua contribuição para a presença do novo na monografia. (Morosini; Fernandes, 2014, p. 155).

O estado do conhecimento e o estado da arte, muito parecidos e se diferenciam pelos autores de referência que serão embasados, tem a finalidade de construir um percurso analítico para explorar as produções de alguma área. Conversou-se muito em aula que boa parte das Dissertações e Teses elaboradas passam por tal processo no momento de revisão de literatura, no entanto, também foi reforçado, que não é um critério para toda pesquisadora.

Ainda sobre revisão de literatura, a professora Nilda Stecanela convidou sua orientanda Marcia Speguen de Quadros Piccoli para apresentar sobre a Revisão Sistemática de Literatura, que consiste em um aprofundamento ainda maior no campo/área a ser pesquisado, com estudo em diversas plataformas e com questões norteadoras (além dos descritores) para busca de materiais. A apresentação de Piccoli consistiu em um artigo construído sobre a revisão que fez parte de sua Tese de Doutorado em Educação. As autoras destacam principalmente conceitos de outros pesquisadores sobre a RSL, dando os devidos créditos a quem veio antes, como é o exemplo de uma das citações em que “consideram a RSL como uma forma de estudo secundário que utiliza uma metodologia bem definida para identificar, analisar e interpretar todas as evidências disponíveis a respeito de uma questão de pesquisa, seguindo as etapas de planejamento, de condução e de relatório” (Kitchenham e Charters, 2007, *in* Piccoli; Stecanela, 2023, p. 3).

As aulas também permitiram conhecer sobre diversas ferramentas que nos auxiliam no processo de bordar a pesquisa, como é o caso do questionário, destacado especialmente por Melo e Bianchi (2015) como um importante instrumento de coleta de dados para a pesquisa. Inclusive, como uma das práticas pedagógicas propostas pela Professora Nilda nesta disciplina, a turma elaborou um questionário onde construímos dados sobre a identidade do/a pesquisador/a ingressantes nos cursos de pós-graduação em Educação da UCS, neste momento foi possível compartilhar saberes e sentimentos em relação ao novo processo que estamos vivenciando juntos/as.

Na sequência, outras ferramentas estudadas foram os Grupos Focais, onde a pesquisadora Cineri Fachin Moraes pode compartilhar conosco sua experiência na pesquisa, além de acompanharmos outros autores, como Neto, Moreira e Sucena (2002), que definem grupo focal como

uma técnica de Pesquisa na qual o Pesquisador reúne, num mesmo local e durante um certo período, uma determinada quantidade de pessoas que fazem parte do público-alvo de suas investigações, tendo como objetivo coletar, a partir do diálogo e do debate com e entre eles, informações acerca de um tema específico (Neto; Moreira; Sucena, 2002, p. 5).

Tal instrumento serviu como evidenciador de muitas dúvidas em sala, além de ser um instigador para a criação de grupos focais dentro ou fora dos projetos de pesquisa das/dos mestrandas/os e doutorandas/os em Educação deste PPG.

Na nossa construção coletiva do bordado feito durante a disciplina, também convidou-se duas importantes pessoas para participarem das aulas, sendo a Professora Ana Lúcia Souza de Freitas - que compartilhou conosco sobre a suas “andarilhagens” com as cartas pedagógicas -, e o Professor Celso Ilgo Henz - que costurou conosco sua bonita experiência acerca dos círculos dialógicos Formativo-Investigativos.

Fujo agora da ordem cronológica dos acontecimentos e assuntos trabalhados em aula, para costurar a temática da pesquisa-ação na prática pedagógica, abordada por Franco (2014), com a temática de meu próprio projeto de pesquisa, que visa discorrer sobre os projetos político pedagógicos do Curso de Serviço Social da UCS.

A autora Franco pontua em seu capítulo escrito, que a pesquisa-ação em sua abordagem crítica “compromete-se tanto com a produção de conhecimento sobre a realidade social quanto com a sua transformação em sentido emancipatório” (Franco, 2014, p. 219), ou seja, a pesquisa-ação não é uma forma de pesquisar que se propõe ao conhecimento estático e finito, mas sim em um conhecimento que movimenta. Da mesma forma, o Serviço Social se propõe em seu trabalho, por meio do materialismo histórico-dialético, movimentar as estruturas sociais para que os sujeitos sejam autônomos e não mais exista a exploração do homem pelo homem, tornando assim a sociedade mais justa e igualitária.

Desta forma, ao tentar abordar em meu projeto de pesquisa acerca dos projetos político pedagógicos, me coloco no compromisso social, pedagógico, ético e científico ao apresentar essa profissão (e curso) com a sua devida importância e responsabilidade, especialmente permitindo que as docentes que construíram o Serviço Social na UCS tenham voz para discorrer sobre ele, pesquisando sobre o curso que me formou e que forma muitas/os outras/os Assistentes Sociais, a fim de refletir seus avanços (e possíveis retrocessos) e as dificuldades de formação e de permanência da profissão em um sistema socioeconômico cujo maior objeto de exploração está nas pessoas que o constroem.

Destaco aqui, para enfatizar o projeto, as palavras de Gerber (2009):

explorar o passado, para aqueles que o fazem, significa colocar em movimento a própria vida social e buscar respostas para problemas e questões que estiveram presentes em outros tempos, significa enveredar por caminhos além do imaginado inicialmente, o que pode vir a se tornar uma aventura (Gerber, 2009, p. 13).

Para finalizar, parafraseio Edna Frigato, ao dizer a mim mesma e a pessoa leitora que ainda está aqui: que não nos falte linha para remendar a vida, mas, sobretudo, que não nos falte cores para bordá-la. Que nossas histórias se cruzem mais uma vez, e que possamos compartilhar novos pontos.

Abraço Afetuoso,

Mestranda
Maurem de Castilhos



CARTA PEDAGÓGICA

Milena A. Vieira da Silva¹³

Caxias do Sul, 16 de junho de 2024.

Prezados colegas,

Com imensa gratidão escrevo a vocês no intuito de compartilhar as reverberações acerca de como o *Seminário de Metodologia em Pesquisa*, (que finalizou no último dia 11 de junho para muitos, isso porque como bolsista ingressei no seminário algumas aulas após o início padrão, por essa razão, recebi a oportunidade de prestigiar mais um encontro presencial a fim de sanar as dúvidas que surgiram nesse trajeto), impactou na minha constituição como pesquisadora científica.

Pautadas em análises complexas acerca da temática pensada e selecionada, vimos questões que norteiam esse caminho e que logo de início questionam a viabilidade do nosso processo no âmbito do mestrado. Surgem então os primeiros anseios e questionamentos. Tempo, relevância, aceitação.... As inseguranças vão surgindo e a cada aula elas vão criando embasamento teórico.

Talvez a ansiedade de construção, de tornar palpável uma ideia sonhada, seja acompanhada pela euforia e como pesquisadores científicos iniciantes precisamos entender que cada etapa necessita de detalhes que anteriormente não existiam para nós. Aos poucos esse sentimento se dissipou dando lugar a outros, que provavelmente também irão tomar o mesmo rumo, a pacificação.

Um dos textos que mais marcou esses momentos falava da importância de nossas experiências passadas, e refletindo a esse pensamento trago toda a minha vivência. Assim, me sinto pertencente.

Recordo diversos rostos os quais se propuseram a expor suas histórias e como isso tranquilizava nós, iniciantes do mestrado, mas em especial um deles mexeu muito comigo e me inspirou. A essa colega do Doutorado que realizou sua tese nas infâncias, Obrigada!

¹³ Licenciada em Pedagogia. Especialista em Educação Especial e Inclusiva, Neuropsicopedagogia, Educação Especial e Inclusiva, ABA - Análise do Comportamento Aplicada e Gestão Educacional. Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul (PPGEdu-UCS).

O Seminário de Metodologia em Pesquisa impactou muito na minha construção pessoal, ressignificou também, o meu olhar crítico para desafios dentro das especificidades da educação, algo muito ligado à minha área de pesquisa. Em um dos textos aos quais abordamos em aula, o autor traz a importância de sair da zona de conforto e entrar no campo do conhecimento, uma vez que nos detemos em opiniões e acabamos nos prendendo em lugares sem saída. Esses detalhes que vimos nas aulas da professora Nilda, ficarão gravados na minha trajetória agregando positivamente, é a partir desses vínculos que constituirei uma relação entre meu objeto de estudo e os sujeitos envolvidos, é assim que terei certeza da clareza da minha concepção metodológica, é essa ligação que irá gerar subsídios para o desfecho do projeto.

Caros colegas, no decorrer das aulas discussões e ideias foram construídas e compartilhadas, permitindo a cada momento, a análise detalhada de contextos acerca da metodologia de pesquisa, permitindo que pudéssemos construir nossos caminhos da melhor forma possível e com excelentes ferramentas.

As oportunidades vivenciadas durante o seminário permitiram-nos, assimilar o conhecimento através das práticas já utilizadas e testadas por colegas que compartilharam suas experiências, agrega saberes práticos, acessíveis e comuns a todos, corroborando com a premissa de que a pedagogia não se constrói sozinha e sim no convívio com os pares, as trocas de experiências e a valorização de nossas vivências, fazem com que o conhecimento seja palpável, acessível e intrínseco.

Considerando aspectos descritos, ecoam na minha experiência acadêmica probabilidades diversas trazidas pelo contexto do seminário. Assim, consolido esta carta com a convicção de que os assuntos abordados impulsionam a continuidade dos meus estudos de forma assertiva.

Atenciosamente,

Milena A. Vieira da Silva



CARTA PEDAGÓGICA

Mônica Sônego Ferraça¹⁴

Caxias do Sul, 14 de maio de 2024

Saudações professora Nilda!

Hoje, sexta-feira, numa bela manhã de sol, no bairro Salgado Filho, começo a escrita reflexiva a partir do uso de uma Carta Pedagógica. Nela, pretendo fazer um breve percurso sobre a disciplina Seminário Metodologia de Pesquisa em Educação, que nos foi oportunizada neste semestre nas terças-feiras, no horário das 18h às 19h30, com a participação de estudantes do mestrado e doutorado em Educação.

Deixo aqui registrado que pretendo refletir o percurso das aulas a partir da metáfora da tessitura utilizando linhas e agulhas de tricô. Estas linhas e agulhas são os registros que fiz no meu caderno, criando uma teia semântica.

Nosso primeiro encontro foi no dia 12 de março com a apresentação da professora sobre como seriam as aulas dessa disciplina. Ela explicou que iríamos conhecer os procedimentos para fazer a pesquisa, aproveitando para nos explicar sobre como funciona o mestrado e aspectos gerais do programa, sugerindo para que lêssemos os textos e fizéssemos um fichamento dos mesmos. Ao final da aula, nos deixou uma tarefa, pedindo para que fizéssemos uma lista de autores da educação que gostamos de ler pois fundamentam nossa sustentação teórica no momento. Nesse dia, confesso que cheguei empolgada e ao mesmo tempo receosa pois era o primeiro dia de aula e a professora Nilda foi a primeira professora que eu encontrei depois de 10 anos distante da universidade.

Utilizando a metáfora da tessitura, neste primeiro dia, senti que tinha que escolher as agulhas para tricotar e as linhas para dar as cores desse percurso. Como artesã, sei que há uma reflexão sobre o que vamos fazer (se uma blusa, um cachecol, um colete). Percebi que era um convite para uma nova aprendizagem e lá fui eu fazer o exercício sugerido, colocando nas

¹⁴ Licenciada em Pedagogia pela Universidade de Caxias do Sul. Licenciada em Letras pelo Centro Universitário Internacional Uninter. Especialista em Educação de Jovens e Adultos pela Universidade de Caxias do Sul e em Psicopedagogia Clínica e Institucional pelo Centro Universitário Internacional Uninter. Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul (PPGEdu-UCS).

agulhas o fio escolhido, criando meus primeiros pontos barra: a escrita dos autores da educação que gosto de ler destacando Paulo Freire, Magda Soares, Emília Ferreiro, Arthur Gomes de Moraes, autores ligados aos conceitos de alfabetização. Ao fazer este primeiro exercício ainda não havia me dado conta que o arcabouço teórico que temos delimita o campo da pesquisa e faz com que eu me aproxime ou não do objeto a ser pesquisado. O mestrado é um convite para ressignificar conceitos que já trazemos na prática fazendo uma reflexão daquilo que já temos consolidados como verdade.

No dia 19 de março participamos do XII Seminário de Integração no auditório do bloco onde fomos apresentados aos professores do curso de mestrado e doutorado. Foi um momento de acolhimento e tivemos mais informações a respeito do curso.

No próximo encontro, contamos com a participação da professora Andreia Wahlbrink que nos apresentou com uma bela aula sobre “*As epistemologias e a pesquisa em educação*”. Ela trouxe tantos conceitos interessantes que o que mais me chamou atenção foi a percepção que a ciência como a construção humana perpassa a nossa visão do mundo e o enfoque é dado a partir desta visão, então nenhuma pesquisa é neutra ou seja não existe uma pesquisa sem intencionalidade. Ela destaca que todo objeto de estudo passa pelo viés social, econômico, político, antropológico e cultural, não existindo ciência sem uma epistemologia de fundo e por isso a pesquisa tem relevância social. Ela exemplificou o que é o positivismo, a fenomenologia, o estruturalismo, a dialética explicando que o pesquisador deve se atentar ao tipo de epistemologia, pois às vezes há confusão entre as linhas epistemológicas, o que dificulta o fazer da pesquisa. Ela destaca ainda que conhecer para transformar é uma visão social do mundo e todo pesquisador deve ter dentro de si a ideia do contraditório, nós estamos no mestrado pois estamos com algo que nos inquieta e precisamos pesquisar para elucidar ou não as nossas dúvidas.

No quarto encontro tivemos que fazer a leitura do texto de Norma Sandra de Almeida Ferreira sobre o Estado da Arte, contamos com a participação de duas colegas e em suas pesquisas já estão fazendo este delineamento. Estado da arte é uma pesquisa realizada a partir da reflexão daquilo que já foi produzido como pesquisa científica onde analisamos o que já foi produzido em plataformas como a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, o catálogo da CAPES onde esse processo dá uma costura teórica para a dissertação.

No quinto encontro contamos com a participação da doutoranda Maria de Fátima e da mestrand Cristina. A partir da leitura do texto da Marília Morosini sobre o Estado do Conhecimento estabelecemos uma relação de diferenciação que está ligada à percepção dos autores que as escreveram. Fomos apresentadas ao que as autoras já estão compondo na tese e na dissertação, e foi muito rico esse momento onde pudemos conhecer os critérios booleanos e ter um breve detalhamento de como pesquisar.

No sexto encontro fomos convidados a fazer a leitura do texto sobre Revisão Sistemática de Literatura e contamos com a presença da doutora egressa do PPGEdu-UCS, Márcia Speguen de Quadros Piccoli, que utilizou essa metodologia em sua pesquisa.

No sétimo encontro fizemos uma parada reflexiva revisitando os conceitos de estado da arte, estado do conhecimento e revisão sistemática de literatura. Nesse encontro também fomos apresentados ao conceito de questionário e a professora Nilda, sempre atenta aos questionamentos do grupo principalmente dos mestres ingressantes, pensou em utilizar essa metodologia como potência para que nós, a partir da criação de um questionário, pudéssemos refletir sobre o percurso do mestrado. Foram elencadas perguntas para que nós respondêssemos sobre esses sentimentos que emergiram ao longo das discussões nas aulas e fizêssimos a partir de grupos, uma reflexão sobre o vivido e a partir dessa reflexão a proposição de perguntas sobre o percurso do aluno ingressante no curso de Mestrado da Universidade de Caxias do Sul. Foi a partir desta atividade que observei o fazer da pesquisa pois fomos convidados a criar um instrumento que tivesse um pertencimento do grupo.

No oitavo encontro observamos a artesanania, ocorrendo a proposição do questionário. Esta atividade mobilizou os estudantes da disciplina a refletir sobre como está esse sentimento em relação ao vivido do mestrado e isso foi muito importante, pois a partir da elaboração desse questionário observamos que houve um fazer da pesquisa. Pessoalmente, a partir da elaboração desse exercício, pude observar em mim, surgir a compreensão do conceito de protagonismo (tão falado nas aulas) e autonomia. Pela primeira vez me observei pesquisadora.

Nos encontros dez e onze, nos foram apresentados os conceitos sobre grupo focais com alguns apontamentos sobre a tese da professora da universidade, Cineri e também a conversa com a doutoranda Isadora.

No encontro doze foram abordados conceitos sobre a pesquisa-ação. A pesquisa-ação será utilizada como metodologia em meu projeto de pesquisa, mas, após ler o capítulo de Maria Amélia Santoro Franco, me dei conta que a pesquisa-ação parte de um problema do grupo participante para encontrar uma solução e isto virou um debate ético entre o que foi lido e aquilo que estou me propondo. Levei estes apontamentos à minha orientadora e estamos conversando sobre isto.

No encontro treze tivemos a oportunidade de ouvir Ana Lúcia Souza de Freitas sobre as cartas pedagógicas. A partir da leitura do artigo *Tarrafa de pescaria: o uso de carta na pesquisa* pude perceber que as cartas podem ser utilizadas posteriormente para construir os dados para a análise. Muito ligado aos conceitos de Paulo Freire, este exercício é lindo e possibilita ao pesquisador uma proximidade com o sujeito da pesquisa. O convite para escrever a carta coletiva foi um bonito momento de reflexão.

No encontro catorze, tivemos a oportunidade de ouvir a doutoranda Patrícia, que utilizou a Análise Textual Discursiva para sua dissertação.

Confesso que a explanação com a colega foi muito bonita, pois ela apresentou a metáfora do emaranhado de fios e seu percurso foi muito interessante como quando ela redigiu todas as falas das suas entrevistadas em um documento de 125 páginas, dentre outros elementos de sua fala. Ela utilizou a obra *Análise textual discursiva* de Roque Moraes e Maria do Carmo Galiazzi.

Por fim, no último encontro, tivemos um momento com o professor Celso Ilgo Henz que falou sobre os Círculos Dialógicos Formativo-Investigativos na universidade. Ele explicou sobre os movimentos dialéticos a partir do Grupo de Estudos e Pesquisa Dialogus: Educação, Auto(trans)formação e humanização com Paulo Freire, na Universidade de Santa Maria.

Como já escrita na carta coletiva, nesta disciplina fomos convidados a conhecer diferentes métodos de pesquisa. As leituras, sempre carregadas de profundidade e esclarecimento, me trouxeram novas percepções sobre como pesquisar. Falando em tessitura, observo que ao longo destes quinze encontros houve o movimento de tecer conhecimento a partir das metodologias apresentadas num movimento bem interessante de construção e desconstrução.

À medida que vamos tecendo alguns conceitos apresentados se destacam mais do que outros nesta carta, por isso observo que há sempre assuntos que chamam a atenção do estudante mais do que outros, mas todos são importantes. O percurso do estudante do mestrado é permeado de incertezas e dúvidas, mas esta disciplina se teceu de forma homogênea e tranquila. A cada linha (aula) apresentada, uma nova cor era tecida criando uma colcha de conhecimentos repletos de cores. A teia semântica foi construída de forma simples, mas concisa, marcando sua relevância.

Mais uma vez penso na relevância de Paulo Freire em todas as suas obras, em especial, *Pedagogia da Autonomia*. A autonomia dos sujeitos durante as aulas foi importante, pois houve muitos debates e explanações o que promoveu um debate rico e o desenvolvimento do pensamento crítico. O olhar e escuta sensível da professora Nilda foram uma constante na caminhada. Penso que há um sentido poético na jornada do estudante do mestrado, que inicia tão assustado e provocado com o que é proposto, mas percebo que deve ser assim mesmo, sentindo aos poucos como será a travessia, desacomodando certas certezas que hoje são tão incertas.

Encerro esta carta, agradecendo a oportunidade de escrevê-la (em tempo: escrevi ao longo do dia 14/06, iniciando logo de manhã em casa e concluindo no meio da tarde na escola. Pelas músicas que tenho ouvido, os festejos juninos se aproximam).

Mônica Sônego Ferraça



O SEMINÁRIO DE METODOLOGIA DA PESQUISA EM EDUCAÇÃO: TRICOTANDO REFLEXÕES E POSSIBILIDADES

Nicole Martini Longhi¹⁵

Caxias do Sul, 16 de junho de 2024.

Querida professora Nilda e colegas mestrandos.

Espero que todos estejam bem.

Escrevo para dividir com vocês a minha trajetória e reflexões acerca do Seminário de Metodologia da Pesquisa em Educação, cuja uma das propostas é orientar os mestrandos na escolha do método, na construção, na organização, na análise e na interpretação dos dados da investigação. Antes de mais nada, gostaria de dizer que os encontros foram muito significativos, porém, me identifiquei com um em especial, por ter vislumbrado a possibilidade da escolha do método para a minha pesquisa. Mais adiante falarei sobre isso.

Dando continuidade, quero suscitar o termo proposto pela professora Nilda, o artesanato intelectual. Essa metáfora das costuras e amarras que realizamos intelectualmente e que falamos no nosso primeiro encontro, me fez lembrar de parte da minha infância, quando aprendi a tricotar com a minha mãe. Fechando os olhos, consigo rememorar aqueles momentos de muito afeto, mas também de muito aprendizado, afinal a habilidade de tricotar é complexa e requer bastante esforço.

Esse processo exigiu paciência, tolerância, observação, cuidado e muita habilidade para tramar o novelo de lã com a utilização das agulhas e produzir um tecido. Provavelmente, todos sabem que uma peça feita de tricô, a depender do tamanho e do tempo disponível, leva muitos dias para ser produzida, até meses. Nesse movimento de intervalos e recomeços do tricô, era possível observar que cada parte realizada em um determinado tempo, fazia com que cada uma delas ficasse sensivelmente diferente das demais no que se refere à sua textura. Algumas vezes, com os pontos mais

¹⁵ Licenciada em Pedagogia. Especialista em Psicomotricidade Relacional. Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul (PPGEdu-UCS).

justos, outras com os pontos mais soltos, enfim, parecia que cada parte tricotada tinha marcas do modo como eu a tecia e parecia que isso tinha a ver com o quanto estava envolvida e implicada em cada momento. Bom, acredito que isso faz parte de qualquer processo artesanal.

Lembro de comparar as minhas produções com as da minha mãe e lembro também, que sempre perguntava o motivo pelo qual o meu tricô não ficava igual ao dela. Sabiamente, ela me respondia “cada um tem o seu jeito de fazer e, além disso, uma peça nunca ficará igual a outra”. Cada peça de tricô requer um método dependendo da intenção que temos para aquela determinada produção. Penso que a pesquisa tem um pouco disso, de produção artesanal, de construção feita à mão, onde o pesquisador se implica no processo e o objeto a ser pesquisado é analisado a partir do seu olhar, dos seus desejos e é inseparável da forma como este compreende o mundo e o método escolhido tem estreita relação com o problema e objetivo da pesquisa.

A forma como escolhemos ou somos levados a realizar a pesquisa, provavelmente dará o contorno e será um dos pilares da construção da nossa identidade como pesquisadores e pesquisadoras. Quero dividir com vocês um pouco do que estamos estudando no nosso grupo de pesquisa, conduzido pela professora Sonia Matos, minha orientadora, a respeito da cartografia, método que compõe a pesquisa que irei realizar. Assim como os geógrafos, o ato de cartografar se faz no desenho dos territórios, que acompanham a evolução do tempo e seus movimentos de transformação, e por isso, é mutável, flexível. Cartografar se traduz no desenho, no delineamento das ideias que surgem cotidianamente no seio da escola sobre os aspectos intencionados na investigação.

A pesquisadora, entendida aqui como cartógrafa, irá realizar a leitura das linhas que compõem os indivíduos, das suas segmentaridades e a partir desse mapeamento, que requer um certo tipo de intervenção, a troca de cartas também irá produzir efeitos a partir dessa relação pesquisadora/pesquisados. Conforme Deleuze & Parnet (1998),

temos tantas linhas emaranhadas quanto a mão. Somos complicados de modo diferente da mão. O que chamamos por nomes diversos – esquizo-análise, micro-política, pragmática, diagramatismo, rizomática, cartografia – não tem outro objeto do que o estudo dessas linhas, em grupos ou indivíduos.

Descobrir e mapear essas linhas através das escritas dos sujeitos envolvidos nos dá a possibilidade de refletir criticamente sobre elas. É necessário sensibilidade para enxergar e mapear esse território, realizando a leitura das linhas e dos encontros que a compõem.

Essa forma de pesquisar requer um trabalho de “corpo inteiro”, um estar por completo, atuando de forma ativa entre os sujeitos pesquisados. Por conseguinte, este método não será aplicado, mas sim, experimentado

como um exercício ativo. Isso pressupõe estar em um território, assumindo uma posição que é política. Não há neutralidade.

Professora e colegas, compartilhei a forma como irei realizar a pesquisa porque ela tem relação com o que anunciei no início desta carta, houve um momento específico desse Seminário que me encantou para além de tudo que foi proposto, que foi o encontro com a professora Ana Lúcia Souza de Freitas. Já tinha a ideia de trocar cartas com os sujeitos envolvidos na pesquisa proposta por mim. Após esse encontro, tive a certeza de que seria um caminho potente para o desenvolvimento desta.

Após o referido momento, como todos sabem, a professora Ana Lúcia nos escreveu uma carta e, no final desta, sugeriu duas leituras. Me deduzi sobre o artigo escrito por ela, intitulado “Donald Schön e Paulo Freire: um diálogo fecundo na formação de uma professora-pesquisadora” onde reflete ao valor atribuído à elaboração das cartas, bem como à afetividade envolvida no processo da escrita. No seu texto, também nos leva a perceber as relações exercidas entre o ato de registrar e a experiência da reflexão, evidenciando uma prática crítico-reflexiva em diferentes níveis. (Freitas, 2017). Dito isso, chamo a atenção para as cartas escritas pela professora Nilda, endereçadas a nós estudantes, anterior a cada encontro deste Seminário, uma prática que me parece pouco comum no meio acadêmico, mas que busca aproximar os sujeitos envolvidos no processo pela própria característica desta forma de escrita.

Em relação à pesquisa, a troca de cartas possibilita que o pesquisador esteja no campo ao invés de um olhar distanciado. Dessa forma, como ferramenta para o método cartográfico, elegi a carta como a possibilidade de esboçar um desenho, um mapa provisório a partir das escritas, dos diálogos e como consequência disso, provavelmente irão proporcionar o encontro com linhas e regiões imprevisíveis. Conforme Moraes (2012) a carta é um gênero textual que se aproxima da oralidade “e, por isso, permite a quem escreve dizer tudo aquilo que queria dizer, de tal forma que, ao ler, o destinatário percebe um acabamento do *querer dizer* do autor”. Penso que esses registros para a pesquisa se traduzem em fontes de uma riqueza imensa.

Quero dizer a vocês que, inspirada também pelo texto *A relação pedagógica mediada por cartas de aula: rotas dialógicas e ecos de uma experiência no Ensino Superior*, escrito pela professora Nilda Stecanela e Joanne Cristina Pedro (2019), onde compartilham suas práticas e expõem que as cartas, em suas experiências pedagógicas, funcionaram como disparadoras do diálogo e promoveram a interação, me encoraja a seguir por esse caminho. Os relatos das autoras mostram o quão potente esse recurso pode ser. No caso da pesquisa, a articulação de cartas vai ao encontro do método cartográfico, uma vez que nessa perspectiva, estaremos fazendo pesquisa **com** os sujeitos pesquisados, na ideia de que, a partir dos diálogos estabelecidos, não há como colocar-se fora do processo.

Gostaria de dizer a vocês que acredito que o método nunca irá ser escolhido ao acaso. Essa escolha tem a ver com o olhar do pesquisador, com o seu posicionamento e com as suas intenções. A professora Nilda Stecanela (2019) em seu texto *A escolha do método e a identidade do pesquisador* indaga: “Seria o objeto de investigação o elemento determinante para o desenvolvimento da pesquisa com base num método ou noutro?”; “Qual é o grau de sedução ou de prescrição que as filiações a determinadas comunidades científicas, organizadas em linhas de pesquisa e/ou em grupos de trabalho têm sobre o método que orienta nossos trânsitos metodológicos?” Acredito que o método eleito estará sempre costurado e condizente às nossas construções, às nossas leituras e elaborações, mas igualmente ao objeto a ser investigado. A própria professora responde às suas problematizações iniciais quando relata que as leituras e escritas com as quais teve contato e que produziram identificação, a partir de seus trânsitos pela pesquisa em educação, em grande medida, influenciaram na escolha dos métodos e a constituição da pesquisadora.

Confesso que tenho a preocupação de, após a realização da pesquisa, ter fôlego para, a partir dos dados empíricos, organizá-los, interpretá-los, analisá-los de forma consistente, tramando a potência das palavras dos sujeitos. Compreendo, diante do presente Seminário, que essa interpretação terá a implicação do pesquisador, sendo assim, os resultados de nossas pesquisas carregam as nossas descobertas, um tanto de nossos caminhos interpretativos e os nossos “contratos” teóricos.

Enfim, acredito que a beleza da pesquisa, assim como do tricô, não está no produto final, e sim no processo, laçando cada ponto que compõe o todo junto com os demais. O resultado nunca é dado a priori, é sempre o resultado da articulação entre intenção de quem tricota, da escolha das agulhas mais adequadas à espessura do fio de lã e de tudo que acontece no entorno enquanto esses fios vão sendo tramados.

Querida professora Nilda e colegas, quero arrematar essa carta, como costumava arrematar as peças de tricô que produzia, agradecendo imensamente pelas trocas e oportunidade de ampliar meu universo de conhecimentos.

Um abraço afetuoso.

Nicole Martini Longhi



CARTA PEDAGÓGICA: A POÉTICA NA EDUCAÇÃO PELO CORPO - CONSTITUIÇÃO DE UM CARTÓGRAFO

Nilcéia Pereira Kremer¹⁶

Caxias do Sul, 23 de Junho de 2024.

Estimado Artaud, escrevo para não esquecer e para agradecer, por sua inquietude frente à vida, frente a constituição autômata questionada pelo seu **corpo sem órgãos**, frente a inautenticidade detectada a partir do seu trabalho considerando o entorpecimento contemporâneo evidente em diversos setores da sociedade.

Como educadora, artista e pesquisadora confesso que sofro da mesma enfermidade que o afligiu, daí a minha necessidade de desenvolver um trabalho de pesquisa que, ainda hoje, pode ser visto como polêmico, por contemplar uma suposta subjetividade cada vez mais soterrada. Onde as pessoas procuram criar obras de arte, eu pretendo mostrar o meu espírito. Não concebo uma obra de arte dissociada da vida. (Artaud, Antonin, 2023, p. 10)

O olhar poético que nos desacomoda acompanha meu ofício de educadora, busco em você, considerado um dos artistas mais contundentes do século XX, a possibilidade de confrontar a arquitetura arbórea que constitui o enquadramento e a cegueira referente a constituição humana, ao passo que deveríamos trabalhar para gerar o desejo, a liberdade e a alegria em SER.

Ao interpelar a lógica da razão de instituições que corrompem o devir, me questiono em que medida as despedidas do que temos como certeza ampliam a visão do universo de possibilidades a serem desbravadas em nosso fazer, nos mais diversos aspectos: seja física, psíquica e espiritualmente. E olhe que, para tal questionamento ousou expor convicções expostas pela física quântica, ao afirmar que tudo é energia.

¹⁶ Licenciada em Letras (UCS). Pós-graduada em Literatura Infantil e Juvenil (UCAM). Pós-graduada em especialização no novo ensino médio: interdisciplinaridade e itinerários formativos para linguagens (UNILASALLE). Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul (PPGEdu-UCS).

Querido Artaud, amo a educação e suas estações, os processos de transformações e tudo que tais processos acarretam. Diariamente me surpreendo com as sementes que cultivo, ao perceber em algumas o poder de resistência inato e desafiador em manterem-se imunes ao vírus da sobreposição do capitalismo em detrimento da urgência da vida em sua integridade.

Se partirmos do pressuposto de que tudo é movimento, em que medida a educação proporciona, seja ela formal ou informal, um corpo dançante, experimental, imbuído por curiosidade? Em que medida ruminamos as clausuras impostas pelo sistema que imprime nos corpos decalques funcionais e não profícuos, já deflagrados pela história, pela arte, pela ciência... pelo cotidiano.

Meu amigo, preciso contar também que, seguimos vivendo em tempos sombrios, na verdade, depois de algum progresso social/estético/reflexivo, atualmente estamos voltando cem casas. A alienação tem imperado e os rizomas lançados na terra germinam a passos de ganso. No entanto seguimos, buscando cartografar uma linha de fuga que favoreça a construção da poética na vida, daí a poética pelo corpo na educação.

O primeiro princípio a ser evidenciado é de que se faz necessário viver o ofício docente poeticamente, compreendendo a transversalização dos conhecimentos como um evento de descoberta e não calcado na impositividade. Devemos considerar que o evento da vivência docente poética poderá ser visto como algo temerário, já que qualquer possibilidade de saída do lugar comum, comumente não é algo bem-quisto. Mas de outra maneira poderá ser notável, na medida em que será capaz de propiciar a vivência docente sob a ótica de um “horizonte estético dilatador”, conforme afirma Corazza (Corazza, 2018, P. 2).

Antonin, seu trabalho gerador de desejo me move a sonhar em transformar as possibilidades, propiciando a manifestação criativa guiada pelo desejo, através de um fazer docente imerso no poético que transpassa todas as áreas do conhecimento, independentemente do que possa contradizê-lo, pois a poesia reside no olhar do observador e, conseqüentemente, na vida de quem é atravessado por esse olhar.

O trabalho de pesquisa sobre a poética do corpo na/pela educação trata da prática docente imersa no poético e que se concretiza pelo corpo límpido, liberto para gerar possibilidades de expressividades estéticas/críticas e criativas que rompam as padronizações impostas.

De antemão, saiba que a postura de educadores críticos, combativos e anticonformistas desperta em mim imensa admiração. Posicionar-se contra o conservadorismo e os arranjos político-institucionais autoritários, como observamos nos últimos anos, demanda coragem e retidão e é essa a razão primeira pela qual escolhi trabalhar com a desconstrução deste corpo dominado pelos ajustes de tais conservadorismos.

Amigo, tenho me ocupado de reflexões cuja matéria é precisamente a construção dos corpos aprisionados em implicações externas aos seus desejos. As implicações de discursos, narrativas e práticas políticas perniciosas, claramente alinhadas aos interesses das elites econômicas, nos ordenamentos epistemológicos regentes dos currículos escolares no Brasil e, por conseguinte, das práticas pedagógicas que observamos em nosso ofício enquanto educadores e educadoras imersos no compromisso de formar sujeitos críticos, politicamente ativos e, sobretudo, aptos a transformar a realidade, tal qual nos ensinaram inúmeros pensadores da educação e da arte, pois ambas as áreas se complementam para que possamos esperar sujeitos humanos (fazendo jus ao conceito de humano), sensíveis e críticos, aptos a transformarem as suas realidades.

Lamento por hoje nos depararmos com construtos que se encontram na base de processos fundados na racionalidade capitalista e eurocêntrica (re)produzida desde os tempos do colonialismo. Desejo que possamos trilhar caminhos com parâmetros dialógicos, anti-discriminatórios e inclusivos, partindo da desconstrução de corpos aprisionados na naturalização do legado eurocêntrico, com vistas a romper com a lógica de objetificação, desumanização e exclusão das práticas e modelos pedagógicos decalcados na colonialidade.

Finalizo agradecendo por sua contribuição enquanto pensador que propõe a ruptura com modelos opressores, que nos privam de reconhecer-nos como humanos, além da arbitrariedade e de quaisquer tipos de segregação simbólica e material. Que possamos gerar novas representações a partir das rupturas com os modelos pré-estabelecidos e impostos como única via, projetando novas perspectivas e práticas sociais que nos façam crer na transformação pela educação que tanto almejamos.

Com carinho e admiração,

Nilcéia Pereira Kremer



UMA METÁFORA PARA CRIAR: UMA VIDA EM MEIO A LINHAS, RETALHOS, AGULHAS, TESOURAS...

Nilda Stecanela¹⁷

Queridas mestrandas e doutorandas,

Queridos mestrandos!

Querida professora Ana Lúcia!

Escrevo esta carta para compor o Varal de Cartas Pedagógicas da Turma e para participar do convite feito para o envolvimento com uma prática de pesquisa em uma dimensão criativa e significativa para cada um\uma de nós.

Fiquei pensando o que teria me motivado a escolher a metáfora da tessitura para desencadear a prática de pesquisa que este livro publicita. O convite a compor uma trama a partir de linhas, retalhos, agulhas e tesouras. Minha subjetividade me transportou para minha infância e adolescência, pois cresci e me desenvolvi em meio a um ambiente repleto de muitas linhas, de todas as cores; de muitos retalhos, de todos os tamanhos e estampas; de muitas agulhas para diferentes fins: bordar, costurar, tecer à mão e à máquina. Havia também as máquinas com diferentes destinos, para bordar e para costurar, com pedais manuais, posteriormente com motor, e até na novidade dos anos 70 com o ponto em *zig-zag*. Esse cenário se faz presente em minha memória e, mais do que os materiais e instrumentos tomados em separado, evocam a curiosidade em indagar no que se transformariam nas mãos de minha mãe, Dona Irma, uma pequena grande mulher, hoje com 90 anos, que transformava os retalhos em lindas e originais peças, as linhas em composições de flores e arabescos, os fios em ornamentação de panos e toalhas ou em blusões, casacos, meias, toucas e até vestidos de festas. Para cada criação havia a escolha de qual agulha, qual tesoura, qual tecido. O papel das cores era criar a harmonia que convertia algo isolado, e até sem graça, em uma criação!

Havia tesouras grandes, tesourinhas muito pequenas e tesouras médias, cada uma com sua função: para limpar o bordado, para cortar o tecido,

¹⁷ Doutora e Mestra em Educação pela UFRGS. Docente no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul. Bolsista de pesquisa do CNPq.

para reaproveitar os retalhos, e até para cortar papel no arquivamento dos moldes das roupas criadas. Mas, as tesouras não ficavam ao livre acesso, haja vista os perigos de uma criança manusear um instrumento que poderia provocar ferimentos se mal-empregada. Talvez, esse seja o motivo de eu ter tanta dificuldade em ‘cortar’ um texto, mas, ao contrário, sou movida a emendar, ornamentar e fazer crescer as ideias, compondo mosaicos, evocando múltiplos elementos para fazerem parte da composição.

Um tanto do meu ser se constituiu neste cenário. Outro tanto, foi composto no cenário que já descrevi no texto que trata da história de um pessegueiro que compartilhei com o grupo (Stecanela, 2012).

Mas, qual o sentido (ou quais os sentidos de propor uma prática de pesquisa com base em uma escrita artesanal e vinculada ao artesanato? Uma das respostas pode ser associada a *intencionalidade pedagógica* imbricada na proposta da atividade. Mas, também, outra resposta pode ser vinculada a uma possibilidade criativa de promover a *avaliação do desempenho* da turma. Mais do que isso, outra resposta ainda pode estar vinculada ao estímulo à escrita criativa e autoral, convertendo-se em um instrumento de pesquisa, conforme nos assinala Freitas (2021). Essas três respostas possíveis à pergunta formulada no início do parágrafo têm a potencialidade de provocar a soltura (minha mãe diria: a destreza) nos dedos de cada participante da turma de Metodologia de Pesquisa em Educação, edição 2024-2, visando o encontro com um estilo de escrita que mais sintoniza com seu perfil de pesquisador\pesquisadora em permanente processo de construção. Trata-se de um exercício que incita a ousadia no enfrentamento dos medos da exposição e nas coragens para mostrar-se. Num primeiro momento, escrever para si e, a seguir, escrever para um leitor concreto ou abstrato, conferindo sentido às combinações das letras, à junção das palavras, à construção dos parágrafos, à escolha dos conectivos que articulam ideias e escritas, à composição do texto.

Escrever na pós-graduação vem se constituindo um desafio de longa data. Contudo, nas sábias palavras de Mário Osório Marques (2001), “escrever é preciso”, haja vista que a escrita é o princípio da pesquisa e a pesquisa é o princípio da aprendizagem. Segundo esse autor, “(...) necessitamos nos reeducar para fazer do escrever um ato inaugural; não apenas transcrição do que tínhamos em mente, do que já foi pensado ou dito, mas inauguração do próprio ato de pensar” (p. 13). E as cartas pedagógicas têm a potencialidade de nos provocar a imprimir nossas ideias na página em branco, de modo manuscrito ou na tela do computador, criando artesanalmente nossa escrita, permitindo fluir nossa imaginação, sem castrá-la.

Ouso conectar a experiência agregada à produção de narrativas contidas nas cartas pedagógicas como sendo um labor de características que se aproximam ao que Wright Mills (2009) denominou de “artesanato intelectual”, pois é impossível separar a vida e o trabalho do artesanato intelectual. Segundo o sociólogo americano, “(...) os mais admiráveis

pensadores da comunidade acadêmica em que decidiu ingressar não separam seu trabalho de suas vidas”, de tal modo que usam “uma coisa para o enriquecimento da outra” (Mills, 2009, p.21). Nesse sentido, o emprego das metáforas pode colaborar para “transportar ideias” e, segundo José Machado Pais, elas “perfazem um meio de ‘redescrever a realidade’” (2003, p. 18). Da mesma forma, as práticas com as escritas parciais, a exemplo do que decorre das cartas, são propulsoras da produção de nossos arquivos, os quais podem gerar confiança em direção a uma escrita (autoral).

Podemos associar uma quarta resposta à pergunta que indaga quais os sentidos de promover uma prática de pesquisa com recurso às cartas pedagógicas, pois as cartas têm também o potencial de *promover catarses*, através das quais, vamos nos escrevendo e nos lendo, dando-nos a ler, produzindo *insights identitários*, por exemplo, sobre que tipo de pesquisadores\as estamos nos constituindo. A escrita, portanto, gradativamente vai produzindo a pertença, pois “Escrever é, entre outras coisas, sempre uma maneira de compreender a nós mesmos. Só compreendemos nossos próprios sentimentos e nossas próprias idéias escrevendo-nos” (Mills, 2009, p. 94).

Por fim, queridos\as leitores\as, sigamos escrevendo, produzindo nossos arquivos com insights de pequenas escritas que nos encorajam a compor a sinfonia da escrita, sempre parcial e passível de agregar uma leitura crítica, se possível, interativa.

Afetuosos abraços,

Professora Nilda Stecanela



CARTA PEDAGÓGICA

Paola Monteiro de Barros¹⁸

Caxias do Sul, 23 de junho de 2024.

Queridas e queridos colegas, professora Nilda e convidadas do seminário,

Espero que estejam bem!

Início a escrita desta carta em um domingo chuvoso... próximo ao solstício de inverno, a noite já se faz presente às 18h. Conforme a noite se aprofunda vou trocando o mate pelo vinho tinto, enquanto me sento em frente ao computador. Escrevo com carinho e sinceridade, para compartilhar com vocês algumas reflexões sobre o vivido e o percebido na disciplina Seminário de Metodologia de Pesquisa em Educação. Neste momento, trago o tempo como ponto de convergência das minhas reflexões... tempo-natureza, tempo-clima, tempo-medida, tempo-saudade, tempo-espera, tempo-capital vendido, tempo-lembrança, tempo-presente, tempo-devir. Foi ele (ou a falta dele) que me atravessou profundamente durante este semestre.

Faço a vocês algumas perguntas, que são um desabafo e uma provocação: Quem nos roubou o tempo? Quem o apertou e o dividiu em minutos horas dias anos? Quem o transformou em um repetir de rotinas sem sentido, de prazos a cumprir?

Quem tirou de nós o tempo do pão, que pelo fermento cresce lento e que em fogo brando assa e perfuma a casa, convidando todos à mesa do café? Quem nos negou o tempo das estações do ano a serem percebidas em resignação deslumbrada, o tempo da luz de uma estrela que nos chega em passado futuro distante? Quem nos impossibilitou de saborear o tempo da tarde de conversa longa e mansa dos avós, de desfrutar da leitura conforto e da leitura revolução, feita ao sol de outono, junto a uma xícara de chá?

Paulo Freire nos dá pistas, a comunicação do mundo, televisionada na década de 90, instagramada/tiketoqueada nos dias atuais, altera propositalmente nossa noção e relação com o tempo (Freire, 1998, p.157). Sobre

¹⁸ Licenciada em História. Especialista em Educação de Jovens e Adultos. Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul (PPGEdu-UCS).

o tempo em Freire, Luiz Augusto Passos aponta que “a tecnologia, e toda ela, é voltada para poder manipular o tempo, feiticilmente, parindo rostos singulares e coletivos, de (des)valor previamente definido, moldados para a liberdade ou para a reificação.” (Passos, 2019, p.390).

Esse tempo manipulado, que me falta e sufoca, se desdobrou também no sentir de alguns de vocês, percebido tanto nas conversas em aula, quanto no questionário *Identidade do pesquisador*, criado e respondido por nossa turma, como atividade do nosso seminário. Quando questionados “*Na sua reorganização de rotinas pessoais para contemplar as demandas acadêmicas, quais áreas da sua vida foram mais impactadas?*”, 41% da nossa turma respondeu que foi o convívio familiar e 29% que foram os momentos de lazer. A culpa é do mestrado? Claro que não! O mestrado é uma escolha, toda escolha implica em uma renúncia, que gera uma reorganização. O mestrado é para 75% de nós, segundo o questionário, realização pessoal, aprimoramento profissional, desejo de seguir carreira acadêmica. Aprimoramento, realização e desejo: somos homens e mulheres em busca do nosso “ser mais”. Então por que não temos outra escolha a não ser realizar a troca de tempo do mestrado pelo tempo de lazer ou com a família, e não pelo tempo do trabalho (nossa força de trabalho negociada, nosso tempo de vida vendido)?

Falando sobre como Freire aborda o tempo, Passos (2019, p. 390) denuncia:

Todos os tempos são sempre acontecimentos ligados ao poder dos pobres ou dos ricos. E o tempo de ambos possui abismos avassaladores: o tempo dos pobres e o das longas filas, das esperas por justiça, do esquecimento nas prisões; no tempo dos ricos, segundos valem milhões nas bolsas de valores. Os tempos são razões de disputas à morte.

Não tenho a intenção de ser insensível comparando nosso tempo de alunos de mestrado com o tempo dos pobres, citados acima. Mas trago esse excerto para assinalar que o tempo não vale o mesmo para todos. Talvez eu encontre eco na frase de Freire (1998, p.157), quando critica o neoliberalismo e sua comunicação de massa, denunciando como isso nos faz perceber o tempo e o mundo: “O mundo encurta, o tempo se dilui: o ontem vira agora; o amanhã já está feito. Tudo muito rápido.”

Sabendo que “não estamos num tempo congelado, exterior à nossa subjetividade” e que “toda vivência temporal nos define pegajosamente por dentro: somos temporalidades, e porque não dizer múltiplas temporalidades, nem sempre coerentes” (Passos, 2019, p. 391), trago algumas reflexões para refrescar minhas palavras um tanto queixosas a respeito do tempo. Aqui, profe Nilda, retomo a primeira leitura feita na sua aula, no início do semestre, do texto *A escolha do método e a identidade do pesquisador*, onde descreves os ensinamentos que viveste com teus irmãos, trazidos pela observação sensível conduzida pelo teu pai em torno do pessegueiro do

quintal, enquanto acompanhavam seu desenvolvimento no decorrer das estações do ano. Referindo-te ao teu pai, tu nos fala que:

Pelo seu testemunho, aprendemos a compreender as diferentes dimensões do tempo: tempo de nosso próprio desenvolvimento, tempo dos ritmos da natureza, tempo da espera, tempo da contemplação, tempo da degustação, tempo do agradecimento. (Stecanela, 2012, p. 19)

Essa passagem me faz refletir sobre a construção da minha identidade de professora pesquisadora, compreender que, antes da pesquisa, há o tempo para se tornar pesquisador. Esse tempo não pode ser acelerado, tem que ser vivido e construído. Assim como o pessegueiro, entramos no mestrado galhos verdes, tendo que nos despir das folhas-certezas que trazemos e, tronco nu, buscar a seiva-conhecimento que nutre para brotar o novo, e só então poder florir e dar novo fruto, pois reconhecer-se pesquisador e fazer pesquisa é fruta madura que se colhe no tempo certo e se divide com o outro, em celebração de novos tempos.

“O tempo é para Paulo Freire, como na feliz expressão de Carlos Brandão, um irmão mais velho” (Passos, 2019, p.390). E como tal, ele testemunha, acolhe, se faz presente. É esse o tempo que tomo para mim a partir de agora, não o tempo da história dada, mas o tempo da possibilidade histórica de transformação.

Colegas, penso que nesse interstício tivemos que, primeiro, nos tornar e nos reconhecer pesquisadores em construção, para só então conseguir “relacionar o conjunto de fatores que nos colocam em determinadas rotas investigativas e não em outras” (Stecanela, 2012, p.16), ou seja, descobrir o que nos move a pesquisar o que nos propomos. Com isso, entendemos que precisamos escolher um caminho por onde transitar nestas rotas investigativas e que ele não está pronto, temos algumas setas e indicações, mas teremos que construí-lo nós mesmos. Esse caminho é o método e “muito mais do que o ponto de chegada” é “a importância do caminho, do processo, das relações que se estabelecem, das hipóteses que se formulam, das narrativas que são elaboradas, das novas perguntas que emergem” que nos tornam pesquisadoras e pesquisadores. Pudemos, nesse seminário, conhecer diversos métodos e metodologias, através das leituras e das visitas, que irão complementar-se para nos guiar no caminho das nossas pesquisas.

E as visitas ...ahhh... quanta troca, quanto aprender! Fui percebendo em cada fala, no olhar de cada um de vocês que nos brindaram com sua presença durante esse semestre, compartilhando experiências e caminhos, que a constituição da identidade professor-pesquisador se dá nesse tempo-vida de amadurecimento, e ansiar por ele é negar a própria experiência temporal do vivido. Essa mudança de lugar, de “lente” sobre as experiências e leituras, se mostra desafiadora, pois o “problema fundamental é, precisamente, passar do Eu empírico ao Eu epistêmico, ou seja, do indivíduo preso no movimento da vida cotidiana ao indivíduo intelectualmente mobilizado, atento ao saber.” (Charlot, 2006, p.12). Saúdo aqui a profe

Andréa Walbrink, que sem dúvida foi responsável pelo último peso na balança para que eu decidisse ingressar no mestrado. Andréa querida, te encontrar foi uma dessas artes do tempo que nos coloca no lugar certo no tempo exato. Como diz Vinícius de Moraes “A vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida.” (Samba da benção, 1967). Esta visita, cujo tempo faltante transformou em visitaS, trouxe para a turma a imperativa necessidade de nos questionarmos sobre qual a nossa “visão social, econômica, política, antropológica e cultural do mundo” (Stecanela, 2024). Ou seja, qual é o nosso eu epistêmico? A concretude de tornar-se pesquisador passa pela clareza de saber qual a nossa concepção filosófica, epistêmica, pois “uma opção teórica, não é somente a escolha de um conjunto de artigos ou autores. É uma vinculação de uma concepção sobre o entendimento da ciência, da pesquisa, da sociedade; do papel do conhecimento e do pesquisador.” (Stecanela, 2024)

Dando continuidade sobre a formação de nossa identidade de pesquisador, a leitura de Streck (2012, p. 243) traz à tona o compromisso que devemos ter em nossa escrita com nossas escolhas epistemológicas:

A epistemologia – como ciência que se ocupa dos métodos, da organização, da procedência, da validação e dos limites do conhecimento, bem como de sua relação com a realidade histórica – constitui-se em um espaço de relações de poder e, nesse sentido, de disputa.

Queridos colegas, penso que fomos mexidos profundamente ao nos depararmos com essas questões. Foi aqui que eu, pelo menos, compreendi o longo caminho que é a formação do pesquisador, quanta coisa a descobrir, a conhecer...pareceu-me que o tempo é por demais curto para minha pequenez, nesta ansiedade e vontade de saber mais.

Profe Nilda, se digo que quero negar-me a me render a esse tempo relógio, tempo prazo, tempo que poda ao invés de deixar crescer, a esse tempo do contratempo, que é contraciclo, que é desconexo da conexão do tudo e do todo, a esse tempo que varre e que atropela, que não deixa espaço para os suspiros e utopias... é porque, atravessada pelas múltiplas temporalidades das rotinas da vida, às vezes cedo ao obscurecimento da queixa e da lamentação, deflagradas pelas políticas e economia neoliberais... Mas tenho aprendido contigo, em cada conversa, cada orientação, ao ouvir tua fala de mundo, tranquila, desafiadora e encorajadora, que se o tempo-limite parece correr, posso escolher outro tempo, pois é minha a escolha do tempo que vou transitar. Segundo Passos, Freire nos mostra que, ao fim, “só existe tempo humano, feito por nós que o criamos e nele habitamos” (Passos, 2019, p.390). O futuro não está dado, as coisas não “são” assim, o destino é uma possibilidade e o presente uma escolha constante. Através de ti, ressoam em mim as palavras de Freire:

Que o meu “destino” não é um dado mas algo que precisa ser feito e de cuja responsabilidade não posso me eximir. Gosto de ser gente porque a História em que me faço com os outros e de cuja feitura tomo

parte é um tempo de possibilidades e não de determinismo. Daí que insista tanto na problematização do futuro e recuse sua inexorabilidade. (Freire, 1998, p.56)

Chegando ao fim desta carta, não posso deixar de rememorar a tua visita, querido professor Celso Henz. Com teu chimarrão à tira colo, sorriso largo, coração aberto, trouxeste para nosso seminário toda a amorosidade e boniteza da qual tanto li em Freire. Conhecê-lo foi como um acoplamento imediato. Quando apresentaste a mandala de arame no vídeo, então?!? Foi como um sinal para mim, como se me dissesse que estou caminhando no caminho certo, que o tempo é apenas um companheiro de jornada, e que muito ainda está por vir. Os círculos dialógicos auto-(trans)formativos apresentados por “todo teu povo” (vocês são uma bela comunidade) vieram confirmar as orientações da senhora, profe Nilda, de que tudo é caminho, é tempo de plantio e de colheita, que a pesquisa e o pesquisador se fazem no percurso, na observação sensível, na escuta atenta, nas percepções sutis do espaço e do tempo que nos rodeia.

Este é o tempo que nos cabe viver e o que entregamos em cada momento da vida é o que é possível de ser-viver-aprender... porque sempre entregamos junto uma parte do que somos-estamos... sempre uma parte.

Freire propõe vencer o endeusamento de uma só temporalidade sugerindo uma interculturalidade sincrônica na ação cultural para a liberdade, na qual as utopias (futuro) sejam o inédito viável presentificado pelo esperar (presente) em diálogo com as raízes étnico-culturais (passado) vivas em nós (Passos, 2019, p.391).

À todos vocês, desejo um tempo esperar caminhante. Que o tempo nos brinde com novos encontros. Com muito carinho, um forte abraço!

Paola Monteiro de Barros

Post scriptum: O sol saiu hoje, mas já se anuncia outro domingo chuvoso.



UM NOVO OLHAR PARA A PESQUISA EM EDUCAÇÃO

Patrícia Ferreira Moreira¹⁹

Vacaria, 19 de junho de 2024.

Estimada professora Nilda e queridos colegas de caminhada do Mestrado e Doutorado em Educação 2024. É com imensa alegria que volto meu pensamento a vocês para rememorar as experiências e vivências singulares ocorridas durante nossos encontros de estudo, pesquisa e rodas de conversa no Seminário de Metodologia de Pesquisa, ministrada pela professora Nilda Stecanela na Universidade de Caxias do Sul-UCS, no período de 12 de março a 18 de junho de 2024.

Confesso para início de conversa, que as propostas apresentadas pela professora Nilda no Seminário de Metodologia de Pesquisa em Educação, se mostraram desde o princípio carregadas de conhecimento, sensibilidade, dinamicidade e originalidade, sendo atrativas, instigantes e desafiadoras desde a maneira de orientar as atividades por meio de bilhetes e pequenas cartas quanto na forma de conduzir os desafios apresentados.

Ao ingressar no Doutorado em março de 2024, senti-me desafiada e ansiosa por descobrir o que viria pela frente, sentimentos diversos vieram à tona, num primeiro momento, a alegria em estar de volta à Universidade e de retomar os estudos após quatro anos da realização do Mestrado em Educação. Num segundo momento, a ansiedade passa a fazer parte de um novo começo, no convívio com pessoas queridas que ao trilharem seus percursos individuais, serão o apoio e acalento necessário nas adversidades e conquistas futuras.

Muitas foram as experiências e até mesmo algumas adversidades vividas durante esse período de novos aprendizados, que além de serem carregadas de emoção, produziram mudanças significativas em cada um de nós, acendendo novos conhecimentos, aprendizados e reflexões.

Fomos instigados(as) e desafiados(as) a realizar diversas leituras, reflexões, a fazer registros, a participar individual e coletivamente na produção de um questionário e da proposta de escrita de uma carta feita à muitas

¹⁹ Mestra em Educação - PPGE/UNIPLAC. Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul (PPGEdu-UCS).

mãos, a desenvolver uma escuta ativa com a presença de pesquisadores e colegas convidados que gentilmente compartilharam suas pesquisas, experiências, conhecimentos, angústias, medos, resultados e descobertas.

As adversidades climáticas ocorridas no estado do Rio Grande do Sul se fizeram também presentes na nossa caminhada e, neste sentido, nos ensinaram sobre a importância da solidariedade e da nossa corresponsabilidade social e ambiental com nossos semelhantes e com o planeta, o que fomentou uma grande mobilização entre os estudantes da Universidade de Caxias do Sul, no auxílio às vítimas das enchentes em todo o estado do RS.

Diante das inúmeras leituras realizadas nas aulas de Seminário de Pesquisa destaco algumas das quais me chamou atenção. Dentre elas, algumas reflexões trazidas por Bernard Charlot (2006, p. 10) que elucida que a área da educação é um espaço permeado por discursos heterogêneos e que alguns deles negam a legitimidade de um discurso científico sobre a educação. E aconselha... “quem deseja fazer pesquisa em educação deve sair da esfera da opinião e entrar no campo do conhecimento.”

No tocante, nós pesquisadores em educação precisamos estar atentos a esses discursos tão evidentes e presentes no nosso cotidiano educativo, tais como o fracasso escolar, violência escolar, qualidade na educação, avaliação e formação de professores; considerando que a pesquisa produz um saber rigoroso o que torna necessário aceitar a diversidade epistemológica e metodológica como riqueza.

Charlot (2006, p. 12) enfatiza ainda, que “a educação é um encontro entre a razão humana e os conhecimentos”. Assim, é preciso esforço e dedicação do pesquisador para fundamentar sua pesquisa, o que requer um trabalho crítico e reflexivo sobre o mesmo. Assim, pensar em produzir pesquisa requer uma postura investigativa e metodológica do pesquisador frente aos desafios da própria ciência.

Numa outra perspectiva, para Ferreira (2002) as pesquisas conhecidas como estado da arte ou do conhecimento vêm sendo produzidas desde 1987, possuem caráter bibliográfico e têm como desafio mapear a produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, em diferentes épocas e lugares. Sendo assim, o que move os pesquisadores é o desconhecimento acerca da totalidade de estudos e pesquisas em determinada área do conhecimento e trazem em comum a opção metodológica por se tratar de pesquisas de levantamento e avaliação do conhecimento sobre determinada área.

Do mesmo modo, segundo Romanowski e Ens (2006), há um interesse cada vez mais crescente da pesquisa sobre educação, formação de professores, currículo, metodologias de ensino, identidade e profissionalização docente e políticas de formação. Esta intensificação gera inquietações sobre o tema, porém o interesse pelos temas educacionais não tem sido suficiente para provocar mudanças significativas nos espaços de formação escolares ou não.

Neste aspecto, podemos considerar que há uma dissonância entre o que a pesquisa sobre educação vem anunciando e o que de fato vem sendo vivenciado e evidenciado no cotidiano educativo e na formação dos professores o que acaba por garantir a manutenção da realidade.

Ao analisar as ideias de Cavalcanti (2014) sobre os olhares epistemológicos e a pesquisa educacional, evidencia-se que não há pesquisa sem uma base epistemológica, pois o que um olhar enxerga outro pode não enxergar. Assim também, a partir das mediações feitas pela pós-doutoranda Andréa Wahlbrink, aprendemos um pouco mais sobre essas diferentes perspectivas de olhar para um objeto de pesquisa.

A dialética representa o olhar em movimento, buscando apreender o objeto na sua totalidade, desde uma perspectiva histórica de mudanças e contradições. Para o positivismo representa o olhar de fora que se distancia buscando quantificar e mensurar o objeto, tornando-o imune a subjetividade daquele que o descreve enquanto a fenomenologia representa o olhar de dentro, do que é vivenciado e interpretado por sujeitos em determinado momento. Para o estruturalismo representa o olhar por baixo que busca captar o que dá sustentação, a estrutura dos fenômenos sociais independente dos seus condicionamentos históricos. E por fim, a complexidade representa o olhar multidimensional que busca compreender a realidade no tecido complexus, em conjunto, considerando a incerteza e a incompletude.

Neste sentido, a produção do conhecimento não é neutra, ou contribui para a manutenção e conservação da realidade ou para transformar a realidade, o que implica no direcionamento político e pedagógica da docência, havendo uma estreita relação entre o agir e o pensar.

Na concepção de Morosini e Fernandes (2014), escrever é uma interlocução. Assim, na escrita acadêmica há uma necessidade de clareza e consistência da explicação. O estado do conhecimento se constitui em uma matéria formativa e instrumental que favorece a leitura da realidade, a aprendizagem da escrita e a formalização metodológica para o desenvolvimento do percurso investigativo.

O ato de escrever, muitas vezes, é desafiante para o pesquisador, pois requer um trabalho constante de análise da sua prática de escrita relacionada ao conhecimento. Quanto mais detalhado e cuidadoso for o percurso do pesquisador melhores serão os resultados obtidos de suas pesquisas.

A partir das leituras realizadas sobre a escrita de Cartas Pedagógicas na pesquisa e as provocações feitas pela professora Ana Lúcia Freitas, no dia 28 de maio de 2024, aprendi que trazer as cartas para dentro da universidade é uma possibilidade de investir nos afetos, pois produzem sentimentos e reverberações.

Neste contexto, considero que a prática da escrita de cartas pedagógicas na pesquisa, vem se constituindo na contemporaneidade, em uma proposta narrativa, inventiva, reflexiva e afetiva, visto que tal prática foi e

continua sendo utilizada pela humanidade ao longo da história, como meio de potencializar as relações interpessoais, além de possibilitar o acesso às informações e ao conhecimento.

Tal prática da escrita por meio de cartas pedagógicas, possibilita o fomento dos processos educativos, a vivacidade da imaginação, da curiosidade e da reflexão, um ato dialógico que pode ser registrado e compartilhado com alguém ou simplesmente um convite à reflexão do próprio autor.

Precisamos repensar em novas possibilidades de escrita acadêmica, escritas que sejam mais sensíveis, poéticas e humanizadas, que tenham o poder de dizer mais do que palavras, conceitos e/ou resultados de ciência. A experiência de escrita envolvendo cartas pedagógicas possibilita um experimento inusitado e amoroso, que além de produzir memórias pode servir de ponte para um diálogo em permanente construção.

O professor Celso Henz, no dia 11 de junho de 2024, juntamente com seu grupo de estudo e pesquisa Dialogus, nos brindou com sua amorosidade e conhecimento a partir da temática envolvendo os Círculos Dialógicos Formativo-investigativos. Nos fez refletir sobre a nossa inteireza na relação dialógica entre razão e emoção, além de abordar três importantes teóricos que fundamentam suas pesquisas em diferentes frentes: Freire (círculos de cultura), Josso (rodas de conversa) e Gadamer (hermenêutica).

Além disso, compartilhou suas vivências e revelou a importância da dinâmica de um grupo de pesquisa que a cada encontro faz emergir uma nova ideia, que se direciona para o inesperado com uma postura de exaltação ao desconhecido. Explicou ainda, que o nosso corpo, às vezes, fala mais do que nossas palavras. Daí a importância de nos sentirmos vivos, ativos e em constante movimento na busca pelo conhecimento.

Diálogo é fundamental para que os movimentos formativos ocorram, assim, todos assumem uma posição de líderes e a ideia central é que todos possam vivenciar uma experiência concreta de trocas de sentimentos, saberes baseados na escuta sensível, é colocar-se na posição do outro e também fazer um caminhar para si mesmo.

Diante desta maravilhosa oportunidade de olhar e escutar o professor Celso, me fez lembrar e revigorar a minha escolha profissional quando do ingresso no magistério há vinte e quatro anos atrás, principalmente a partir de sua afirmação quando diz “somos professores de gente que mudam a todo momento; somos seres em comunhão; somos gente”.

Para finalizar, quer dizer... “virgularizar” temporariamente nosso diálogo a partir do escrito desta carta, gostaria de deixar a todos vocês queridos(as) colegas e professora Nilda uma pequena mensagem que por coincidência ou não, fez parte da minha vida no mestrado, há quatro anos atrás, e que tem como título **“Sou feita de retalhos”** autoria de Cris Pizzimenti.

Que possamos contribuir cada vez mais com a pesquisa e com a formação humana de todos os envolvidos.

Patrícia Ferreira Moreira



Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha e que vou costurando na alma.

Nem sempre bonitos, nem sempre felizes, mas me acrescentam e me fazem ser quem eu sou.

Em cada encontro, em cada contato, vou ficando maior...

Em cada retalho, uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade...

Que me tornam mais pessoa, mais humana, mais completa.

E penso que é assim mesmo que a vida se faz: de pedaços de outras gentes que vão se tornando parte da gente também.

E a melhor parte é que nunca estaremos prontos, finalizados...

Haverá sempre um retalho novo para adicionar à alma.

Portanto, obrigada a cada um de vocês, que fazem parte da minha vida e que me permitem engrandecer minha história com os retalhos deixados em mim.

Que eu também possa deixar pedacinhos de mim pelos caminhos e que eles possam ser parte das suas histórias.

E que assim, de retalho em retalho, possamos nos tornar, um dia, um imenso bordado de "nós".

Cris Pizzimenti

Fonte: Google (2020)



CARTA A UM COLETIVO DE INVESTIGADORES EM EDUCAÇÃO²⁰: PALAVRAS SÃO COMO FIOS

Patrícia Giuriatti²¹

Caxias do Sul, 23 de junho de 2024.

Uma carta²² que dure para sempre. Que torne infinitas as palavras, as sensações, as emoções, as catarses. Linhas em cada pensar, um fio-urdume seu, um fio-urdume meu, entrelaçamos. Nesse meio-fio, um querer livre de estar junto.

Estimada profa. Dra. Nilda, queridos colegas de mestrado e doutorado, boa noite!

A chuva dominical me acompanha neste cronotopo em que (con)fio estas palavras à cada uma e a cada um de vocês. Gosto de escrever e de ler cartas. Guardo aquelas que recebo com muito apreço. Já faz tempo que Cartas Pedagógicas acompanham meu percurso como docente e discente. Confesso a vocês que a escrita de carta, como gênero textual, como forma de expressão e de comunicação, como exercício autoral de escrita me encanta. Talvez seja pelo uso da primeira pessoa do singular – eu – (gosto de colocar-me no texto como ato responsivo) ou pela memória afetiva que guardo encarnada no meu corpo, afinal, sou do século passado, me comunicava com pessoas queridas por meio da escrita de cartas.

O convite a escrita desta Carta Pedagógica, assim como as aulas do Seminário de Metodologia de Pesquisa em Educação, oferecidas pelo Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade de Caxias do Sul, ministradas por você professora Nilda Stecanela, acordou minhas memórias dos tempos vividos no mestrado em Educação (2017/2018) sobretudo pelo exercício de tecelã de palavras. Naquele momento, escrever foi exercício árduo, daqueles que dói, uma dor encarnada que deixa marcas. Não que agora eu tenha facilidade ou total tranquilidade. Tenho ainda mais

²⁰ Este título tem inspiração no texto de Antônio Nóvoa intitulado “Carta a um jovem investigador em Educação, escrita em 2014. Disponível em: <<https://rosaurasoligo.wordpress.com/wp-content/uploads/2015/06/antc3b3nio-nc3b3voa-carta-a-um-jovem-investigador.pdf>>

²¹ Mestra e Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul (PPGEdu-UCS).

²² Grifo e alteração minha, com a licença poética da criação. No texto original o escrito é “um caderno” (VEIGA, 2021)

consciência sobre a força das palavras como grande nascedouro de mundos. No entanto, tecê-las é algo (ainda mais) exigente, é como nos diz Freire (2014, p.35) “quem pensa certo está cansado de saber que as palavras a que falta a corporeidade do exemplo pouco ou quase nada valem”.

Escrever situa-se neste lugar de autoria, tem algo de único e singular assim como *na* e *em* pesquisa. (Re)Viver essas memórias neste momento em que curso o primeiro semestre de doutoramento em Educação, fez-me buscar novamente o texto de Nóvoa (2014) em que ele dirige suas palavras a nós, educadores-investigadores, tecendo alguns conselhos, os quais transcrevo a seguir: (1) conhece-te a ti mesmo; (2) conhece bem as regras da tua ciência, mas não deixes de arriscar e de transgredir; (3) conhece para além dos limites da tua ciência; (4) conhece em ligação com os outros; (5) **conhece com a tua escrita, pois é isso que te distingue como investigador**; (6) conhece para além das evidências; (7) conhece com a responsabilidade da ação; (8) conhece com os olhos no país (...); +1 conhece com liberdade e pela liberdade.

Olhando para estes conselhos costuro fios de entrelaçamento com o percurso do seminário e percebo muita semelhança no que você generosamente nos proporcionou profe Nilda. Penso que suas aulas nos proporcionaram a vivência destes (8 + 1) conselhos. Seja pelo primeiro dia de aula em que nos apresentamos e confessamos habilidades singulares ou durante o andarilhar em que fomos olhando para as emoções, sentimentos e sensações, pela escuta das vozes de outros pesquisadores, pela diversidade de referências ou pelas suas palavras ditas em cada aula como fios que costuravam aquilo que ficava solto ou, por alguma razão, escapava. Foram processos que nos ajudaram a nos conhecer como pesquisadores e a conhecer como se constrói ciência e como nós estamos/iremos produzir os nossos inéditos viáveis (Freire, 2014), afinal, toda pesquisa confere um grau de ineditismo. Você nos colocou em relação com o outro e ampliou o repertório de “meios” para concretizarmos a pesquisa ou intenção de pesquisa, para quem, assim como eu, está no começo do (des)começo.

O que seria o (des)começo da pesquisa?

Seria nosso pré-projeto de pesquisa? Seria nossas mudanças de rotas influenciadas pelas aulas? Seria os ajustes de intencionalidade quando entram em diálogo com as múltiplas vozes (interlocutores teóricos; orientador; sujeitos da pesquisa)?

Se nunca passamos pelas águas de um rio duas vezes, pois nem as águas nem nós mesmos estamos iguais, ouso dizer que esta máxima se aplica a este Seminário. Eu fiz o Seminário de Metodologia de Pesquisa no período de Mestrado e cursei agora no começo do doutorado. Os textos, as falas da profe, a minha escuta em relação as vozes dos colegas e as vozes dos teóricos me afetaram de outra forma.

Estou fiando uma pesquisa em que os sujeitos (adolescentes autistas) estão construindo a andança investigativa comigo. É o que chamamos

de “pesquisa com”, um jeito de pesquisar fundamentado na Teoria Histórico Cultural (THC) em que teoria e método se (con)fundem. Dialogo com Vigotski (2021), considerando seu tempo-espaço, e, a partir dele, estou buscando a gênese da espacialização da vida de adolescentes autistas em espaços museais (ou em outros espaços, ainda estou me experimentando nestes lugares da cidade para fazer a escolha definitiva). Assim, começo a pesquisa com poucas certezas, com alguns saberes e um conjunto de dúvidas, inquietações, incertezas e inacabamentos.

Para o meu (des)começo de pesquisa, está tudo bem, pois é uma ação que se desenha com o processo, portanto, com o caminhar (com o rigor necessário) da própria investigação. Comecei, por influência deste Seminário, a construção do estado do conhecimento qualificando assim o mapa das minhas andanças investigativas. Não se faz pesquisa sozinho, tampouco se faz pesquisa ignorando o que já existe e foi produzido, por isso descomeço. A cada descoberta, voltamos ao ponto de partida no movimento de circularidade da pesquisa.

Minha Carta Pedagógica não adentra aos textos estudados, pois a cada um de nós foi dada a liberdade de escolha acerca dos métodos de pesquisa. Minhas palavras são como fios que vão sendo apresentados como reverberações de aula, na certeza (ainda maior) do convite a autoria, não apenas pelo exercício de escrever o qual somos continuamente colocados como discentes-pesquisadores, para além disso, uma autoria no jeito de construir pesquisa. A riqueza e profundidade dos relatos que ocorreram nas aulas, sobretudo em nossa última aula, deixaram uma marca: a identidade do pesquisador, a sua humanidade, o seu agir no mundo com alteridade. Isso é fazer ciências em Ciências Humanas.

Por fim, cara professora Nilda e colegas, sejamos transgressores e ousados em nossas pesquisas, possamos deixar o Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade de Caxias do Sul, com marcas de inspiração, possamos construir um legado material a partir do banco de teses e dissertações, e também, um legado imaterial a partir do conhecimento que estamos construindo e entregaremos para a sociedade. Desejo para nós, um percurso permeado de afetos.

Abraço, doutoranda

Patrícia Giuriatti

P.S.: gosto de começar e terminar meus escritos acompanhada por outras vozes. Fiquem com as palavras-fios de Veiga (2021, s/p):

Rabiscos entre gestos e escritos
Fios em por-vir
Aquêns de corpos
Instante ínfimo no múltiplo da escrita
Fazer de verso no infinito
Futuro do pretérito do indicativo
Vozes de papel.



AS ANDARILHAGENS NO CONSTITUIR-SE PESQUISADOR EM EDUCAÇÃO

Rodrigo Luís de Quadros²³

Caxias do Sul, 23 de junho de 2024.

Saudações Professora Nilda, colegas e a todos que essa escrita possa alcançar. Escrevo-lhes após os quinze encontros do Seminário de Metodologia da Pesquisa em Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul, no qual, mais que abordar metodologias e instrumentos de pesquisa, refletimos sobre o processo de constituir-se um pesquisador em Educação.

Incrível como uma pluralidade de vivências, estilos de vida, rotinas e pensamentos expressaram as mesmas angústias, anseios, aflições e incertezas a respeito do início da trajetória como pesquisadores em Educação. Como um acalanto, as reflexões e o espaço para compartilhar os sentimentos em relação ao processo nos uniram enquanto grupo e nos mostraram que o constituir-se pesquisador não é (e não deve ser!) um processo solitário. Assim como mostrou que não é um processo simples, não há manual e tampouco é algo que finalizamos.

O encontro sobre as cartas pedagógicas, no qual tivemos a oportunidade de ter conosco a professora Ana Lúcia, me pôs em reflexão sobre meu próprio processo formativo, acadêmico, profissional e pessoal. As andarilhagens, termo bastante explorado nesse encontro, parecem fazer parte da vida de uma forma intrínseca, como uma mente e corpo que precisam (e anseiam) por estar sempre em movimento. Nas palavras de Carlos Rodrigues Brandão, autor do verbete andarilhagens no Dicionário Paulo Freire:

Somos humanos porque aprendemos a andar. Somos humanos porque aprendemos a pendular entre um “estar aqui” e um contínuo “partir”, “ir para”. Entre os que andam, viajam e vagam, há os que se deslocam porque querem (os viajantes, os turistas), os que se deslocam porque creem (os peregrinos, romeiros), os que se deslocam porque precisam (os migrantes da fome, os exilados, e há os que se deslocam porque devem (os “engajados” – para usar uma palavra cara aos dos anos 1960 – os “comprometidos com o outro, com uma causa”) (Brandão, 2008, p.41)

²³ Licenciado em Física. Mestrando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul (PPGEdu-UCS).

Não somente um andar pelos espaços físicos, mas um andar pelas identidades. Algumas vezes, andando porque queria, outras porque precisava, algumas por acreditar e outras por estar engajado em algo. Ao decidir largar o curso de Engenharia, o fiz porque precisava, porque a condição financeira não me permitia continuar e já não me reconhecia naquele processo de formação. Assim como um migrante, adentrei o curso de Licenciatura em Física com incertezas e sem identificação com o espaço. Aos poucos, as coisas foram se encaixando e eu encontrei uma identificação com a docência que me levou a um novo processo de “andar”, dessa vez por querer, deixando um emprego estável na área de vendas para me dedicar a pesquisa, iniciando como bolsista de iniciação científica. Dentro da iniciação científica, andarilhei por áreas diferentes também, como o marketing e o ensino de Ciências e Matemática. Por mais que nunca tenha deixado a minha cidade natal de Caxias do Sul, acredito que a andarilhagem faz parte da minha formação.

É por isso que não consigo me enxergar como um pesquisador que observa um fenômeno, mas que precisa estar inserido no contexto e que possa promover mudanças, no outro e em si, pois a educação precisa ser viva, ativa e vibrante. Nesse sentido, as reflexões sobre a pesquisa-ação e os Círculos Dialógicos Investigativo auto(trans)formativos com o professor Celso Ilgo Henz me trouxeram uma identificação ímpar.

Para Franco (2014), a construção de uma pesquisa-ação não tem por objetivo a simples produção de dados e teorias sobre as práticas educativas, mas se constitui numa possibilidade dos participantes refletirem sobre o seu contexto sócio-histórico. Portanto, “a abordagem crítica da pesquisa-ação compromete-se tanto com a produção de conhecimento sobre a realidade social quanto com a sua transformação em um sentido emancipatório” (Franco, 2014, p. 219). E aqui deixo uma pergunta/reflexão: Afinal, o que queremos quando produzimos uma pesquisa sobre as práticas educativas? Em outros termos: não queremos que o resultado final de nossas pesquisas contribua na direção de uma educação emancipatória?

Assim, os Círculos Dialógicos Investigativo-formativos constituem-se em outra possibilidade com a qual me identifiquei, pois para Henz, Freitas e Silveira (2018),

os Círculos Dialógicos Investigativo-formativos procuram, em roda, pelos diálogo-problematizador, proporcionar uma reflexão crítica sobre o ato educativo, com um coletivo de pessoas, educadores e/ou educandos, com base nas questões levantadas pelo grupo em relação à temática. (2018, p. 841).

Nesse caso, a pesquisa constitui-se numa relação em que os sujeitos da pesquisa se tornam também pesquisadores. A pesquisa é feita não por um pesquisador, mas por um coletivo, considerando as vivências, as perspectivas, os anseios e os reais percalços que aquele grupo vive no momento sócio-histórico. Assim, “cada sujeito envolvido na pesquisa ocupa

um papel único e singular e, por isso, têm a possibilidade de dizer a sua palavra” (Henz et al, 2018, p. 842).

Com essa concepção, não quero dar a impressão de que desconsidere a importância de pesquisas que procuram coletar e mapear dados acerca de um determinado fenômeno ou grupo. Acredito que a questão é mais de objetivo de pesquisa e de constituição da identidade do pesquisador, todas possuem a sua importância em determinado contexto histórico e social. Mas o que esse seminário me proporcionou foi exatamente essa reflexão: qual o **meu** objetivo de ser pesquisador em educação? Aonde quero chegar? Quais pessoas pretendo atingir? Essas reflexões, antes do seminário, não haviam acontecido, pois elas não tinham espaço para acontecer. Talvez a minha formação em Ciências Exatas tenha me limitado a uma concepção extremamente rígida do que é fazer ciência.

Nesse início de vida na pesquisa em Educação, devo agradecer à professora Nilda e também aos meus colegas, pelas inúmeras contribuições que me propiciaram neste primeiro semestre. Os relatos de pessoas que já passaram pela qualificação, as vivências de pessoas que atuam na educação há muitas décadas e as contribuições para entender a educação que vieram de diferentes visões de mundo me ajudaram a começar a trilhar um caminho na construção da minha identidade como pesquisador em educação.

Como já abordei na reflexão inicial desta carta, fazer educação e constituir-se pesquisador não é um processo solitário, muito pelo contrário, é um fazer artesanal e por diversas mãos. Espero que tenha contribuído o tanto quanto comigo contribuíram, e que tenhamos cada vez mais espaços dentro da academia para trocar experiências, angústias, anseios e também alegrias. Trocar experiências e sentimentos ajuda-nos a reconhecer no outro nossas incertezas e lembrarmos que somos todos humanos e não máquinas produzindo dados e artigos científicos.

Que mantenhamos esse espírito de troca e união, para nos fortalecer e apoiarmos uns aos outros nesse processo.

Um abraço fraterno.

Rodrigo Luís de Quadros



A AVENTURA DE CONSTITUIR-SE PESQUISADORA

*Rubia Hoffmann Ribeiro*²⁴

Caxias Do Sul, 15 de junho de 2024

Querida prof. Nilda,

Escrevo essa carta para agradecer o tempo que passamos juntas nas aulas de seminário de metodologia de pesquisa, espaço-tempo de muitos aprendizados e de acolhida, pois como muito comentamos meus colegas e eu, o início da trajetória no mestrado é habitado por muitos sentimentos como angústia, insegurança, crises de identidade, etc.

Sim, crise de identidade, e não acho que seja exagero tal colocação. Afinal, a pós-graduação é um salto qualitativo muito grande em relação à graduação, e já nas primeiras aulas da referida disciplina, fomos provocadas e provocados a pensar na grande responsabilidade de se constituir pesquisadora e pesquisador, pois isso implica em posicionar-se epistemologicamente. Então, toda a experiência anterior da graduação, todas as produções feitas na época são reavaliadas por nós e nos damos conta que esse quesito perdia-se em meio a um mosaico de autoras e autores de diferentes e talvez até de divergentes epistemologias. Assim, esboçar nossos projetos de pesquisa exige antes de tudo saber: Qual minha visão de mundo? Quais autoras e autores dialogam com essa visão? E isso não é tão simples assim, já que essa visão implica questionarmos o que pensamos sobre o social, o político, antropológico, cultural e econômico e compreender as diferentes abordagens epistemológicas.

Outro momento que me fez reavaliar minha trajetória acadêmica foi sobre a revisão de literatura, no sentido de descobrir que de fato eu não sabia fazer uma! Afinal, a que desenvolvi na graduação passava longe de ter o rigor metodológico aprendido nas aulas que falamos sobre Estado da Arte, Estado do Conhecimento e Revisão Sistemática de Literatura. E foi também nessas aulas, que atribui maior importância a essa etapa tão indispensável ao fazer científico, principalmente o comprometimento

²⁴ Licenciada em História. Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul (PPGEdu-UCS).

humilde com o que já se produziu sobre determinado objeto de pesquisa e na identificação das lacunas-possibilidades que se apresentam.

Apesar de saber muito bem da importância desses elementos para o meu constituir-se pesquisadora, até aqui me sentia em um oceano de barquinho.... totalmente perdida e em estado de quase desespero frente às novas aprendizagens-desafios que se colocavam.

Quando desenvolvemos o exercício do questionário “A construção da identidade do(a) pesquisador(a) na pós-graduação stricto sensu em Educação”, foi muito mais do que aprender sobre uma forma de construção de dados, foi um importante momento de acolhida. Pois ao estimular que a turma decidisse e pensasse coletivamente sobre o tema do questionário e na sua elaboração, pudemos perceber que não estávamos sós, afinal os sentimentos de aflição foram compartilhados por todas e todos.

A participação de pesquisadoras e a apresentação de suas pesquisas nas aulas foram um diferencial no processo de aprendizagem, pois permitiram vislumbrar na prática os exemplos de pesquisa que lemos, foram formas de nos tocar e inspirar na construção de nossos projetos.

Senti-me especialmente tocada ao perceber nesses encontros a possibilidade de reencontrar e reinventar os postulados de Paulo Freire, tão necessários e atuais na educação. É o caso do encontro sobre as cartas pedagógicas, que são pouco conhecidas e usadas na pesquisa em educação, mas se trata de uma forma muito bonita de construir dados, pois permite narrar a si mesmo e o diálogo entre pesquisador e participantes. Aproxima-se de uma forma de escrita que particularmente me causa interesse, por dois motivos: a relação possível entre pesquisadora e participante através da dialogicidade e de uma escrita fluída e capaz de expressar afetividades, o que difere das tradicionais e rebuscadas escritas tão associadas ao fazer científico. Isso fica melhor compreendido através das palavras de Ana Alcídia Araújo Moraes, que afirma as cartas são um gênero que se aproxima da oralidade (2006, p.172) e traz encantamento em seu fazer ao “entrecruzar relações afetivas e culturais entre as pessoas” (2006, p.173).

As cartas pedagógicas, conforme Ana Lúcia Souza de Freitas (2021) têm “potencial emancipatório” (2021, p.4), pois além do diálogo já citado, permite a prática crítica-reflexiva e abre a possibilidade para fomentar a escrita autoral de diversos participantes também em âmbitos não acadêmicos e escolares:

Na atualidade desta compreensão, considera-se que a qualidade pedagógica de uma carta pode ser compreendida em dois sentidos: num sentido amplo, diz respeito à intencionalidade da escrita como prática crítico-reflexiva, compartilhamento de experiências e saberes e convite ao diálogo; num sentido específico, refere-se às múltiplas finalidades que podem lhes ser atribuídas, em diferentes contextos de ensino, pesquisa, extensão e gestão – no âmbito acadêmico – ou em outros espaços educativos (Freitas, 2021, p.7).

Enquanto escrevia o trecho acima da carta caí na tentação de olhar o celular... por estar educadora social de um serviço de acolhimentos institucional (SAI), o aplicativo de mensagens recebe de forma ininterrupta mensagens informando qualquer intercorrência ou comunicado importante sobre as acolhidas e acolhidos do serviço. E então me deparo com uma notícia que me deixou muito impactada e não foi possível dar andamento a essa escrita. É nessas horas que não posso perder de vista o legado de Paulo Freire ao nos falar sobre o Esperançar e sobre o nosso comprometimento com um inédito viável. E sobre não deixar se abater e refletir sobre nossas práticas enquanto educadoras e educadores.

Nesse mar que se abre sobre possibilidades de pensar e pesquisar educação fui junto com o cronograma e com as e os participantes da disciplina, revisitando-conhecendo o legado de Freire. E como não ser tocada (o) pelo o encontro em que falamos sobre os Círculos Dialógicos Investigativo-Formativos e seu diálogo comprometido com a ação-reflexão-ação, com a construção colaborativa e auto(trans)formativa da pesquisa, com pressupostos de coautoria e autonomia. Uma metodologia de pesquisa epistemológico-política que possibilita a consciência crítica e da transformação.

Dessa forma, a metodologia dos Círculos Dialógicos Investigativo-formativos estabelece uma forma de sentir/pensar/agir que estará fortemente correlacionada com a transformação não somente da realidade, e porque não dizer dos mecanismos de pesquisa em educação, mas também de uma perspectiva de mudança do próprio ser, vislumbrando a condição de auto(trans)formação pessoal e profissional. (Henz, Freitas e Silveira, 2018, p.848).

A partir dessa trajetória minha navegação por esse mar da pesquisa em educação pode contar com a ajuda de uma bússola que me aponta para o Sul, para epistemologias e metodologias em que identifico um compromisso ético-político em fazer ciência comprometida com a realidade latino-americana, com o esperançar e pela transformação.

Obrigada por contribuir nessa navegação,
Abraços!

Rubia Hoffmann Ribeiro



TESSITURAS DO CONHECIMENTO: ANDARILHAGENS, CORTE E COSTURA DOS SABERES DA PESQUISA

Susana Bettú²⁵

Caxias do Sul, 18 de junho de 2024.

Querida Profa. Nilda e colegas:

Espero que esta carta os encontre bem. Hoje, neste dia 18 de junho de 2024, que amanheceu com céu azul e sol, e que neste momento (15:49h) uma garoa fina cai lá fora, gostaria de tecer algumas considerações sobre a disciplina: Seminário de Metodologia da Pesquisa, ao qual estivemos presentes e que nos rendeu inúmeras reflexões sobre nossa caminhada dentro do Mestrado em Educação.

Quando iniciei as aulas do mestrado estava empolgada por estudar. Sempre gostei de estudar e aprender e fiquei muito feliz de estar voltando para a Universidade e poder caminhar pelos corredores, respirando esse ambiente de ensino e conhecimento. O início das aulas me fez dar um passo para trás e analisar, pois o impacto do modelo das aulas e das tarefas propostas foi grande.

A mistura de sentimentos com o decorrer das disciplinas me fez ter o entendimento do processo de aprender a aprender. Fico feliz em sentir que estou fazendo o giro epistemológico necessário para meu constante aprendizado. Como forma de expressão nesta carta, utilizarei a arte da costura como metáfora para guiar a reflexão e expor minhas reverberações. Este caminho, que pode ser comparado a uma rica, colorida e diversa colcha de retalhos, exige habilidades minuciosas de corte, costura e alinhavo, construindo uma tessitura única e significativa de conhecimentos. A arte da costura faz parte da minha vida com o crochê, o bordado e o tricô, assim, os entendimentos e saberes de nossas aulas me fizeram compreender de maneira diferente e emotiva alguns de nossos temas de estudo.

²⁵ Graduada em Letras – inglês. Especialista em Ensino e Aprendizagem de inglês pela Universidade de Caxias do Sul. Especialista em Coordenação Pedagógica e em Docência no Ensino Superior pela Uniasselvi. Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul (PPGEdu-UCS).

Ao iniciar a pesquisa, percebi que preciso escolher os retalhos que formarão o tecido teórico e metodológico. Charlot (2006) nos alerta sobre a importância de compreender a pesquisa educacional em sua complexidade, considerando a inter-relação entre conhecimentos produzidos, políticas educacionais e práticas pedagógicas. Este entendimento nos leva a selecionar retalhos que não apenas representem as questões de pesquisa, mas que também se alinhem com as necessidades e contextos educativos.

Imaginei a pesquisa como um grande tecido, ainda em construção. O primeiro passo é escolher os fios certos, ou seja, selecionar o tema e o problema de pesquisa. Esses fios devem ser robustos e capazes de sustentar toda a estrutura do trabalho. Assim como uma boa costura, ou um trabalho de crochê, começa com uma escolha cuidadosa dos materiais, a qualidade do trabalho depende de uma questão de pesquisa bem formulada e relevante. A escolha e o corte desses retalhos, ou seja, a definição das metodologias, são cruciais para a construção da pesquisa. Stecanela (2012) destaca a íntima relação entre o método escolhido e a identidade do pesquisador. Esta relação define não apenas o caminho a ser trilhado, mas também as lentes pelas quais interpretamos o mundo e os fenômenos educativos. A tessitura metodológica deve, portanto, refletir nossa identidade enquanto pesquisadores, nossos valores, crenças e objetivos. Morosini e Fernandes (2014) lembram que a pesquisa é um processo de construção coletiva e contínua de conhecimentos. Nesta costura, penso que alinhando teorias e práticas, construirei pontes entre o conhecimento teórico e sua aplicação prática. Este processo exige de nós, como costureiros da ciência, precisão, paciência e criatividade para combinar diferentes retalhos ou fios de forma harmoniosa e coerente.

Morais (2003) nos oferece ferramentas para a tessitura fina da análise dos dados. Sua abordagem me permitiu iluminar e compreender as nuances e profundidades dos textos e discursos, construindo sentidos e significados que enriquecem a compreensão dos fenômenos educativos. É através dessa análise cuidadosa que a colcha de retalhos ou o tapete de crochê ganha vida e relevância. A metáfora da andarilhagem, quando ouvida em nosso encontro com a Profa. Ana Lucia Souza de Freitas, é igualmente poderosa para descrever a trajetória do pesquisador. Ao caminhar por diferentes caminhos, exploramos novos territórios do conhecimento, encontramos interlocutores, enfrentamos desafios e celebramos descobertas. Este percurso é marcado pela construção contínua de saberes e pela abertura a novas perspectivas, sempre em movimento, sempre em construção.

As epistemologias da educação são o alicerce de nossa tessitura. Elas nos oferecem diferentes formas de ver e entender o mundo, guiando nossas escolhas metodológicas e analíticas. Ao nos fundamentarmos em uma epistemologia crítica, por exemplo, buscamos não apenas compreender, mas também transformar a realidade educativa, alinhando nossa pesquisa com princípios de justiça social e emancipação. Nesta caminhada, somos todos andarilhos e costureiros, combinando retalhos de

conhecimentos e experiências para construir uma organização rica e significativa. A pesquisa de mestrado está sendo para mim, um convite para explorar, questionar, criar e transformar, sempre com a consciência de que essa obra é parte de um tecido maior, que se constrói coletivamente. Ao final desta jornada de mestrado, o trabalho será uma colcha, um tapete, uma passadeira única, um mosaico de saberes entrelaçados que refletem minha trajetória, descobertas e minhas contribuições para a educação. Lembrando que cada recorte, cada linha costurada, cada retalho unido é uma parte essencial da construção acadêmica. Que nossa pesquisa seja uma andarilhagem rica e frutífera, e que possamos, através de tessituras, iluminar novos caminhos no vasto campo do conhecimento educacional. Agradeço a todos os mestres, e colegas que, com suas contribuições, nos ajudam a fiar e tecer esta grande colcha do saber.

Com admiração e votos de sucesso a todos,

Susana Bettú



CARTA PEDAGÓGICA

Taís Baldasso²⁶

Para começo de conversa...

“Eu sei que estou apenas no início de um largo caminho de amor,
que começa aqui dentro e exala cheiro de flores e confusões.”

Caio Fernando de Abreu

Iniciamos, um suspiro, eu e meus colegas, outro suspiro, iniciamos um semestre cheio de anseios, desejos, felicidade e com a certeza de que um novo desafio estava iniciando. Ainda envergonhados, observadores e sem saber direito o que nos esperava, iniciamos a disciplina com a professora Nilda, disciplina essa que nos apresentaria algumas ideias sobre métodos de pesquisa. Nós não imaginávamos o que era isso, nem de qual método a professora estava se referindo, mas sabíamos que iríamos utilizá-lo no mestrado. Sabíamos que fazíamos parte de um grupo de pesquisa e que a partir deste momento nos tornaríamos um professor pesquisador e não apenas ouvinte e passivo. Seríamos os agentes desse processo que iniciamos com tanta esperança e alegria.

Iniciamos as apresentações gerais, cada colega se apresentou, apresentou sua formação acadêmica, cada um vindo de um curso de graduação diferente, mas tendo a educação como eixo principal. Uns mais seguros do seu objeto de pesquisa, outros nem tanto, e outros ainda sem saber por onde trilhar. Fomos nos conhecendo, trilhando o caminho dos seminários juntos, debatendo, conversando, tomando um café, pegando o elevador juntos e assim fomos estreitando os laços. Neste caminho surgiram risadas, choros, angústias, esperanças e principalmente apoio entre nós, por meio do diálogo, respeito e afeto fomos criando o nosso grupo de mestrado, cada um com sua singularidade.

No decorrer do semestre trabalhos foram sendo exigidos, nos aproximamos ainda mais e grupos foram sendo formados. Conversávamos nos finais de semana por chamada de vídeo e quando vimos estávamos lutando

²⁶ Licenciada em Pedagogia, Filosofia e Geografia. Especialista em Filosofia, Orientação Educacional e Neurociência e Desenvolvimento Humano. Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul (PPGEdu-UCS).

juntos para dar conta de todo esse processo de adaptação. Saímos da zona de conforto e passamos a pesquisar, muito, cada vez mais para que pudéssemos ter um bom aproveitamento no semestre. No decorrer do semestre surgiu a possibilidade de criar um questionário para falarmos das angústias que estávamos sentindo e assim o fizemos. Criamos o questionário, respondemos e refletimos sobre os resultados finais. Agora sabendo que o sentimento de todos nós se assemelha, parece que nos vinculamos ainda mais uns com os outros, a tal ponto que já sentimos muito em nos separarmos para o próximo semestre, onde cada um seguirá sua linha de pesquisa.

Com a certeza de que o caminho foi trilhado em comunhão, solidariedade e apoio mútuo seguimos rumo à nossa titulação.

Para o meio da conversa...

“O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada.

Caminhando e semeando, no fim, terá o que colher.”

Cora Coralina

Continuamos, um suspiro, eu e meus colegas, outro suspiro, continuamos a caminhada deste semestre ainda cheios de anseios, desejos, felicidade, curiosidade e esperança. O semestre foi acontecendo, estávamos ainda organizando nossa rotina, nossos horários e ao mesmo tempo dando conta dos estudos do mestrado. Pesquisando muito, lendo muito, estudando muito. Algumas partes deste caminho já estavam tomando forma, sendo decididas, a maioria dos colegas já tinham o seu caminho para trilhar, seu objeto de estudo para se debruçar na pesquisa. Continuamos caminhando juntos, compartilhando conhecimento, se afeiçoando uns aos outros e nos auxiliando.

O Seminário de Metodologia de pesquisa em educação foi nos dando um caminho para seguir, de forma que pudéssemos pensar sobre qual método utilizaríamos na pesquisa que iríamos desenvolver. Cada aula nos apresentou um novo método que podia ser utilizado e íamos refletindo sobre qual deles seria o mais adequado para nossa pesquisa. A professora Nilda trouxe para o seminário diversas pessoas para contar como foi o processo de produção, pessoas reais, que nos contavam como tinha sido essa experiência e, desta forma, íamos nos identificando com elas, aprendendo, escolhendo por onde caminhar e quais decisões tomar. Concomitantemente, íamos lendo os textos indicados pela professora e estes iam contribuindo para as reflexões e compreensões realizadas em aula.

Os métodos apresentados e estudados no decorrer do semestre foram: Estado da Arte, Estado do Conhecimento, Revisão Sistemática de Literatura, Grupo Focal, Pesquisa-Ação, Carta como instrumento de pesquisa, Análise Textual Discursiva e para finalizar Círculos dialógicos formativo-investigativos. Além de tantos outros métodos, os quais a professora sinalizou que existem, mas que não teríamos tempo hábil para nos

debruçarmos em um estudo mais aprofundado. Conforme íamos conhecendo os métodos, cada colega ia percebendo qual deles seria utilizado em sua pesquisa e, por fim todos, já sabíamos qual deles nos acompanharia em nossa caminhada de pesquisador.

Para minha pesquisa optei por utilizar o procedimento de pesquisa Estado do Conhecimento, ainda que de forma adaptada para meu contexto. Meu objeto de estudo é o diálogo, com base no conceito abordado pelo filósofo Hans-Georg Gadamer. No Estado do Conhecimento se faz necessário os seguintes passos: leitura flutuante do corpus de análise para a identificação dos textos; construção da bibliografia anotada e da sistematizada; seminários coletivos de discussão das temáticas individuais com a classe de estudantes e com os estudantes individualmente; proposição de possíveis categorias, a partir da análise de conteúdo; dentre outras. Essas são algumas das metodologias que estou debruçada neste momento para a construção do meu projeto de pesquisa.

Para o fim da conversa...

“Não basta seguir o caminho, é preciso que saibamos dar valor à caminhada, pois não é o fim que nos marca, mas a jornada que nos fortifica.”

Patrícia Regina de Souza

Finalizamos, um suspiro, eu e meus colegas, outro suspiro, finalizamos a caminhada deste semestre nos apoiando uns aos outros, contribuindo para o crescimento e a realização de cada um, respeitando os nossos processos. Seguiremos agora em grupos separados, uns na Linha de Pesquisa História e Filosofia da Educação e outros na Linha de Pesquisa Processos Educacionais, Linguagem, Tecnologia e Inclusão.

Encerramos um semestre que foi desafiador, por vezes desesperador, que tirou todos da zona de conforto, desestabilizou os conhecimentos que trazíamos na bagagem, mas que gerou muito, muito aprendizado. Aprofundamos metodologias, pesquisa, estudo e reflexão. Produzimos, juntamente com o nosso orientador, o projeto de pesquisa o qual será nosso norte na produção da dissertação. Trocamos ideias, partilhamos conhecimentos, dividimos teorias, possibilidades e ideias, tudo em busca de que fossemos melhores do que aqueles que chegamos.

Vi em cada olhar, dos meus colegas, o empenho, a dedicação e a determinação para chegarem ao objetivo final. Algumas vezes posso dizer que vi desespero, mas que com uma conversa acolhedora e a partilha de sentimentos, conseguimos amenizar e seguir adiante. Dizer que concluímos o primeiro semestre do mestrado é muito gratificante, maravilhoso, sensação de dever cumprido. Nesse semestre realizamos a prova de proficiência, algumas publicações e essas são as primeiras conquistas da nossa caminhada.

Como foi bom e ao mesmo tempo desafiador finalizar o semestre. Continuaremos estudando, nos preparando e produzindo conhecimento ao longo deste ano e do próximo, a fim de buscarmos a tão sonhada titulação como Mestres em Educação. Sinto orgulho de mim e de todos meus colegas, por enfrentarmos essa etapa juntos e nos apoiando uns aos outros. Que o caminho da educação seja sempre esse, de partilha, afeto e humanidade.

Taís Baldasso



O VOO ERRÁTICO DA BORBOLETA

Valéria Armani²⁷

Garibaldi, 19 de junho de 2024

Querida leitora, querido leitor!

Inspirada na leitura do artigo *Tarrafa de pescaria: o uso da carta na pesquisa*, escrito por Ana Alcídia Araújo Moraes, dou início à escrita da minha primeira Carta Pedagógica. Confesso que estou um tanto emocionada, pois jamais havia pensado que pudesse valer-me de cartas como método para construção de dados de uma tese de doutorado. Esta carta, no entanto, não servirá para isso, mas sim para que você possa conhecer o meu percurso até aqui e, quem sabe, inspirar-se na minha história para construir a sua.

Nesta manhã chuvosa de junho, tão típica do outono gaúcho, e diante deste arquivo de word em branco com um cursor pulsante na tela do meu computador, busco transpor para o papel o sentimento que hoje carrego dentro de mim, convidando você a que me acompanhe nessa jornada pela busca constante de fazer o meu melhor em todas as áreas da minha vida.

Assim como Moraes (2006) fez nas Cartas que usou para o desenvolvimento de sua pesquisa, utilizarei uma linguagem mais informal, pois quero que você se sinta aqui, ao meu lado, como se estivéssemos conversando sobre a nossa vida e compartilhando a nossa história. Gostaria, profundamente, que esta carta não fosse um monólogo no qual apenas eu conto a minha história, mas sim que, ao lê-la, você se motivasse a escrever uma Carta Resposta.

Para que você me conheça um pouco, devo confessar-lhe que sou um espírito inquieto. Alguns dirão que isso tem relação com o meu signo, Sagitário, que me concede uma personalidade um tanto aventureira. Outros, no entanto, dirão que isso é um defeito, que nunca estou satisfeita e que sempre busco ir além, que sempre busco ultrapassar as fronteiras. E todos têm razão. Sou, sim, um espírito inquieto e versátil. Em minha carreira docente, tenho atuado no ensino de português e espanhol para

²⁷ Licenciada em Letras – UCS. Mestra em Ensino de Espanhol como Língua Estrangeira – Universidad de Cantabria (Espanha). Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul (PPGEdu-UCS).

diferentes públicos e modalidades: desde pessoas jovens até pessoas da melhor idade; desde brasileiros até estrangeiros; desde a modalidade presencial até a online. Sou como uma borboleta, que, com seu voo errático, vai de um lado a outro, para cima e para baixo. (Entendeu agora o título desta Carta?) E todas essas experiências me fazem perceber que sempre posso aprender mais, que sou um ser em constante transformação.

Esse mesmo espírito inquieto e versátil que carrego comigo adora ultrapassar fronteiras; e o ingresso no doutorado faz parte disso. Esta carta que aqui escrevo, inclusive, integra as atividades do Seminário de Metodologia da Pesquisa em Educação, cursado no semestre 2024/2, sob a orientação da professora Nilda Stecanela. Ingressar no doutorado foi uma decisão complexa, e vou explicar o porquê disso. Acompanhe-me por favor, neste voo errático de borboleta. Prometo ser o mais breve que conseguir!

Minha jornada acadêmica inicia com minha aprovação no vestibular da Universidade de Caxias do Sul para o curso de Jornalismo, em 2001. Não queria ter voltado tanto no tempo, mas agora me parece ser necessário para que você veja como a vida pode ser inconstante. Na verdade, é justamente essa inconstância que a torna interessante, não é?

Pois bem, ingressei no ensino superior com 17 anos recém cumpridos. O que uma pessoa de 17 anos sabe sobre a vida? Eu sabia muito pouco. A única certeza que tinha era o meu gosto pela leitura e pela escrita. Diante disso, considere que seria uma excelente jornalista. E assim foi até colocar, de fato, a ‘mão na massa’. Ao estagiar em um jornal aqui de minha cidade, *O Garibaldense*, percebi que sim, de fato, eu gostava de ler e de escrever. No entanto, não sobre a tragédia alheia. Ao ser convocada para entrevistar uma mãe que acabava de perder seu filho, ainda menino, em um acidente de carro, percebi que a vida de jornalista não era para mim. Não era sobre isso que eu queria escrever, pois não gosto de histórias tristes e trágicas, mas sim de histórias alegres e inspiradoras. Foi quando meu espírito inquieto falou mais alto e decidi mudar a minha rota.

O que fazer então? Onde mais eu poderia aplicar o meu gosto pela leitura e pela escrita. Arrisquei-me no curso de Licenciatura em Letras Português-Italiano. Logo no primeiro semestre, meu coração me dizia que sim, que finalmente eu tinha encontrado o meu lugar no mundo. Já começava a fechar-me em meu casulo para permitir que a metamorfose acontecesse e, tempos depois, eu pudesse estar ensinando italiano e viajando para a Itália para participar de congressos e seminários. Mas, como diz Eduardo Galeano, “quando tínhamos todas as respostas, mudaram as perguntas”. No segundo semestre, a turma de italiano não teve o número mínimo de alunos para prosseguir, de tal forma que tive que mudar os planos pela segunda vez. Decidi, então, seguir cursando Licenciatura Plena em Letras, com habilitação em Língua e Literatura Portuguesa.

Se estivessemos cara a cara, você certamente me perguntaria: “Mas e o seu sonho de viajar para a Itália e ensinar italiano?” Não se preocupe,

não desisti dele, não! Embora o italiano não integrasse mais as disciplinas obrigatórias do meu curso, segui estudando no programa de Línguas Estrangeiras da universidade, pois não sou dessas pessoas que desistem de seus sonhos de maneira tão fácil, e espero, profundamente, que você também não o seja.

Ao concluir o curso de italiano, meu espírito inquieto e versátil queria mais. E o que fiz? Atendi aos seus pedidos e comecei a estudar espanhol em uma escola de idiomas de Garibaldi, afinal de contas, se o coração pede, a gente deve atender. E veja bem como é a vida: de onde menos eu esperava, veio muita coisa.

Finalizei o curso de espanhol e a minha licenciatura no mesmo ano, em 2010. E a latência do meu espírito seguia ali, firme e forte. A metamorfose estava a ponto de acontecer. E numa noite, na solidão do meu quarto com o turbilhão de pensamentos e desejos que eu tinha para o meu futuro, encontrei, pesquisando na internet, a *Fundación Carolina*, uma fundação espanhola cujo objetivo é fomentar os laços entre a Espanha e os países ibero-americanos. E uma de suas ações é, justamente, oferecer bolsas de estudo para cursos de pós-graduação *lato sensu* e *stricto sensu*. Pois bem, como quem não tem nada a perder, tentei. E ao tentar, o que aconteceu? Sim, eu consegui. Embarquei para a Espanha em 2010, com todas as despesas pagas (veja bem) para cursar um Mestrado em Ensino de Espanhol como Língua Estrangeira. Tudo o que eu sempre quis para o italiano, a vida estava me dando para o espanhol. Muitos dirão que foi sorte. Se a sorte consiste em correr atrás e batalhar pelo que se quer, então, sim, estou de acordo: foi sorte.

E peço perdão, leitor, leitora, por fazer você voltar tanto no tempo, mas eu já lhe preveni no início desta Carta, quando disse que adoro ler e, sobretudo, **escrever**. Espero não lhe estar entediando com minha história.

Na metade de 2011, voltei ao Brasil para escrever minha dissertação de mestrado, cujo tema foi o fenômeno da estabilização no espanhol oral de estudantes brasileiros. Naquele então, eu não tinha nenhuma experiência pedagógica, pois nunca tinha entrado em uma sala de aula (bom, *nunca* é um exagero, mas eu apenas tinha feito os estágios obrigatórios, tanto da graduação quanto do mestrado). Ainda assim, apesar da minha pouca experiência docente, sabia que meu objetivo, enquanto professora, era auxiliar meus futuros alunos na aprendizagem da língua espanhola. E confesso que, durante a escrita de minha dissertação, encontrei outra grande paixão: a pesquisa. Adorava mergulhar nos livros, aprofundar meu conhecimento em linguística contrastiva e em teorias de aprendizagem, entender a diferença entre *erro*, *equivoco* e *lapso* e buscar alternativas para que os alunos avançassem cada vez mais na aprendizagem do idioma e não estancassem o seu conhecimento. Eu queria que eles passassem pelo processo da metamorfose, assim como eu, e que fossem em busca do seu melhor.

Voltemos ao ano de 2024 e deixemos o passado nas linhas anteriores. Depois de 11 anos (sim, mais de uma década, já que meu título de mestrado foi emitido em 2013), cá estou eu, de volta ao mundo da pesquisa, fechando-me em um novo casulo para passar por uma nova metamorfose. Poderia alegar que este período tão longo de tempo para retomar os estudos tenha sido pelas dificuldades de revalidação do diploma, que só aconteceu em 2023. Mas não foi isso. Eu, apesar de tudo, não me sentia preparada para ingressar em um doutorado. E o que me trouxe até aqui, então? Pois bem, aquele velho espírito inquieto, volátil e que adora ultrapassar fronteiras voltou a emergir em meu coração.

Tenho sede de saber, o que posso fazer? Não consigo seguir atuando sempre da mesma maneira dentro de uma sala de aula quando sei que inúmeras pesquisas foram desenvolvidas e que novos métodos foram e seguem sendo criados. Além disso, hoje já não estou tão ‘crua’ quanto estava no meu mestrado. Agora, tenho 12 anos de experiência no ensino de línguas (português e espanhol) para estrangeiros e me sinto muito mais confiante. No entanto, ainda possuo a mesma humildade de sempre (isso não vem do signo, não, porque sagitarianos não costumam ser modestos) e entendo que sempre posso aprender mais, pois não sei e jamais saberei tudo. Posso, quero e devo passar por inúmeras metamorfoses na vida.

O que busco com o doutorado? Muitas coisas, confesso. Mas a principal delas é contribuir com o meu grão de areia, bem pequeno, reconheço, mas ainda assim fundamental para o avanço das pesquisas na área da Educação. Por ser este o primeiro semestre, tudo ainda é muito novo, e a definição e delimitação de um problema de pesquisa ainda ecoam de maneira constante em minha mente. Ainda assim, ele me levou de volta ao mestrado que cursei na Espanha. No primeiro dia de aula, parei em frente ao Bloco E, contemplei-o firmemente, e agradei à vida por me colocar de volta ao caminho da pesquisa. O coração acelerou naquele momento; foi como se eu tivesse voltado a 2010, quando entrei pela primeira vez naquele edifício histórico da Fundación Comillas, no norte da Espanha, ansiosa para adentrar no mundo da pesquisa. E, embora não seja muito supersticiosa, entrei com o pé direito no bloco E, só para garantir!

Nesta disciplina, Seminário de Metodologia da Pesquisa em Educação, adentrei em áreas até então desconhecidas por mim. Tive a oportunidade de transitar por diversos métodos que poderei utilizar na minha pesquisa. Após a leitura de artigos e capítulos de livros sobre cada método, sempre escutávamos pessoas reais que os haviam utilizado, e isso oportunizava um leve passeio entre teoria e prática.

Confesso, no entanto, que assim como o problema de pesquisa ainda não está totalmente alinhavado, o método que será utilizado para a construção de dados ainda não foi estabelecido. Tenho, sim, uma ideia do quê e de como vou fazê-la, mas prefiro não engessá-la para permitir que surpresas aconteçam ao longo da jornada. E esse é um dos aprendizados

que trago em minha bagagem. Você lembra quando mencionei, nas primeiras linhas desta Carta, a inconstância da vida? Pois bem, ela, de fato, existe, e tenho plena certeza de que estará muito presente em minha vida pelos próximos quatro anos.

E confesso que o fato de não ter um problema totalmente definido não me assusta. Lemos um artigo cujo autor afirmou o seguinte: “Quando sabemos aquilo que queremos conhecer, temos a base de um projeto de pesquisa. Pelo menos um ponto de partida, pois, na realidade, são necessários cerca de seis meses de trabalho sobre uma dada problemática para se definir uma questão de pesquisa” (Charlot, p. 10). Ainda estou na primeira etapa. Embora saiba o que quero conhecer, sigo na construção de um problema, pois há de se considerar múltiplos fatores, como a sua própria viabilidade.

Uma das primeiras reflexões que esta disciplina nos trouxe, foi o fato de estarmos, de certa forma, fazendo ciência com pessoas. Isso é um tanto complexo, pois a nossa ‘base de dados’ são seres humanos. Como não transformá-los apenas em dados? Como entendê-los e considerá-los em suas subjetividades?

Em seguida, fomos adentrando em diferentes métodos que podem ser utilizados para a construção de dados: iniciamos pelos Estados da Arte e do Conhecimento, passamos pela Revisão Sistemática da Literatura, pelo Questionário, pelo Grupo Focal, pela Pesquisa-ação, pela Carta Pedagógica, pela Análise Textual Discursiva, e finalizamos com os Círculos Dialógicos Formativo-Investigativos. Passar por todos eles foi como voar erraticamente como uma borboleta, entre um método e outro, em um ir e vir constante, pegando um pouco daqui levando um pouco de lá, e conhecendo uma imensa gama de possibilidades. Nenhum método pode ser considerado melhor ou pior do que o outro. São abordagens diferentes para um mesmo fim: construir dados para o desenvolvimento de uma pesquisa.

E o que ficou dessas aulas? Saudade, conhecimento e muita vontade de saber mais sobre cada um dos métodos que conhecemos!

Uma das atividades funcionou como um divisor de águas para mim: a construção coletiva de um questionário. E digo isso literalmente, pois foi durante as aulas online que aconteceram devido às inundações que assolaram o Rio Grande do Sul em maio de 2024. Pensei: gente, elaborar um questionário já é difícil sozinho, quem dirá com um grupo e fazendo isso a distância! Não sei ao certo o que aconteceu, mas esta atividade nos aproximou enquanto grupo e fez que cada um desse o seu melhor. Abrimos um documento compartilhado no drive e fizemos uma escrita coletiva e colorida. Cada participante do grupo escolheu uma cor e foi colocando ali suas percepções, suas angústias e escrevendo questões que poderiam compor o nosso questionário. No retorno às aulas presenciais, havia outro clima no ambiente, um laço imperceptível aos olhos físicos nos envolveu a todos.

E assim, entre idas e vindas, entre um método e outro, cá estou. Lendo muito, tentando organizar a rotina de forma que ela contemple

todos os âmbitos da minha vida (pessoal, profissional e acadêmico) e buscando sempre dar o meu melhor em cada um deles. E, assim como a borboleta, não estou muito preocupada em ter um destino onde chegar, mas sim em aproveitar cada flor que eu encontrar no meu caminho.

Obrigada leitora, obrigada leitor por lerem as minhas palavras e por fazerem parte da minha história. E se você se sentir inspirada(o), aqui estarei, aguardando, para receber a sua Carta e voar com você pela sua trajetória.

Valéria Armani



METACARTA PEDAGÓGICA

Tecendo histórias, tecendo vidas e pesquisando com Cartas Pedagógicas

*Analú*²⁸



Fonte: elaborado pela autora. Paris, 01-15 de agosto de 2024.

Querida professora Nilda Stecanela, queridas, queridos e querides integrantes do Seminário de Metodologia da Pesquisa em educação

Espero que estejam bem e tenham chegado ao término deste componente curricular com renovada inspiração para desbravar a pesquisa em educação. Foi com imensa alegria que recebi, dia 29 de julho, um áudio-convite, via Whatsapp, na voz da professora Nilda,

[...] para escrever uma Metacarta Pedagógica sobre a produção dos alunos na disciplina de metodologia de pesquisa em educação onde, após a tua fala, eles escolheram qual seria o gênero textual da atividade final e escreveram uma Carta Pedagógica voltada ao movimento de constituir-se pesquisador e pesquisadora em educação.

Por isso, em primeiro lugar, agradeço pelo carinho com que me concedem confiança para a leitura das Cartas Pedagógicas produzidas no

²⁸ Ana Lúcia Souza de Freitas. Doutora em Educação (PUCRS, 2005) com estudos de Pós-Doutorado em Pedagogia Crítica (Liverpool Hope University, 2015). Professora permanente da Universidade Federal do Pampa (Unipampa) Campus Jaguarão.

Seminário de Metodologia da Pesquisa em educação. Além de me emocionar pelo carinho do convite, fico feliz pela potência da possibilidade de darmos continuidade do diálogo, por escrito. Ao escreverem Cartas Pedagógicas sobre a experiência de constituir-se pesquisadoras e pesquisadores em educação, os textos apresentam excelentes contribuições, em conteúdo e forma, para o aprofundamento de estudos e pesquisas, em dois sentidos. Tanto fornecem pistas para analisar a complexidade dos percursos formativos nos quais a pesquisa faz parte de um processo identitário em construção, quanto constituem exemplares de Cartas Pedagógicas cuja escrita é exercida com a finalidade de compartilhamento e avaliação das aprendizagens de um componente curricular da formação acadêmica para a pesquisa.

Sobre o processo de tornar-se pesquisador e pesquisadora em educação, o conteúdo de cada uma das 24 Cartas Pedagógicas produzidas tem peculiar relevância, assim como conjuntamente são reveladoras dos significados produzidos no percurso compartilhado neste componente curricular, especificamente organizado com foco na formação para a pesquisa. Para destacar o potencial teórico-metodológico do material produzido e sugerir o aprofundamento de estudos nesta direção, compartilho apenas um dos diversos depoimentos que elucidam a metáfora da tessitura, para além do imaginado.

Para contar a você sobre a minha trajetória, inicio escrevendo sobre o meu primeiro contato com a pesquisa, a primeira cor que bordou o bastidor da minha história de pesquisadora. Eu me encontrava no Ensino Médio, em uma escola pública estadual - a realidade social vivenciada era a mesma dos dias de hoje, de precarização da educação, ausência de professores ou substituições fora das áreas de atuação, mas ainda assim, me encontrava e existia, enquanto estudante de uma região periférica que tinha curiosidade em aprender tudo que fosse novo -, uma das disciplinas que era ofertada no contra-turno escolar, tinha o nome de "Seminário Integrado", dentre tantas coisas que passavam pelos conteúdos desta disciplina, a construção de um projeto de intervenção, em grupo, era uma delas. Conheci a partir dessa algumas das linhas multicoloridas que traçam um projeto de pesquisa: introdução, justificativa, objetivos, metodologia, recursos e cronograma. Eu achei bárbaro! Descrever o porquê da minha pesquisa ser importante, ou pensar ela a longo prazo em um cronograma, foi algo irreal sendo materializado em mim, logo eu, construindo um PROJETO para a escola em que estudava, dali pra frente foram só anseios novos por descobrir cada vez mais cores para minha identidade pessoal (Castilhos, 2024).

Sugiro que esta análise seja objeto de estudo com outras turmas do Seminário de Metodologia da Pesquisa em educação, incluindo a reflexão sobre o diferencial deste depoimento no que se refere à experiência da formação para a pesquisa desde a educação básica. Neste sentido, proponho pensar de maneira análoga ao que Antônio Nóvoa diz a respeito do processo identitário do professor, em seu clássico e provocativo texto *Diz-me como ensinas, dir-te-ei quem és e vice-versa* (Nóvoa, 1997). Segundo ele, a identidade não é um produto a ser adquirido, mas um lugar de lutas e de

conflitos na construção permanente de um modo de ser e estar na profissão, envolvendo um triplo A:

A de Adesão, porque ser professor implica sempre a adesão a princípios e a valores, a adopção de projectos [...]. A de Acção, porque também aqui, na escolha das melhores maneiras de agir, jogam-se decisões do foro profissional e do foro pessoal [...] certas experiências marcam a nossa postura pedagógica, fazendo-nos sentir bem ou mal com esta ou com aquela maneira de trabalhar na sala de aula. A de Auto-consciência, porque em última análise, tudo se decide no processo de reflexão que o professor leva a cabo sobre a própria acção (Nóvoa, 1997, p. 34).

A leitura das Cartas Pedagógicas evocou a memória desta referência, marcante no período em que realizei meus estudos de mestrado em educação – entre 1997 e 1998 –, desafiando o próprio pensamento para considerar que *Diz-me como pesquisas, dir-te-ei quem és e vice-versa* é uma boa provocação para analisar as tecituras sobre o tema. A reflexão proposta por Antônio Nóvoa, há quase três décadas, acerca do *triplo A* constituinte do processo identitário da profissão docente, permanece como potente referência para analisar a complexidade do trabalho de ensinar, podendo também contribuir para a realização de estudos sobre o processo identitário de formação para a pesquisa.

Com base nesta compreensão, chamou atenção o modo como as Cartas Pedagógicas se complementam ao expressar aprendizagens acadêmicas sem deixar de revelar marcas da indissociabilidade entre cognição e emoção, presentes na formação em pesquisa vivenciada e estudada na experiência do Seminário de Metodologia da pesquisa em educação. Diante do material produzido, é inegável reconhecer que

[...] estudamos, aprendemos, ensinamos, conhecemos com nosso corpo inteiro. Com os sentimentos, com as emoções, com os desejos, com os medos, com as dúvidas, com a paixão e também com a razão crítica. Jamais com esta apenas. É preciso ousar para não dicotomizar o cognitivo do emocional. (Freire, 1993, p.10).

Inevitavelmente, a leitura proporcionou revisitar as próprias tessituras na experiência de formação como pesquisadora em educação, fortemente influenciada pelos estudos leituras de Paulo Freire. Deste modo, entrelaçam-se as Andarilhagens que motivam fazer da escrita desta Metacarta Pedagógica uma forma de continuidade ao diálogo *com, sobre e por* Cartas Pedagógicas.

De um ponto de vista imediato, as Andarilhagens se realizam com, porque ninguém Andarilha sozinha/o, mas com as parcerias que se estabelecem no próprio percurso; também têm o sentido de realizar-se com Cartas Pedagógicas porque proporcionam exercer a escrita, em si, como forma de Andarilhar, produzindo presenças viáveis e significativas no âmbito da formação acadêmica. Em outro sentido, as Andarilhagens também se realizam por Cartas Pedagógicas em função do

engajamento em ações localmente realizadas e na articulação mais ampla de conexões e parcerias nas quais se entrelaçam Andarilhagens por uma causa mais abrangente: a presença da educação popular freireana na universidade. Em um terceiro sentido, complementar aos anteriores, as Andarilhagens também se realizam sobre Cartas Pedagógicas em função do compromisso com o conhecimento sobre o tema, levando em conta dois momentos do ciclo gnosiológico, ou seja, somando esforços tanto para promover o conhecimento do conhecimento já existente quanto para produzir o novo (Freitas, 2024, p. 31).

Assim, no contexto da formação para a pesquisa, a escrita de Cartas Pedagógicas produz e é produzida pelas Andarilhagens (Brandão, 2018) nas quais vamos tecendo histórias, tecendo vidas e reinventando a pesquisa em educação. Compartilhar a experiência de produção de Cartas Pedagógicas no Seminário de Metodologia da Pesquisa em educação corrobora a compreensão acerca da escrita exercida como atividade intelectual formativa (Carlino, 2017) e como princípio da pesquisa (Marques, 1997), reconhecendo-os como dois aspectos que se complementam no processo de tornar-se pesquisadora e pesquisador em educação. Esta compreensão, ao fundamentar o movimento de reinvenção das Cartas Pedagógicas na universidade, contribui para consolidar práticas em que a rigorosidade acadêmica seja exercida sem perder as marcas da escrita de si, atribuindo motivação e sentido ao ato de escrever.

As produções resultantes do Seminário de Metodologia da pesquisa são exemplares a este respeito, pois tramam relações que significam as leituras de referência no componente curricular, expressando as aprendizagens relacionadas aos conhecimentos específicos estudados e à própria experiência da escrita acadêmica. O material produzido também poderá ser fonte de referência para o aprofundamento de estudos sobre a mediação exercida por meio da escrita de Cartas Pedagógicas e suas repercussões quanto a promover adesão, ação e autoconsciência no processo de tornar-se pesquisadora e pesquisador em educação.

Para fins da continuidade de estudos, esta Metacarta Pedagógica busca elucidar a modalidade híbrida de escrita que vem se consolidando como reinvenção do legado de Paulo Freire na formação acadêmica. Para tanto, é importante observar o modo como se ressignificam as cartas pessoais a partir da escrita com finalidades pedagógicas intencionalmente direcionadas.

Por um lado,

O ato de escrever cartas pessoais consiste em confrontar-se com códigos estabelecidos e, a partir deles, inventar/construir um lugar para si, por meio das palavras. Trocar cartas, corresponder-se ou escrever para alguém são formas de se expor, compartilhar experiências, vencer distâncias e ausências, tecer sensibilidades, enfim, construir laços de papel (Cunha, 2013, p. 119).

Por outro, a escrita acadêmica envolve necessariamente estabelecer relações com autores e autoras de referência, incluindo o emprego de

vocabulários nem sempre usuais, conceitos específicos, normas e rituais que lhes são próprios. Contendo marcas distintas, o hibrismo das Cartas Pedagógicas reinventadas na universidade se caracteriza por apresentar, simultaneamente, elementos do gênero textual carta - data, destinatário/a, remetente, saudação inicial e final - e peculiaridades de uma produção acadêmica: título, referências, palavras-chave etc.

Para além dos elementos estruturais, a reinvenção das Cartas Pedagógicas como uma modalidade de trabalho acadêmico é um desafio à criação e à produção escrita autoral, incluindo, por exemplo, a inserção de imagens que expressam um conteúdo a ser considerado. No caso específico, as imagens selecionadas para esta Metacarta Pedagógica anunciam o que as palavras deixaram de dizer quanto ao especial período em que esta escrita dedicada a vocês se realiza, em meio à vida que se altera na cidade em função dos Jogos Olímpicos. Além disso, também guardam memórias das Andarilhagens com Cartas Pedagógicas pelas duas professoras, em Paris.

De modo singular, as Cartas Pedagógicas produzidas no Seminário de Metodologia da Pesquisa em educação contribuem para elucidar as marcas deste gênero híbrido de escrita que vem se consolidando como uma modalidade de produção acadêmica. A respeito de tal hibridismo, é interessante mencionar a autoria de quem incluiu uma nota de rodapé, introduzindo a escrita com a seguinte observação: “Não sei se uma nota de rodapé cabe em uma Carta, mas eu gostaria de aclarar ...” (Armani, 2024).

Nos limites desta Metacarta Pedagógica, destaco a seguir a reflexão sobre duas peculiaridades do referido hibridismo: a escrita acadêmica que inclui a escolha de destinatários/as e a escrita de uma carta contendo um título (Freitas, 2021). Cada um destes aspectos merece aprofundamento de estudos, para os quais a continuidade desta Metacarta Pedagógica pretende contribuir, mediante o diálogo com a leitura das produções de vocês.

A escolha de destinatários/as foi analisada em um estudo que realizei sobre a presença das Cartas Pedagógicas nos Anais do XXIII Fórum²⁹, a partir do qual chamou atenção a peculiaridade das escolhas, contrastando com as produções oriundas da experiência com estudantes do ensino de graduação, em diferentes contextos:

A reflexão sobre os impactos da pandemia provavelmente influenciou a escolha de destinatários/as reais e próximos, sendo esta uma ênfase dos trabalhos do XXIII Fórum. De forma diferente de algumas experiências no âmbito das ações de ensino, marcadas pelo inusitado, como por exemplo a escrita para si mesmo, no passado ou no futuro; a escrita para a mãe, apesar de morarem juntas; para a primeira professora etc (Freitas, 2024, p. 42).

²⁹ <http://www.guaritadigital.com.br/casaleiria/acervo/educacao/xxiiifelpf/index.html>

Parto do pressuposto de que a escolha dos/as destinatários/as é um aspecto motivador da experiência da escrita. Esta compreensão se ratifica por meio da análise de Cartas Pedagógicas elaboradas em diferentes contextos, elucidando um potencial formativo a ser explorado. Nesta direção, o quadro a seguir apresenta uma visão geral sobre os/as destinatários/as presentes nas produções desta turma.

Quadro 01 - Destinatários/as das Cartas Pedagógicas do Seminário de metodologia da pesquisa em educação

Tipos	Destinatários/as	Cartas Pedagógicas	Subtotal	Total
Professora	Professora Nilda	CP04; CP07; CP14; CP21	04	14
	Professora Nilda e colegas	CP02; CP05; CP11; CP15; CP18; CP19; CP22	07	
	Professora Nilda, colegas e outros/as	CP17; CP20; CP06	03	
Colegas	Colegas	CP13	01	03
	colegas pesquisadores e pesquisadoras	CP01	01	
	colegas e pesquisantes	CP03	01	
Leitores/as	a cada pessoa leitora desta carta	CP12	01	03
	leitor de identidade desconhecida	CP08	01	
	leitora, leitor	CP24	01	
Outros	pesquisadores e pesquisadoras da educação	CP09	01	04
	PAIteado	CP10	01	
	Artaud	CP16	01	
	Destinatário/a não especificado	CP23	01	
04 tipos	12 Destinatários/as e 01 não especificado	24 Cartas Pedagógicas		

Fonte: elaborado pela autora.

Em relação ao Seminário de Metodologia da pesquisa, a concentração das escolhas destinadas aos colegas e à professora, incluem, por extensão, em crescente abrangência, participantes convidadas/os, bem como pesquisadoras e pesquisadores em geral. A maioria das escolhas converge referindo um público de interesse diretamente relacionado ao tema. Além disso, as interlocuções escolhidas elucidam o potencial da escrita de Cartas Pedagógicas para exercer o diálogo sobre experiências no âmbito do ensino, extrapolando os limites da sala de aula.

Quanto ao título, as produções escritas no contexto do Seminário são bastante peculiares, pois revelam as marcas de uma elaboração situada, que conta com uma orientação pedagógica tão esteticamente amorosa quanto minuciosa em relação ao conteúdo e à forma. Além dos

detalhamentos de formatação, a escolha da metáfora da caixa de costura para a tessitura da escrita impregnou de sentidos a solicitação da produção acadêmica referente à atividade final do componente curricular.

O quadro a seguir apresenta resultados com a intenção de promover o debate sobre a relevância da atribuição do título na escrita de Cartas Pedagógicas com finalidades acadêmicas.

Quadro 02 - Títulos das Cartas Pedagógicas do Seminário de metodologia da pesquisa em educação

Tipos	Títulos	Cartas Pedagógicas	Subtotal	Total
Metáfora da caixa de costura	Carta: A caixa artesanal	CP01	01	08
	Pesquisa em Educação: uma trama de nós e afetos	CP02	01	
	Tecendo Saberes: reflexões iniciais no processo de formação para a Pesquisa	CP05	01	
	Clarear: Linhas de encontros de um ser pesquisador	CP06	01	
	De ponto em ponto, costuro minha história	CP12	01	
	O Seminário de Metodologia da Pesquisa em Educação: tricotando reflexões e possibilidades	CP15	01	
	Carta a um coletivo de investigadores em Educação: palavras são como fios	CP19	01	
	Tessituras do Conhecimento: andarilhagens, corte e costura dos Saberes da Pesquisa	CP22	01	
Outras inspirações sobre o processo da pesquisa	Explorando Caminhos na Pesquisa em Educação: Reflexões e Agradecimentos	CP04	01	09
	O sentido de ser o ser (con)sentido	CP07	01	
	A MUDANÇA como elemento-chave ao pertencimento acadêmico	CP08	01	
	Movimentos da pesquisa em educação	CP09	01	
	Microrrevoluções - a força de constituir-se pesquisadora no/do cotidiano	CP10	01	
	Primeiros passos do percurso de uma pesquisadora	CP11	01	
	Um novo olhar para a pesquisa em Educação	CP18	01	
	A aventura de constituir-se pesquisadora	CP20	01	
	As andarilhagens no constituir-se pesquisador em Educação	CP21	01	
Carta Pedagógica	Carta Pedagógica	CP14; CP23	02	03
	CARTA PEDAGÓGICA: A poética na educação pelo corpo- Constituição de um cartógrafo	CP16	01	
Outras metáforas	O voo errático da borboleta	CP24	01	01
Sem título		CP03; CP13; CP17	03	03
04 tipos	20 títulos diferentes; 1 repetido e 03 sem título	24 Cartas Pedagógicas		

Fonte: elaborado pela autora.

Merece destaque, para aprofundamento de estudos, a criatividade dos títulos atribuídos – ou não – à escrita dos textos em forma de Carta Pedagógica, considerando este um possível indicador do desenvolvimento da produção escrita autoral das/os mestrandas/os e doutorandas/os. Além disso, a qualidade autoral dos resultados pode inspirar a reflexão sobre outros aspectos, tais como a mediação pedagógica exercida por meio da escrita aos/às estudantes, conforme referido anteriormente.

Enfim, muitos são os aspectos que podem suscitar o aprofundamento de estudos sobre as Andarilhagens de reinvenção das Cartas Pedagógicas na universidade, das quais resultam um gênero híbrido de escrita que vem se consolidando como uma modalidade acadêmica de produção textual, em diversas experiências no ensino de graduação e de pós-graduação. Além disso, as Cartas Pedagógicas produzidas no Seminário de Metodologia da pesquisa em educação apresentam contribuições específicas sobre o processo de tornar-se pesquisadora e pesquisador em educação, sendo este um foco que se anuncia como pertinente para esta modalidade de escrita que se reinventa na universidade.

Antes de concluir, vale enfatizar a preocupação em não romantizar nem simplificar as singularidades que dão sentido aos estudos desta natureza. É o que nos adverte Stecanela, ao considerar as relações entre a tipificação da pesquisa e a identidade do/a pesquisador/a:

Considerando a revisitação de alguns escritos, procurando estabelecer relações com as escolhas que se fizeram no decorrer do processo de constituição da educadora- pesquisadora, algumas sínteses podem ser elaboradas dando conta de que não somos uma unidade (tampouco uma unanimidade) em torno de um eu coerente; ao contrário, somos seres de múltiplos pertencimentos, cujo eu é múltiplo. As narrativas reflexivas apenas nos situam, ora num território, ora noutro. A composição que fazemos valendo-nos das palavras, nesse caso, palavras identitárias, permite observarmo-nos através da narração que publicitamos e ousar comunicar que, por exemplo, podemos ser nomeados como pesquisadores da vida cotidiana e/ou do tempo presente, porque nos enxergamos, momentaneamente, pertencentes a determinada comunidade (científica) (Stecanela, 2012, p. 29).

A este respeito, as Cartas Pedagógicas do Seminário também nos surpreendem:

Se nunca passamos pelas águas de um rio duas vezes, pois nem as águas nem nós mesmos estamos iguais, ousou dizer que esta máxima se aplica a este Seminário. Eu fiz o Seminário de Metodologia de Pesquisa no período de Mestrado e cursei agora no começo do doutorado. Os textos, as falas da profe, a minha escuta em relação as vozes dos colegas e as vozes dos teóricos me afetaram de outra forma (Giuriatti, 2024).

Finalizo esta Metacarta Pedagógica por meio da qual tive o prazer de dialogar, por escrito, a partir das 24 Cartas Pedagógicas produzidas sob

a orientação da professora Nilda Stecanela. Sem a pretensão de ter referido a amplitude e a diversidade das questões suscitadas pela leitura, retomando-a mais de uma vez, espero ter despertado a curiosidade epistemológica sobre cada uma das autorias contidas nas análises apresentadas. Desejo que desfrutem as leituras que proporcionam conhecer as singularidades dos percursos de cada integrante desta turma do Seminário de Metodologia da pesquisa em educação, fazendo fluir o pensamento entre teorias, poesias e metáforas.

Agradeço pela rigorosidade metódica da experiência compartilhada, empregando a citação de bell hooks para retribuir o carinho da escolha das palavras contidas em cada uma das Cartas Pedagógicas, por meio das quais me senti acolhida e convidada ao diálogo:

A academia não é o paraíso. Mas o aprendizado é um lugar onde o paraíso pode ser criado. A sala de aula, com todas as suas limitações, continua sendo um ambiente de possibilidades. Nesse campo de possibilidades temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, de exigir de nós e de nossos camaradas uma abertura da mente e do coração que nos permita encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente, imaginamos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é a educação como prática da liberdade (hooks, 2017, p, 273).

Na continuidade, sugiro que participem, direta ou indiretamente, do V Piquenique Cultural com Paulo Freire, no Jardim Marielle Franco, organizado pela Associação Coletivo Leitoras de Paulo Freire na França, dia 22 de setembro, entre 14h e 17h, em Paris. Espero que seja esta mais uma oportunidade para seguirmos as Andarilhagens (com letra maiúscula) *com, por e sobre* Cartas Pedagógicas, concebendo ser este um modo de ser e estar no mundo, em movimento, do qual a pesquisa faz parte, como decorrência do ato crítico de conhecer.

Forte abraço e até breve!

Analu



REFERÊNCIAS

ARMANI, Valéria. O voo errático da borboleta. Carta Pedagógica. **Seminário de Metodologia da pesquisa em educação**. Programa de Pós-graduação em educação. Universidade de Caxias do Sul, 2024.

ARTAUD, Antonin. **O teatro e seu duplo**. São Paulo: Martins Fontes, 2023.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BARTHES, R. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 2007.

BERNARDINO-COSTA, J.; GROSGOUEL, R. ; MALDONADO-TORRES, N. (orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2020.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. Literatura: **a formação do leitor** (alternativas metodológicas). 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Andarilhagem. In: STRECK, Danilo; RENDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. – 4. ed. rev. amp. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018, p.44-45.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários Escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011.

CARDOSO, Teresa; ALARCÃO, Isabel; CELORICO, Jacinto Antunes. **Revisão da literatura e sistematização do conhecimento**. Porto: Editora Porto, 2010.

CARLINO, Paula. **Escrever, ler e aprender na universidade**: uma introdução à alfabetização acadêmica. Tradução de Suzana Schwartz. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. – (Coleção Compreensão Leitora: Teoria e Prática).

CASTILHOS, Maurem. De ponto em ponto, costuro minha história. Carta Pedagógica. **Seminário de Metodologia da pesquisa em educação**.

Programa de Pós-graduação em educação. Universidade de Caxias do Sul, 2024.

CAVALCANTI, Albares de Siqueira. Olhares epistemológicos e a pesquisa educacional na formação de professores de Ciências. São Paulo. **Educação e Pesquisa**, v. 40, n. 4, p. 983-998, out/dez 2014.

CHAER, Galdino; DINIZ, Rafael Rosa Pereira; RIBEIRO, Elisa Antônia. A técnica do questionário na pesquisa educacional. **Revista Evidência**, v. 7, n. 7, 2012. Disponível em: <https://ojs.uniaraxa.edu.br/index.php/evidencia/article/view/201/187>

CRUZ NETO, O.; MOREIRA, M. R.; SUCENA, L. F. M. Grupos focais e pesquisa social qualitativa: o debate orientado como técnica de investigação. In: **Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais**. 13., ABEP, 2002, Ouro Preto. Disponível em: www.dppg.cefe-tmg.br/mtp/Tecnicade

CHARLOT, B. A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: especialidades e desafios de uma área de saber. **Revista Brasileira de Educação**, vol. 11, n.31, p. 7-18, jan/abr. 2006.

CORAZZA, Sandra. “Por alguma poética na docência: A didática como criação”. Scielo Brasil. **Educação em revista**, número 34, 2018.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Do coração à caneta: cartas e diários pessoais nas teias do vivido. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 59, p. 115-142, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/viewFile/37036/22828> Acesso: 02 ago 2024.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Tradução de Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

EGGERT, Edla (orgs.). **Conhecer e transformar: pesquisa-ação e pesquisa participante em diálogo internacional**. Curitiba: Editora CRV, 2014. (p.217-246);

FERREIRA, N. S. de A. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação e Sociedade**, São Paulo, no. 79, p. 257-272, agosto, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/vPsyhSBW4xJT48FfrdCt-qfp/?format=pdf&lang=pt>

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Pesquisa-Ação: balizando princípios metodológicos. In: **Pesquisa-Ação e Pesquisa Participante em Diálogo**

Internacional. Danilo Streck, Emil A. Sobottka, Edla EGGERT (org.). Editora CRV. Paraná. 2014.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Pesquisa-Ação Pedagógica: práticas de empoderamento e de participação. ETD - **Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 18, n. 2, p. 511-530, 2016. DOI: 10.20396/etd.v18i2.8637507. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8637507>. Acesso em: 24 jun. 2024.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. A pesquisa-ação na prática pedagógica: balizando princípios pedagógicos. In: STRECK, Danilo (Org.). **Conhecer e transformar pesquisa-ação e pesquisa participante em diálogo internacional**. Editora CRV; 1ª Ed. Curitiba:2020, p.217-235.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler** - em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez Editora & Autores Associados, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Professora, sim; tia, não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo, Olho D'Água, 1993.

FREIRE, Ana Maria Araújo. Notas; introdução. In: **Cartas à Cristina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994, p.237-242.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: Cartas Pedagógicas e Outros Escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE. Apresentação. In: **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000, p.9-13.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 21. Ed.. São Paulo: Paz e Terra, 2014

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 49. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina** [recurso eletrônico]: reflexões sobre a minha vida e minha práxis. Organização Ana Maria Araújo Freire. 1.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 71ª ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 85ª ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. Donald Schön e Paulo Freire: um diálogo fecundo na formação de uma professora-pesquisadora In: SHIGUNOV NETO, Alexandre; FORTUNATO, Ivan. 20 anos sem DonalSchön: o que aconteceu com o professor reflexivo? São Paulo: **Edições Hipótese**, p.95 a 110, 2017. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/oB4V-VtZy9vhzvY3lEaFJnTXEwSnM/view?resourcekey=O-ttx7Kns91mK8wfqgzajWA> Acesso: 19 maio 2024.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. Carta sobre Cartas Pedagógicas: homenagem a Paulo Freire no ano do centenário de seu nascimento. **Cadernos de Educação**. Pelotas, n. 65, p. 1-14, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/22096> Acesso: 10 ago 2024.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. Fazer a aula com Cartas Pedagógicas: legado de Paulo Freire e experiência de reinvenção no ensino superior. **Revista Docência do Ensino Superior**, Belo Horizonte, v. 11, 2021b, p. 1–20. DOI: 10.35699/2237-5864.2021.35283. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rdes/article/view/35283> Acesso: 19 maio 2024.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de; NAKAYAMA, Bárbara C. M. Sicardi. Narrar e esperar com cartas pedagógicas: um fecundo diálogo entre o legado de Paulo Freire e a pesquisa narrativa (auto)biográfica. **Crítica Educativa** (Sorocaba/SP), v. 8, N.2, 2022, p. 1-21 – Dossiê Modos de Narrar a Vida. Disponível em: <https://www.criticaeducativa.ufscar.br>

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Andarilhagens de uma educadora pesquisadora: Cartas Pedagógicas e outros registros de participação no Fórum de Estudos Leituras de Paulo Freire**. – 3a ed. Edição – Ouro Preto: Caravana, 2024.

FRIGATO, Edna. Sobre Costura. **Site Pensador**. Disponível em: <<https://www.pensador.com/costura/>> Acesso em 14 jun. 2024.

GERBER, Luiza Maria Lorenzini. **A formação dos assistentes sociais em Santa Catarina: um estudo sobre o primeiro curso de Serviço Social do estado (1958-1983)**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Sócio-Econômico, Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Florianópolis, 2009.

GIURIATTI, Patrícia. Carta a um coletivo de investigadores em Educação: palavras são como fios. Carta Pedagógica. **Seminário de Metodologia da pesquisa em educação**. Programa de Pós-graduação em educação. Universidade de Caxias do Sul, 2024.

HENZ, Celso Ilgo; FREITAS, Larissa Martins; SILVEIRA, Melissa Noal da. Círculos dialógicos investigativo-formativos: uma metodologia de pesquisa inspirada nos círculos de cultura freireanos. **Perspectiva**, [S. l.], v. 36, n. 3, p. 835–850, 2018. DOI: 10.5007/2175-795X.2018v36n3p835. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2018v36n3p835>. Acesso em: 20 jun. 2024.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade** (tradução de Marcelo Brandão Cipolla). – 2. ed. - São Paulo, Editora WMF Martins Fontes, 2017.

HOYUELOS, Alfredo. A estética no pensamento e na obra pedagógica de Loris Malaguzzi. São Paulo: **Phorte**, 2020. <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rdes/article/view/35283> Acesso: 19 maio 2024.

KOHAN, Walter Omar. Paulo Freire: Outras infâncias para a infância. **Educação em revista**: Belo Horizonte, v. 34, 201.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola** – o real, o possível e o necessário. Porto Alegre: Artmed, 2001.

MANGUEL, Alberto. **O leitor como metáfora: o viajante, a torre e a traça**. São Paulo: Edições Sesc, 2017.

MARQUES, Mário Osório. **Escrever é preciso: o princípio da pesquisa**. Ijuí: Ed.UNIJUI, 1997.

MARQUES, Mário Osório. **Escrever é preciso: o princípio da pesquisa**. Ijuí: Editora Unijuí, 2001.

MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de. A abordagem etnográfica na investigação científica. In MATTOS, CLG., and CASTRO, PA., orgs. **Etnografia e educação: conceitos e usos** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. Pp. 49-83.

MEIRELES, Cecília. Ou Isto ou Aquilo. In: **Poesia Completa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MELO, Waisenhowerk Vieira de; BIANCHI, Cristina dos Santos. Discutindo estratégias para a construção de questionários como ferramenta de pesquisa. **R.B.E.C.T.**, vol 8, núm. 3. 2015.

MILLS, C. Wright. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MORAES, Ana Alcídia Araújo. Tarrafa de pescaria: o uso da carta na pesquisa. **Interface - Comunic, Saúde, Educ.**, Local v.9, n. 18, jan/jun 2006, p. 169-184. <https://doi.org/10.1590/S1414-32832006000100012>

MORAES, Ana Alcídia Araújo. Tarrafa de pescaria: o uso de carta na pesquisa. **SciELO Brasil**, São Paulo, ago, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/wXsQYbWZPTQLLv9wbLtBYJv/abstract/?lang=pt#>

MORAES, R. e GALIAZZI, M. do C. **Análise textual discursiva**. Ijuí: Ed. da Unijuí, 2007.

MORAIS, R. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Revista Ciência e Educação**, v.9, número 2, p.191-211. Rio de Janeiro, 2003.

MORÉS, Andréia; STECANELA, Nilda. **Diálogos com a educação: cenários da formação e da atuação docente**: vol. 4. Caxias do Sul, RS: Educus, 2019.

MORETTI, Cheron Zanini et. al. (Orgs.). **Anais do XXIII Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire: Sistema Paulo Freire**: da Educação Básica à Educação Superior [recurso eletrônico] Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC) – São Leopoldo: Casa Leiria, 2022. Disponível em: <http://www.guaritadigital.com.br/casaleiria/acervo/educacao/xxiii-felfp/index.html> Acesso: 20 abril 2024.

MOROSINI, M. C.; FERNANDES, C. B. Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. **Educação Por Escrito**. Porto Alegre, v.

5, n. 2, p. 154-164, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/porescrito/article/view/18875/12399>

NETO, Otávio Cruz; MOREIRA, Marcelo Rasga. SUCENA, Luiz Fernando Mazzei. Grupos Focais e Pesquisa Social Qualitativa: o debate orientado como técnica de investigação o debate orientado como técnica de investigação. In: **Anais do XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais**, realizado em Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil de 4 a 8 de novembro de 2002.

NÓVOA, Antonio. **Carta a um jovem pesquisador em Educação**. Disponível em: <https://rosaurasoligo.wordpress.com/wp-content/uploads/2015/06/antc3b3nio-nc3b3voa-carta-a-um-jovem-investigador.pdf> . Acesso em: 23/06/2024.

NÓVOA, Antônio. Diz-me como ensinas, dir-te-ei quem és e vice-versa. In: **Fazenda**, Ivani. (Org.) A Pesquisa em Educação e as Transformações do Conhecimento. São Paulo: Papirus, 1997, p. 29-41 (Coleção Práxis).

PACOVSKA, Kveta. Entrevista. In: SOBRINHO, Javier. Entrevista Kveta Pacovska. **Revista Emília** [online]. Entrevista concedida em 18 de fevereiro de 2013. Disponível em: <https://emilia.org.br/kveta-pacovska/> Acesso em: 16 jun. 2024.

PAIS, José Machado. Vida cotidiana: enigmas e revelações. São Paulo: Cortez, 2003

PASSOS, Luiz Augusto. Tempo. In: STRECK, D; REDIN, E.; ZITKOSKI, J J (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica, 2019, p. 390.

PENA, A. C.; NUNES, M. F. R.; KRAMER, S.. Formação humana, visão de mundo, diálogo e educação: a atualidade de Paulo Freire e Martin Buber. **Educação em Revista**, n. 34. 2018.

PICCOLI, Marcia Speguen de Quadros; STECANELA, Nilda. Popularização da ciência: uma revisão sistemática de literatura. **Educ. Pesqui.**, v. 49. São Paulo: 2023.

RAMOS, Flávia Brocchetto; PAIVA, Ana Paula Mathias. A dimensão não verbal no livro literário para criança. **Revista Contrapontos**, v. 14, n. 3, p. 425-447, dez. 2014.

RIOS, Terezinha. **Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade**. São Paulo: Cortez, 2008.

ROMANOWSKI, Joana Paulin e ENS, Romilda Teodroa. As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação. **Rev. Diálogo Educ.** [online]. 2006, vol.06, n.19, pp.37-50. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1981-416x2006000300004&lng=en&nrm=iso&tlng=pt

SASSAKI, Romeu Kazumi. Nada sobre nós, sem nós: Da integração à inclusão – Parte 1. **Revista Nacional de Reabilitação**, ano X, n. 57, p. 8-16, jul./ago. 2007.

SHIGUNOV NETO, Alexandre. **20 anos sem Donald Schon**: O que aconteceu com o professor reflexivo? São Paulo: Edições Hipótese, 2017

STECANELA, Nilda. **Diálogos com a Educação**: A escolha do método e a identidade do pesquisador. Educus, p. 15-32. Caxias do Sul, 2012.

STECANELA, Nilda; WESSEL, Samanta Cristina. Por que ir à escola? Da (re) produção de sentidos à espera pela “vida real”. **Atos de Pesquisa em Educação**, v. 11, n. 3, p. 663-679, 2016.

STRECK, Danilo Romeu; ADAMS, Telmo. Pesquisa em educação: os movimentos sociais e a reconstrução epistemológica num contexto de colonialidade. **Educação e Pesquisa**, v. 38, p. 243-258, 2012.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez. 2000.

VEIGA, Ana Lygia Schil da (org.) **Caderno de Artífice**. 1. Ed.. São Paulo: Círculo das Artes, 2021

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Problemas de defectologia**. V. 1. Organização, edição, tradução e revisão técnica de Zoia Prestes e Elizabeth Tunes. 1. Ed.. São Paulo: Expressão Popular, 2021.

ZITKOSKI, Jaime J.; STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides. **Dicionário Paulo Freire**. Grupo Autêntica, 2008. E-book. ISBN 9788582178089. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788582178089> . Acesso em: 02 jun. 2024.



APÊNDICE:

Convite para escrever sua Carta Pedagógica!

Nilda Stecanela

Prezadas (os) pós-graduandas (os)!

É com alegria que formalizo o convite para a escrita de sua carta pedagógica, conforme sugestão que emergiu da própria turma.

Trata-se de uma forma de registrar as suas percepções e sentimentos a respeito do movimento inicial na sua constituição como pesquisadora (o) em educação. E nesse caminho está a escolha do método como um elemento articulador das suas identidades em negociação.

Busque em sua ‘caixa de costura’ (metáfora escolhida para esta escrita associada ao ‘artesanato intelectual’) os retalhos, as tesouras, as linhas e as agulhas para a tessitura das suas narrativas.

Evoque os textos, os diálogos, as indagações, os dilemas, as buscas e os encontros com elas, que circularam em nosso seminário nesses quatro meses...

Estabeleça uma conversa com os autores lidos e com aqueles que lhe chamam para a leitura, mas que ainda não houve tempo para tal.

Inspire-se em suas palavras e transpire os ecos que elas provocam em você, na relação com seu objeto de pesquisa e no compromisso social/pedagógico/científico que sua pesquisa tem com a área da Educação!

Escreva sua Carta Pedagógica, utilizando seguinte formatação:

- Salve o arquivo como: carta_fulana ou carta_beltrano.
- Utilize fonte comic sans, tamanho 11, folha A4, margens de 2cm, espaçamento entre as linhas de 1,5cm.
- Use título centralizado e em negrito.
- Inicie com o local e a data, seguindo de uma saudação ao leitor para o qual você dirige o texto.
- Situe o contexto da escrita da carta, por exemplo, o seminário de metodologia de pesquisa, o período histórico, etc.
- Desenvolva suas ideias em uma atitude de entrega a você mesma (o) e aos seus pensamentos/sentimentos.

- Escreva uma breve mensagem/saudação final.
- Insira as referências.
- Poste sua carta em extensão .doc até o dia 17 de junho de 2024

Com apoio da colega Débora, construímos uma arte para expor sua carta, caso você autorize, em um Varal de Cartas Pedagógicas, aos moldes do que a professora Ana Lúcia de Freitas tem feito todos os anos, em setembro, em Paris, no Jardim Mariele Franco.

Ao final desta apresentação você terá uma amostra do que pensamos para o Varal.

Expresso o desejo de que muitos alinhavos, pontos, contrapontos, costuras e bordados possam ser criados para brindar a turma com suas palavras.

Com afeto,

Professora Nilda (em 10 de junho de 2024, uma linda tarde de sol e temperatura amena na Serra Gaúcha)

P.S.: Escreva um P.S. (Post Scriptum), manifestando concordância em compartilhar sua carta com a turma e/ou com uma futura publicação na Coleção Práticas de Pesquisa.



ÍNDICE REMISSIVO

A

acadêmica, 5, 12, 15, 16, 17, 18, 20, 30, 35, 36, 37, 38, 40, 44, 75, 89, 91, 96, 97, 98, 106, 111, 112, 117, 123, 124, 125, 126, 128, 129, 131
acadêmico, 2, 19, 21, 36, 49, 50, 51, 82, 103, 107, 121, 126
afetividade, 82
alunos, 10, 28, 40, 91, 117, 118, 122
andarilhagem, 14, 15, 17, 18, 104, 110, 111
aprendizagem, 43, 56, 70, 76, 88, 97, 107, 118
arte, 35, 44, 48, 59, 60, 61, 71, 77, 78, 84, 85, 86, 93, 96, 109, 132, 138, 140
autoria, 60, 98, 101, 102, 126
avaliação, 88, 96, 123

C

cartas, 5, 6, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 36, 40, 46, 47, 52, 53, 72, 78, 81, 82, 88, 89, 95, 97, 98, 100, 103, 107, 116, 125, 132, 133, 134
cartas pedagógicas, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 36, 40, 47, 52, 72, 78, 88, 89, 97, 98, 103, 107, 133, 134
comunicação, 19, 22, 90, 91, 100
conhecimento, 10, 12, 13, 17, 20, 22, 32, 35, 36, 40, 41, 43, 44, 48, 52, 53, 56, 59, 60, 63, 71, 72, 75, 78, 79, 85, 92, 93, 95, 96, 97, 98,

102, 104, 109, 110, 111, 113, 115, 118, 120, 125, 131
construção coletiva, 36, 72, 110, 120
cultura, 34, 59, 63, 98, 135
cultural, 38, 64, 77, 93, 94, 106
curiosidade epistemológica, 12, 56, 57, 130

D

desenvolvimento, 36, 37, 40, 79, 82, 83, 92, 97, 116, 120, 129
diálogo, 11, 12, 13, 16, 17, 20, 36, 40, 46, 47, 49, 53, 56, 62, 72, 82, 94, 98, 101, 104, 107, 108, 112, 114, 123, 124, 126, 127, 130, 132, 133, 134, 137
docente, 22, 52, 85, 96, 100, 116, 118, 124, 136

E

educação, 5, 6, 18, 20, 21, 22, 34, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 52, 55, 56, 59, 63, 66, 69, 75, 76, 77, 83, 84, 85, 86, 96, 97, 104, 105, 107, 108, 110, 112, 113, 115, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 135, 136, 137, 138, 139
educacional, 20, 37, 38, 39, 40, 41, 64, 97, 110, 111, 132
educadora, 13, 52, 60, 84, 108, 129, 134
engajamento, 15, 17, 31, 125
ensino, 12, 14, 16, 20, 47, 56, 57, 70, 84, 96, 104, 107, 109, 116, 117, 119, 126, 127, 129, 134
epistemologia, 52, 66, 77, 93, 110

escolar, 38, 39, 40, 59, 69, 96, 123
 escrita, 5, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 36, 44, 46, 47, 53, 55, 57, 58, 63, 67, 68, 76, 77, 79, 82, 88, 89, 90, 93, 95, 97, 98, 100, 101, 102, 103, 107, 108, 116, 117, 118, 120, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 139
 escrita acadêmica., 15, 125
 escrita reflexiva, 12, 22, 36, 76
 escuta ativa, 96
 espectro autista, 1, 3

F

formação, 5, 10, 12, 13, 16, 38, 39, 40, 43, 49, 52, 53, 55, 56, 59, 63, 64, 70, 73, 79, 82, 93, 96, 97, 98, 104, 105, 108, 112, 123, 124, 125, 131, 132, 134, 135, 136
 freireana, 18, 46, 125

G

gestão, 14, 57, 59, 107

I

identidade, 28, 30, 32, 35, 36, 39, 43, 45, 51, 55, 56, 66, 68, 69, 72, 81, 83, 91, 92, 93, 96, 102, 105, 106, 107, 110, 123, 129, 138
 inclusão, 2, 35, 138
 infância, 28, 29, 59, 64, 80, 87, 135
 interação, 16, 36, 40, 82
 investigação, 35, 39, 40, 45, 55, 80, 81, 83, 102, 132, 136, 137

L

leitura, 5, 6, 23, 24, 32, 39, 49, 52, 56, 60, 62, 77, 78, 81, 89, 90, 91, 93, 97, 114, 116, 117, 119, 122, 124, 126, 130, 139

M

mediação pedagógica, 17, 129
 memória, 22, 53, 68, 70, 100, 124
 metodologia, 36, 40, 45, 50, 66, 68, 69, 71, 75, 78, 106, 108, 122, 123, 127, 128, 135, 139

N

narrativa, 17, 97, 134

O

objetivos, 36, 37, 43, 55, 68, 69, 110, 123
 organização, 30, 36, 42, 64, 68, 80, 93, 111

P

participação, 10, 11, 13, 47, 76, 77, 107, 133, 134
 pedagogia, 20, 59, 75, 133
 pedagógica, 5, 11, 14, 16, 17, 18, 22, 24, 32, 34, 37, 40, 46, 47, 55, 57, 65, 69, 72, 82, 88, 97, 107, 118, 124, 127, 133, 135, 139
 pesquisa, 5, 6, 10, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 28, 29, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 49, 50, 52, 55, 56, 57, 58, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 87, 88, 89, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 110, 112, 113, 114, 116, 118, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 138, 139
 planejamento, 11, 33, 34, 71
 políticas, 29, 86, 93, 96, 110, 132
 prática, 17, 18, 22, 35, 36, 40, 44, 46, 47, 56, 72, 77, 82, 85, 87,

89, 97, 98, 107, 110, 119, 130,
133, 134, 135
processo, 2, 4
professor, 34, 39, 52, 63, 79, 92,
94, 98, 104, 112, 123, 124, 134,
138
projeto, 50, 58, 69, 70, 72, 73,
75, 78, 101, 114, 120, 123

Q

qualitativa, 36, 132

R

reflexão crítica, 36, 46, 104
responsabilidade, 2
resultados, 5, 13, 15, 17, 39, 45,
83, 96, 97, 98, 113, 128, 129
Revisão, 4

S

saberes, 18, 59, 63, 72, 75, 98,
102, 107, 109, 110, 111, 133, 134
seminários, 5, 30, 55, 59, 112,
114, 117

sistema, 2
social, 6, 20, 21, 36, 40, 64, 68,
69, 72, 73, 77, 85, 93, 96, 104,
105, 106, 108, 110, 123, 132, 139
sociedade, 52, 72, 84, 93, 102

T

tecnologia, 91
trabalho, 10, 12, 15, 33, 52, 58,
60, 62, 63, 64, 67, 70, 71, 72, 81,
83, 84, 85, 88, 91, 96, 97, 110,
111, 120, 124, 126
transformação, 20, 29, 40, 52,
72, 81, 86, 92, 104, 108, 117

U

universidade, 11, 12, 16, 17, 56,
60, 76, 78, 79, 97, 118, 125, 126,
129, 131

V

vivências, 20, 22, 29, 34, 46, 48,
59, 63, 75, 95, 98, 103, 104, 105

NAS ENTRELINHAS.

*Mãos e linhas tecem o bordado,
enquanto a memória derrama as cores sobre o bastidor.
Entre um ponto e outro,
entre um nó e seu avesso,
o olhar caminha para trás
e refaz o que foi vivido, sonhado, sentido e nunca se gasta.*

Roseana Murray

